



**VNiVERSiDAD  
D SALAMANCA**

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

**MASTER EM ANTROPOLOGIA DE IBEROAMÉRICA**

**LARISSA MARIA DE QUEIROZ**

**INDUMENTÁRIAS DE FALANGES FEMININAS NO VALE DO AMANHECER:  
UMA ETNOGRAFIA NO TEMPLO DE EUSÉBIO – CE, BRASIL.**

**SALAMANCA – ESPANHA**

**2015**

LARISSA MARIA DE QUEIROZ

**INDUMENTÁRIAS DE FALANGES FEMININAS NO VALE DO AMANHECER:  
UMA ETNOGRAFIA NO TEMPLO DE EUSÉBIO – CE, BRASIL.**

Dissertação apresentada ao curso de Master em Antropologia de Iberoamérica, da Universidade de Salamanca, sob forma de dissertação e requisito final para obtenção de título de Mestre.

**Diretores:**

Prof. Dr. Ángel B. Espina Barrio, Diretor de Master em Antropologia de Iberoamérica – Universidade de Salamanca – Espanha.

Profa. Dra. Rosana Eduardo, Tutora da Universidade Federal de Sergipe.

SALAMANCA – ESPANHA

2015

LARISSA MARIA DE QUEIROZ

**INDUMENTÁRIAS DE FALANGES FEMININAS NO VALE DO AMANHECER:  
UMA ETNOGRAFIA NO TEMPLO DE EUSÉBIO – CE, BRASIL.**

Dissertação apresentada ao programa Máster em antropologia de Iberoamérica da Universidade de Salamanca, como requisito final para obtenção do título de mestre em antropologia pela comissão julgadora composta pelos membros:

**COMISSÃO JULGADORA**

---

**Prof Dr. Alfredo Jiménez Eguizabal**

Universidade de Burgos – Castilla y León - Espanha

---

**Prof Dr. Jesus Aparicio Gervás**

Universidade de Valladolid - Espanha

---

**Prof Dr. Javier Rodríguez Pérez**

Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED) - Espanha

Defesa em: 22 de julho de 2015, Salamanca - Espanha

Local: Sala de Grado, Edifício FES, Campus de Unamuno - USAL

Dedico este trabalho aos meus mentores espirituais pela missão que me foi confiada, aos meus pais e irmãs pelo amor e incentivo em toda minha vida acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos os meus familiares, por tudo e desde sempre. À minha mãe, pelos seus princípios religiosos e pelos seus valores morais, tão fundamentais ao meu progresso espiritual quanto material. Ao meu pai, pela honestidade, humildade e simplicidade “Com ele eu aprendi que mesmo sendo grande, podemos ser pequenos”. Isto significa que mesmo que tenhamos tudo ao nosso alcance, não necessitamos nos sentir superiores a ninguém. Às minhas irmãs. À Nila, por ser além de minha irmã, ser a amiga que aconselha a mãe que orienta e conduz, ser a colega de trabalho no exercício da advocacia, por me presentear com uma afilhada linda e, principalmente, ser a certeza que nunca estarei só. À Milene, minha irmã mais velha, que desde que eu era criança, sempre me orientou ao caminho correto tanto material quanto espiritual, e também por me presentear com sobrinhos lindos.

À minha amiga Nilcely, que sempre me apoiou nos meus projetos materiais e espirituais, sempre deu forças para que não desistisse de meus objetivos, fazendo-me acreditar em si mesma.

Ao Marco Túlio e a Renata, o presidente do templo de Eusébio e sua esposa pelo total apoio na realização deste trabalho de campo.

Em memória à primeira Dharman Oxinto Dinah da Silva, que deixou um grande acervo doutrinário do Vale do Amanhecer, facilitando minha pesquisa.

À falange Dharman Oxinto do templo de Eusébio-CE e ao mestre Eldo, adjunto de apoio da falange, principalmente pelo apoio na realização deste trabalho.

Aos adeptos do Vale do Amanhecer que ajudaram na feitura desta pesquisa, por sua disponibilidade de tempo nas entrevistas.

Ao Dr. Angel Espina Bairro também por ter aceito ser meu orientador e se responsabilizar na condução deste trabalho. Inclusive com suas obras de cunho antropológico, que muito contribuíram como fonte de pesquisa e conhecimento.

À minha co-orientadora Dra. Rosana Eduardo que, dispôs com afinco em me ajudar, motivando-me à escolha do tema. E com ética, responsabilidade e paciência, foi capaz de contribuir bastante no meu amadurecimento pessoal como pesquisadora.

Agradeço à Instituição Faculdade Ateneu (FATE) por fazer parte deste sonho, pois somente por intermédio do incentivo ao corpo de docentes, pude me sentir apoiada para realizar uma carreira acadêmica que, dentre elas, envolve a concretização do Mestrado na Universidade de Salamanca.

Pela solicitude e solidariedade de todos os docentes que compartilharam comigo esta tarefa de renúncia em busca de uma realização profissional. Cibelli, Patrícia, Alexsandra, Luciana e Ismael que foram minha família, quando estive distante do meu país. Pessoas que sempre manterei contato, em virtude do grau de importância que tiveram em minha vida.

A todos os meus amigos e alunos, que de uma forma ou de outra contribuíram para que eu pudesse encontrar este caminho, fazer trilhar este projeto e contribuir para a realização deste sonho.

*“Se tereis que me vestir, vestir-me-ei de preto, porque vejo esta cor como o símbolo maior de todas as cores, juntando-as, forma-se o preto. Se tenho que me vestir, vestir-me-ei dos trajes que admiro, para que possa me sentir fortalecida na realização dos meus projetos. Se não poderei me vestir, vestir-me-ei do meu próprio corpo e do meu espírito, que essencialmente me completam”.*

*Larissa Maria de Queiroz.*

## RESUMO

Este trabalho diz respeito à cultura do vestuário feminino no movimento místico denominado Vale do Amanhecer. Entre muitas particularidades desta comunidade estão às vestimentas, que carregadas de símbolos e cores, dividem os grupos em falanges missionárias. Fundado em Brasília, região central do Brasil, por “Tia Neiva”, faz parte dos movimentos religiosos brasileiros vinculados à Nova Era. Neste âmbito, o estudo teve por finalidade interpretar os significados, usos e funções do vestuário na doutrina, tendo como campo de estudo as indumentárias de falange das ninfas no Templo de Eusébio, Ceará/Brasil. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, por meio do método etnográfico, que foi realizado no Ceará e na sede da doutrina em Brasília. Para tanto, utilizou-se a pesquisa documental, bibliográfica e de campo, servindo-se de técnicas de pesquisa como a observação participante e entrevista. Diante do estudo foi possível concluir que a indumentária constitui-se como um meio de identificação, socialização e agrupamento de falanges, estimulando a interação social entre as mulheres participantes. Representa um elemento ritualístico e de identidade de gênero, perpassada por um sistema hierárquico que conduz a participação feminina sob a subordinação dos mestres. O vestuário possui considerável importância simbólica e religiosa, cuja função é possibilitar o trabalho espiritual na doutrina. Sua confecção além de servir como fonte de renda, possui um significado espiritual para aqueles que exercem o ofício de feitura das vestes.

**Palavras-chave:** Vale do Amanhecer; Religião; Gênero; Indumentárias; Ceará-Brasil.

## RESUMEN

Este trabajo se relaciona con la cultura de ropa femenina en el movimiento místico llamado Vale do Amanhecer. Entre las muchas características de esta comunidad están las prendas que incluyen distintos símbolos y colores, los grupos se dividen en falanges misioneras. Fundada en Brasilia, el centro de Brasil, para "Tía Neiva", es parte de los movimientos religiosos brasileños vinculados a la Nueva Era. En este contexto, el estudio tiene como objetivo interpretar los significados, usos y funciones de la ropa en la doctrina, el campo a estudiar es el vestuario falange de ninfas en el templo Eusébio, Ceará / Brasil. La investigación sigue un enfoque cualitativo, a través del método etnográfico, que se celebró en Ceará y la sede de la doctrina en Brasilia. Para ello, se utilizó la investigación documental, la literatura y el campo, haciendo uso de las técnicas de investigación tales como la observación participante y la entrevista. Antes de este estudio, se llegó a la conclusión de que la ropa se estableció como un medio de identificación, la socialización y falanges agrupación, estimulando la interacción social entre las mujeres participantes. Es un elemento ritual y la identidad de género, impregnado de un sistema jerárquico que lleva a la participación femenina en la subordinación de los docentes. El vestido tiene un considerable significado simbólico y religioso, cuya función es permitir el trabajo espiritual en la doctrina. Sus decisiones sirven como una fuente de ingresos, tiene un significado espiritual para los que ejercen el oficio de hacer las prendas.

**Palabras clave:** Vale do Amanhecer ; Religión ; Género ; Prendas ; Ceará , Brasil.



## ABSTRACT

This work is related to the culture of women's clothing in the mystical movement called Vale do Amanhecer. Among the many features of this community are garments including different symbols and colors, missionary groups are divided into phalanges. Founded in Brasilia, central Brazil, for "Tia Neiva" it is part of religious movements associated with New Age Brazilians. In this context, the study aims to interpret the meanings, uses and functions of clothing in the doctrine, the field study is the phalanx wardrobe nymphs in the Eusébio, Ceará / Brazil Temple. The research follows a qualitative approach, through the ethnographic method, which was held in Ceará and the headquarters of the doctrine in Brasilia. To do this, documentary research, literature and the field was used, making use of investigative techniques such as participant observation and interview. Before this study, it was concluded that the clothing was established as a means of identification, socialization and phalanges group, stimulating social interaction between women participants. It is impregnated with a hierarchical system that leads to women's participation in the subordination of teachers ritual element and gender identity. The dress has a considerable symbolic and religious significance, whose function is to allow the spiritual work in doctrine. Its decisions serve as a source of income, has a spiritual for practicing the craft of making garments meaning.

**Keywords:** Vale do Amanhecer ; religion; gender ; clothing ; Ceará , Brazil.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Neiva Chaves Zelaya.....	47
Figura 2 – Templo de Eusébio - CE .....	57
Figura 3 – Marco Túlio e Renata na reunião de Mãe Yara .....	60
Figura 4 – . Mãe Yara. ....	62
Figura 5 – Desimantração de indumentária pelo presidente do templo. ....	64
Figura 6 – Primeira reunião de Mãe Yara, dia 28 de fevereiro de 2015, dentro do espaço denominado Turigano.....	66
Figura 7 – . Segunda reunião de Mãe Yara, dia 08 de março de 2015, que aconteceu no dormitório das ninfas.....	67
Figura 8 – . Entrega das missionárias .....	68
Figura 9 – . Ritual de Consagração de Centúria.....	69
Figura 10 – . Costureira Elizabethe, .....	74
Figura 11 – Costureira Vilany Parente Aguiar .....	78
Figura 12 – Carmem Lúcia palestrando sobre a padronização.....	81
Figura 13 – Carmem Lúcia palestrando sobre a padronização.....	81
Figura 14 – Frente da loja do Vilela. ....	82
Figura 15 – Ione Turial de Almeida em sua residência em Brasília, e a sua indumentária de falange de Tupinambás. ....	86
Figura 16 – Indumentárias da Falange de Nityamas. ....	111
Figura 17 – Indumentárias das falanges de Gregas .....	114
Figura 18 – Indumentária da falange das Mayas.....	116
Figura 19 – Indumentárias das falanges de Yuricys.....	118
Figura 20 – Indumentárias das falanges de Muruaicys .....	120
Figura 21 – Indumentárias das falanges de Jaçanãs .....	122
Figura 22 – Indumentária da falange de Ciganas Aganaras .....	124
Figura 23 – Indumentárias da falange de Samaritanas .....	126
Figura 24 – Indumentárias da falange Dharman Oxinto .....	129
Figura 25 – Indumentária da falange Narayama. ....	132
Figura 26 – Indumentárias da falange Ariana. ....	134
Figura 27 – Indumentárias da falange Cayçara .....	136
Figura 28 – Indumentária da falange das Rochanas .....	138
Figura 29 – Indumentária da falange Madalenas.....	139
Figura 30 – Indumentária da falange Franciscana.....	141
Figura 31 – Indumentária da falange Cigana Tagana.....	143
Figura 32 – Indumentária da falange Tupinanbás. ....	144
Figura 33 – Indumentária da falange de Agulha Ismênia.....	146
Figura 34 – Indumentárias da falange Niatras.....	147

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>09</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Questão de Pesquisa .....</b>	<b>14</b>
<b>1.2 Justificativa .....</b>	<b>15</b>
<b>1.3 Objetivos .....</b>	<b>16</b>
1.3.1 Objetivo Geral .....	16
1.3.2 Objetivos Específicos .....	16
<b>1.4 Hipóteses .....</b>	<b>17</b>
<b>1.5 Metodologia.....</b>	<b>17</b>
<b>1.5.1 Classificação da pesquisa.....</b>	<b>17</b>
<b>Quanto à abordagem.....</b>	<b>17</b>
<b>Quanto ao método .....</b>	<b>18</b>
<b>Quanto aos procedimentos .....</b>	<b>19</b>
<b>a) Pesquisa bibliográfica .....</b>	<b>19</b>
<b>b) Pesquisa documental.....</b>	<b>19</b>
<b>c) Pesquisa de campo.....</b>	<b>20</b>
<b>Técnicas de pesquisa .....</b>	<b>21</b>
<b>a) Observação participante.....</b>	<b>21</b>
<b>b) Entrevistas.....</b>	<b>22</b>
<b>Recursos utilizados.....</b>	<b>25</b>
<b>Análises de dados.....</b>	<b>26</b>
<b>Limitação de pesquisa.....</b>	<b>26</b>
<b>2 MARCO TEÓRICO .....</b>	<b>28</b>
<b>2.1 Antropologia e Religião .....</b>	<b>28</b>
<b>2.2 O Movimento Nova Era.....</b>	<b>31</b>
<b>2.3 Vestuário: uma perspectiva antropológica .....</b>	<b>37</b>

2.4	Antropologia e Gênero.....	41
3	A DOCTRINA DO VALE DO AMANHECER.....	47
3.1	A fundação da doutrina do Vale do Amanhecer .....	47
4	TEMPLO DE EUSÉBIO - CE.....	54
5	APRESENTAÇÃO DOS DADOS .....	59
5.1	As falanges e suas indumentárias .....	69
5.2	As indumentárias na Consagração de Centúria.....	69
5.3	Consagração de 1º de Maio .....	73
5.4	Entrevistas realizadas .....	74
6	DISCUSSÃO DOS DADOS .....	88
6.1	As simbologias da doutrina .....	88
6.2	As relações de hierarquia e gênero .....	92
6.3	O vestuário como elemento ritualístico .....	94
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	97
	REFERÊNCIAS .....	101
	GLOSSÁRIO .....	105

**APÊNDICE 1 - DADOS DE OBSERVAÇÕES DA PESQUISA DE CAMPO NO  
TEMPLO DE EUSÉBIO – CE, BRASIL**

**APÊNDICE 2 - DADOS DE OBSERVAÇÕES DA PESQUISA DE CAMPO NO  
TEMPLO DE EUSÉBIO – CE, BRASIL**



Fonte: Márcio Garcez



Fonte: Pesquisa de campo.

# 1 INTRODUÇÃO

A comunidade religiosa conhecida como Vale do Amanhecer (VDA)<sup>1</sup> desperta a atenção de estudiosos e sociedades em geral, por se tratar de um movimento religioso doutrinário, repleto de simbolismo e particularidades, que ao longo dos anos vem ganhando adeptos em todo Brasil e em algumas partes do mundo. Trata-se de uma doutrina que atualmente conta com mais de setecentos templos instalados no Brasil e mais de uma dezena de unidades templárias no exterior, incluindo Portugal, Japão, Alemanha e EUA (IPHAN, 2010)<sup>2</sup>. O percurso doutrinário de transformação e construção do Vale se confunde com a vida da médium Neiva Chaves Zelaya, popularmente conhecida como Tia Neiva, fundadora e responsável pela construção e consolidação da Doutrina Vale do Amanhecer.

O Vale do Amanhecer é definido por seus integrantes como sendo uma doutrina espiritualista cristã, universal, tendo como base os ensinamentos de Jesus Cristo, composto por um sistema técnico de rituais (ZELAYA, p.37). Para tanto, carrega diversas simbologias e particularidades. Reis (2008, p. 121) considera que;

O simbólico no Vale, em razão de seu agudo sincretismo, ganha contornos estéticos impactantes. Cores, formas e construções denunciam o valor atribuído à imagem neste sistema religioso. Um estudo de seus símbolos pode conduzir com relativa segurança à compreensão da doutrina e de seus propósitos e, por acréscimo, denunciar aspectos importantes da identidade do grupo.

Entre muitas particularidades desta comunidade mística estão às vestimentas, carregadas de símbolos e cores, que dividem os missionários em grupos chamados de falanges missionárias. Estas falanges são “Mestres ou Ninfas que, por disporem de um transcendente espiritual comum, formam um grupo, com indumentária que os identifique, trazida por Tia Neiva dos planos espirituais e assume a tarefa de atuar de forma singular na condução de rituais específicos” (IPHAN, 2010, p. 263). Conforme Oliveira (2007, p.12), “as indumentárias utilizadas por seus adeptos configuram e caracterizam a história, a estética e a

<sup>1</sup> Para melhor compreensão do texto e a não repetição do nome da doutrina mencionaremos Vale do Amanhecer sob diferentes nomenclaturas a seguir: VDA, Doutrina do Amanhecer, Vale, Templo do Amanhecer, Gamúrio do Amanhecer, Casa e Amanhecer.

<sup>2</sup> É importante notar que a partir de 04 de Agosto de 2000, por efeito do decreto 3551, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial no Brasil, IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional vem realizando políticas públicas voltadas ao reconhecimento dos chamados bens culturais de natureza imaterial. Neste contexto, o IPHAN do Distrito Federal registrou em 2010 a doutrina do Vale do Amanhecer como patrimônio imaterial do Brasil no Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC (IPHAN, 2010).

identidade do grupo, a partir de suas práticas ritualísticas que forjam narrativas visuais, mediadoras e agregadoras da comunidade”. Para tanto, procurou-se observar a diversidade de indumentárias femininas existentes, considerando suas simbologias, usos e funções ritualísticas.

### **1.1 Questão de pesquisa**

Inegavelmente a doutrina do Amanhecer se movimenta através da caridade e nenhum trabalho é realizado sem o uso das indumentárias correspondentes. Vale ressaltar que a multiplicidade do vestuário no VDA causa uma impressão impactante, estando presente em todos os rituais. Neste âmbito têm-se diversos símbolos presentes nas vestes que se assemelham com a estrutura arquitetônica do templo.

As vestes femininas se destacam em relação às masculinas em dois significativos aspectos. Um deles é a quantidade, pois as falanges femininas ampliam a quantidade de vestes das mulheres, já que existem vinte falanges femininas e apenas duas masculinas. Outro aspecto é estético, pois as roupas femininas são mais coloridas, com mais bordados, já as masculinas quase não possuem adornos, apresentando-se de forma mais discreta.

Busquei tratar de um tema ao qual estou inserida, uma vez que faço parte da doutrina há mais de 10 anos, trabalhando como ninfa e fazendo o uso das vestes. Porém, antes da pesquisa, não possuía conhecimento aprofundado sobre os significados dos vestuários no VDA. Por isso, como mulher, integrante e pesquisadora, busquei entender a temática por meio de uma dimensão antropológica. Para tanto, partir do seguinte problema de pesquisa: quais os significados, usos e funções das indumentárias das ninfas no Vale do Amanhecer?

Além disso, o estudo permeou outras questões secundárias, tais como:

- a) Como ocorre a confecção das indumentárias?
- b) Quais as relações de hierarquia e gênero que permeiam as vestimentas?
- c) Quais as particularidades e funções das indumentárias das ninfas?

## 1.2 Justificativa

A escolha do tema se deu pelas singularidades simbólicas e ritualísticas da doutrina, bem como as especificidades das vestimentas e adornos utilizados nas celebrações e rituais existentes, considerados como elementos de diferenciação das demais religiões brasileiras. O interesse no estudo adveio da escassez de publicações sobre o uso das indumentárias no Vale do Amanhecer, uma vez que a doutrina é composta por uma quantidade significativa de vestimentas, em sua maioria feminina, pouco tratada em pesquisas científicas.

A escolha do Vale do Amanhecer situado em Eusébio-CE ocorreu devido ao fato do templo envolver nos trabalhos espirituais a totalidade de falanges missionárias pertencente à doutrina, utilizando a quantidade máxima de indumentárias femininas. Além disso, o templo é considerado um dos maiores do Ceará, possuindo quase a totalidade de trabalhos doutrinários que a doutrina Vale do Amanhecer propõe. E, por último, por não haver publicações científicas sobre o referido espaço religioso.

As vestimentas femininas são as que sempre me despertaram curiosidade, seja pela diversidade de cores e símbolos, seja pela quantidade. Suas simbologias aproximam-se de algumas características das civilizações antigas, dando ênfase as mais diferentes culturas, com distintas formas e cores, simbolizando contextos de um passado histórico, como na Roma antiga e a velha Índia.

Entrei no Vale do Amanhecer no ano de 2004 e, devido à participação na doutrina, fui morar com a família em frente ao templo em Eusébio-CE em 2010. Apesar de meu pai não fazer parte, prontamente aceitou a mudança em razão da minha escolha e da minha mãe. A decisão de estar próximo ao templo se deu ao fato de cotidianamente realizarmos atividades na doutrina. Por isso, morar perto facilitaria significativamente o nosso trabalho, pois cuidamos de diversas atividades doutrinárias pertencentes à falange missionária. Além disso, cuidamos das atividades de cantinas e eventos sociais que ajudam nas obras do VDA.

Nós, eu e minha mãe, pertencemos à mesma falange missionária chamada Dharman Oxinto, que em hebraico significa “a caminho de Deus”. Por isso utilizamos as mesmas vestes para a realização de rituais específicos. Minhas irmãs também são da doutrina,



porém não residem em frente ao templo. Cada uma participa de uma falange específica, sendo uma da Samaritana e a outra da Franciscana.

O presente trabalho contribuirá para a compreensão de aspectos relevantes às indumentárias das ninfas, bem como servirá como conteúdo etnográfico para o templo pesquisado, haja vista que não há trabalhos científicos produzidos sobre o referido espaço até então. É de se ressaltar a importância de compreender um campo religioso com diferentes formas de expressões simbólicas, como a do Vale do Amanhecer, como forma de analisar a experiência religiosa na contemporaneidade, buscando contribuir para os estudos acerca do movimento da Nova Era no Brasil.

Procura, ainda, contribuir para a compreensão do papel exercido pelo vestuário das ninfas de falanges, com o objetivo de interpretar os usos materiais e simbólicos na construção da realidade vivenciada. A defesa deste trabalho em território espanhol contribuirá para o conhecimento sobre a doutrina do Vale do Amanhecer, temática ainda pouco conhecida no âmbito acadêmico local, possibilitando novos estudos sobre o assunto.

### **1.3 Objetivos**

**Objetivo Geral:** interpretar os significados, usos e funções do vestuário na doutrina Vale do Amanhecer, tendo como campo de estudo as indumentárias da falange das ninfas no Templo de Eusébio, Ceará.

**Objetivos Específicos:**

- a) Analisar a lógica social das indumentárias, considerando as questões simbólicas, de hierarquia e gênero.
- b) Descrever como ocorrem as escolhas, a confecção e os usos das indumentárias das falanges femininas;
- c) Identificar as características e funções dos vestuários das ninfas nas atividades religiosas da doutrina.

## 1.4 Hipóteses:

- a) Na doutrina, as indumentárias representam um meio de identificação, socialização e agrupamento em falanges.
- b) Existe uma maior aceitabilidade das mulheres em cumprir as obrigações doutrinárias em razão do uso das vestes.
- c) O processo de escolha, confecção e entrega do vestuário feminino é uma forma de assegurar que as mulheres permaneçam na doutrina até atingir o amadurecimento necessário para fazer parte de uma falange missionária.

## 1.5 Metodologia

### 1.5.1 Classificação da pesquisa

#### Quanto à abordagem

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa. Rudio (1986, p.28) apud Bastos (2012) explica que um estudo de caráter qualitativo deve ser feito de modo sistematizado, utilizando um método próprio e técnicas específicas para se chegar a esta realidade empírica.

O caráter qualitativo se justifica em razão da realidade simbólica e social que se buscou abarcar no estudo, uma vez que a pesquisa envolveu questões que não podem ser compreendidas sem observar, descrever e interpretar a realidade investigada. “El investigador cualitativo intenta penetrar en el interior de las personas y entenderlas desde dentro, realizando una especie de inmersión en la situación y en el fenómeno estudiado” (MARSHALL y ROSSMAN, 1989) apud Latorre, Rincón e Arnal (1996, p.200).

As pesquisas qualitativas partem do princípio de que a realidade não existe por si só, mas na interpretação que as pessoas fazem da realidade. E, quando se está pesquisando um contexto sociocultural, todas as manifestações ocorridas são formas de comunicar a interpretação de um fenômeno. Esta interpretação ocorre sob a ótica do pesquisador.

Como a dissertação está pautada em uma pesquisa etnográfica de dimensão antropológica, se faz importante utilizar uma abordagem capaz de traduzir as especificidades sociais e simbólicas do tema em questão. Explica Kuschnir (2007, p.166) que a “abordagem antropológica privilegia técnicas de pesquisa qualitativas, voltadas para a realização de trabalho de campo com observação participante e entrevistas em profundidade”.

## **Quanto ao método**

Como foi dito anteriormente, o trabalho parte de dados etnográficos baseados na interação da pesquisadora com o campo de estudo. Conforme Kottak (2011), o método etnográfico é uma estratégia para estudar com maior profundidade e uniformidade as diferentes culturas e desenvolve-se, principalmente, nas ciências humanas ou sociais, trabalhando com dados ou fatos colhidos da própria realidade. Para Geertz (2008, p.10)

a cultura não é um poder, é algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos com densidade.

Por isso é importante captar as informações que se repetem para conseguir compreender os significados que representam para descrever com densidade. Creswell (2007) apud Malheiros (2011, p. 103) destaca que “a etnografia é um dos estudos mais relevantes das abordagens qualitativas, pois se baseia na realidade e na vivência do outro para retratar o fenômeno”.

Nesta pesquisa buscou-se observar, descrever, registrar e interpretar os dados colhidos durante a pesquisa de campo. A etnografia foi iniciada durante a reunião de Mãe Yara, momento em que foi possível observar o processo de escolha das falanges e suas respectivas vestes pelas mulheres do VDA. Houve o acompanhamento do trabalho de confecção das roupas, identificando a importância espiritual das vestes para os costureiros e a feitura das indumentárias de falanges femininas como fonte de renda.

Foi possível participar, enquanto pesquisadora, do ritual de Centúria, considerado um ritual de passagem que representa o ingresso da maioria das mulheres nas falanges femininas, possibilitando-as posteriormente realizar as atividades religiosas. Houve também o acompanhamento etnográfico no Congresso das Nityamas e no Ritual do 1º de Maio, bem como a coleta e descrição dos relatos dos familiares de Tia Neiva no Templo de Brasília, como sua filha Carmem Lúcia e seu neto Jairo Zelaya Leite.

## **Quanto aos procedimentos**

### **a) Pesquisa bibliográfica**

Durante a pesquisa bibliográfica, procurou-se separar em dois percursos o estudo aos quais contribuíram para contextualizar o problema e a fundamentação teórica, subdividido em: estudos antropológicos (sobre Nova Era, indumentária, religião, rituais e gênero) e os trabalhos científicos sobre o VDA (livros, teses, dissertações, monografias, artigos, anais, etc). Confirme explica Lakatos e Marconi (1994) apud Bastos (2012, p. 29):

A pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia tornada pública, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., incluindo meios de comunicação oral como rádio, gravações em fita magnética e audiovisual, filmes e televisão, enfim, tudo o que foi dito, escrito ou filmado, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transmitidas.

A pesquisa bibliográfica teve por finalidade dar fundamento teórico ao contexto pesquisado. Desta forma, houve a utilização de livros, artigos científicos, teses de doutorado e bases de dados na internet para compreender num primeiro momento o conceito antropológico de religião, indumentária, gênero e ritual. Porque não basta somente descrever e interpretar o contexto estudado, faz-se oportuno ver os pontos de convergências e divergências entre o contexto estudado sob a perspectiva teórica e empírica para poder realizar as próprias conclusões.

### **b) Pesquisa Documental**

Se a pesquisa bibliográfica utiliza textos que já existem como fontes dos dados, a pesquisa documental parte de textos já existentes. Porém, a diferença reside na fonte em que tais conteúdos são retirados, pois a pesquisa documental tem os dados extraídos exclusivamente de documentos (escritos ou não). Chizzoti (2008) apud Malheiros (2011, p.85) “destaca que documentos são informações sistemáticas, que podem aparecer de forma visual, escrita ou oral e devem necessariamente encontrar-se em um material que seja uma fonte durável de armazenamento”.

A pesquisa documental serviu para ter acesso ao acervo doutrinário do Vale, composto por manuais, livros, escritos de seus adeptos e cartas de Tia Neiva. A maioria destes escritos foram produzidos durante o período em que Tia Neiva estava viva, que serve como conteúdo para consultas realizadas por adeptos e pesquisadores que procuram compreender a doutrina. Além disso, serve também para obter informações sobre nomenclaturas desconhecidas que são inerentes ao Vale do Amanhecer. As informações oficiais coletadas

durante a pesquisa documental traduziram diversas singularidades da doutrina que dialogaram com os dados bibliográficos e etnográficos.

**c) Pesquisa de Campo**

A pesquisa de campo, conforme Bastos (2012) põe-se em contato direto com o fenômeno a ser estudado no local, partindo da realidade vivida. A experiência de campo envolveu diferentes pessoas ligadas diretamente à doutrina, abarcando, em sua maioria, mulheres. Tive acesso ao campo conversando com o presidente do templo, Marco Túlio Barbosa, responsável por esclarecer os assuntos referentes à doutrina. Durante o primeiro contato na condição de pesquisadora, informei sobre meu trabalho, minha intenção de pesquisa e a possibilidade do estudo servir como acervo do templo. De pronto fui informada pelo presidente que poderia me ajudar com alguns de seus livros, autorizando minha permanência como pesquisadora e se prontificando a relatar a história da doutrina, bem como tirar quaisquer dúvidas.

Depois procurei a Coordenadora das falanges femininas, Renata Melo de Oliveira, esposa do presidente que logo me convidou a participar da Reunião de Mãe Yara. Foi através da mesma que me informei sobre os costureiros oficiais da doutrina. Tive como principal campo de pesquisa o templo de Eusébio no Ceará, porém precisava também ouvir os relatos daqueles que vivenciaram a inserção das indumentárias na doutrina. Por isso, fui a Brasília e procurei a matriz do VDA, que está localizada em Planaltina. Brasília serviu para complementar os dados sobre as indumentárias na doutrina, por meio das pessoas que colaboraram neste âmbito. Além disso, serviu para registrar através de fotos, o maior ritual da doutrina, chamado 1º de Maio, quando acontece a consagração de todas as falanges, atraindo adeptos dos mais diferentes estados brasileiros e países.

Em Eusébio, no Ceará, iniciei a pesquisa em 28 de fevereiro de 2015 durante a reunião de Mãe Yara, momento em que foram apresentados os significados das vestimentas, bem como as funções das falanges e suas respectivas indumentárias. O evento foi realizado em dois dias com a apresentação de todas as vestimentas e serve para orientar às mulheres que ainda não escolheram a respectiva falange. Em tais momentos eram explicados os símbolos que remetiam as civilizações antigas, bem como os usos e normas vinculadas às indumentárias e suas falanges.

A pesquisa de campo continuou a ser realizada nos meses de março e abril de 2015. Neste período busquei entender os significados das vestimentas, descrevendo as

histórias contadas por alguns integrantes das falanges missionárias no templo de Eusébio-CE e por parentes em Brasília que conviveram com a líder espiritual fundadora da doutrina, como seu neto, Jairo Zelaya Leite. Busquei também ter acesso às costureiras do templo de Eusébio-CE para ouvir a relação entre profissão e religião.

Como integrante da doutrina precisei me afastar dos trabalhos missionários e das vestes as quais fazia uso para que minha função de missionária e minhas observações pessoais não pesassem mais do que minha observação como pesquisadora. No dia do Ritual de Centúria usei uma veste de cunho particular e pessoal diferente da que habitualmente utilizada como ninfa. As tarefas doutrinárias que costumava realizar na casa foram repassadas a outras pessoas, possibilitando um conhecimento de fora para dentro.

Mesmo assim, durante a pesquisa no templo de Eusébio-CE, onde todos me conheciam, era comum chegar uma ou outra pessoa pedindo para eu usar a indumentária para realizar os trabalhos. Diante do pedido costumava dar a mesma resposta: que estava atuando como pesquisadora, apesar de ser ninfa, e que não poderia realizar o trabalho.

Foi difícil para os integrantes da doutrina compreenderem meu papel de pesquisadora. Assim, frequentemente tinha que explicar a minha impossibilidade e, por isso, cheguei a sofrer discriminação de alguns missionários que não entendiam o fato de ter viajado para Brasília e não ter realizado a Consagração de 1º de Maio.

### **Técnicas de Pesquisa**

A coleta de dados foi realizada por meio da observação participante e da entrevista. Para registrar as observações e as entrevistas utilizou-se áudio, fotos e o caderno de campo.

#### **a) Observação participante**

Na tentativa de buscar compreender “o ponto de vista do outro” na comunidade VDA, realizou-se anotações sobre os fatos ocorridos, buscando realizar um exercício hermenêutico, partindo do princípio que a hermenêutica exige a inclusão, a penetração e o confronto dos horizontes socioculturais do pesquisador e do pesquisado. Nesse sentido, concordamos com Calvino (1988) quando explica que as linguagens naturais dizem mais do que as formalizadas. As linguagens formais dizem sempre algo menos do que se é vivenciada. Por isso, testemunhar o comportamento das ninfas, o processo de escolha e feitura das indumentárias e, mais precisamente, as relações sociais que envolvem as falanges

missionárias seguiu uma abordagem interpretativa. Conforme Geertz (2008), o objetivo da antropologia interpretativa não é responder as questões mais profundas, mas colocar à disposição as respostas que foram informadas pelos interlocutores para incluí-las no registro de consultas sobre o que o homem disse.

A observação participante conforme Thiollent (1983) apud Bastos (2012) é um instrumento de pesquisa que têm em comum a interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas, não obedecendo a uma proposta predeterminada de ação. A observação participante contribuiu para possibilitar um contato direto e pessoal com o contexto investigado.

O fato de a pesquisadora pertencer à comunidade religiosa objeto de seu estudo não significa que esteja mais próxima do conhecimento em relação a uma comunidade desconhecida. Assim, concorda com Gilberto Velho (1978) quando explica que o familiar não necessariamente é conhecido. O autor conclui em seu trabalho que a relativização é fundamental para a Antropologia, uma vez que tal campo de estudo está preocupado em perceber a mudança social como resultado de um acúmulo progressivo de interações cotidianas. Ao seguir esta premissa, foi possível relativizar as noções de distância e objetividade durante a pesquisa no VDA, permitindo a construção do conhecimento observando o familiar.

Por isso, a observação participante foi fundamental, na medida em que me possibilitou participar e observar das práticas religiosas da doutrina como pesquisadora e não como integrante. Apesar de já ter visto por diversas vezes o ritual de Centúria e o de 1º de Maio, comparecer no papel de pesquisadora resultou em uma experiência única. Esta etapa da pesquisa permitiu testemunhar a dinâmica do VDA, considerando que, muitas vezes, o que se vê difere do que se é dito. Contribuiu para dirimir as dúvidas, facilitando uma melhor compreensão do todo e também das especificidades de informações que não são relatadas.

## **b) Entrevistas**

Trabalhou-se com uma entrevista semiestruturada, obedecendo a uma lista de perguntas, mas possibilitando o pesquisador incluir outros assuntos durante a entrevista. Vale ressaltar que tais relatos foram gravados, havendo a transcrição literal da fala dos entrevistados. O uso da entrevista foi fundamental para compreender as informações teóricas adquiridas e as observações feitas no local, bem como ter acesso aos relatos dos pelos

integrantes da doutrina. Conforme ensina Bastos (2012), a entrevista possui natureza interativa, pois aprofunda o conhecimento através da conversação e é também considerada uma importante técnica de coleta de dados numa observação participante.

Além das entrevistas semiestruturadas, realizou-se também conversas informais que, conforme Caleffe (2007) apud Malheiros (2011, p.197), o “[...] pesquisador e entrevistado (s) estão à vontade, como em uma conversa que flui na direção que o entrevistador deseja”. Procurou-se deixar o entrevistado livre para falar sobre um determinado assunto.

Durante o trabalho de campo busquei realizar entrevistas com pessoas que oficialmente teriam conhecimento sobre a feitura das vestes no templo de Eusébio - CE, ou seja, àquelas que poderiam esclarecer com detalhes a importância e a necessidade de usá-las para o trabalho espiritual. Entrevistei um dos responsáveis pelo ritual de Centúria, José Homero Tertuliano de Brito, considerado o primeiro dos rituais que autoriza o uso da maioria das vestes femininas. Procurei também os veteranos da doutrina, que residem no VDA em Brasília, local de fundação da doutrina, que conviveram com Tia Neiva na época em que as indumentárias foram instituídas, tais como Carmem Lúcia, filha da fundadora, que ajudou na costura das vestes e presenciou os desenhos de sua mãe Neiva, afirmando que a mesma reproduzia do mundo espiritual tais vestes. A mesma foi responsável pela sistematização das indumentárias de falanges missionárias junto à fundadora.

Carmem Lúcia Chaves Zelaya Albuquerque prontificou-se, por telefone, antes mesmo da minha ida a Brasília em passar as informações pertinentes ao meu trabalho. Jairo Zelaya Leite, neto de Tia Neiva, mesmo sem pedir e sem me conhecer, ao saber do trabalho fez questão de auxiliar naquilo que tinha aprendido com sua avó. No total foram onze entrevistados, conforme a tabela abaixo:

**Tabela 1 – Sujeitos da Pesquisa**

<b>Entrevistado</b>	<b>Função</b>	<b>Data da Entrevista</b>
Marco Túlio Barbosa	Presidente do templo de Eusébio	04. 04. 2015
Renata Melo de Oliveira	Coordenadora das falanges no templo de Eusébio	05.04.2015
José Homero Tertuliano de Brito	Responsável pelo ritual de Centúria	21.03.2015
Elizabeth Santiago Lima	Costureira do templo de Eusébio	30.03.2015



Manoel Alves dos anjos	Costureiro do templo de Eusébio	29.03.2015
Maria Evanir da Costa	Costureira do templo de Eusébio	29.03.2015
Vilany Parente Aguiar	Costureira do templo de Eusébio	29.03.2015
Carmem Lúcia Chaves Zelaya Albuquerque	Costureira do templo mãe e filha da Tia Neiva	03.05.2015
Vilela	Ilustrador oficial da doutrina	04.05.2015
Jairo Zelaya Leite	Neto de Tia Neiva	04.05.2015
Ione Turial de Almeida	Primeira Tupinambá	04.05.2015

Dentre os adeptos do Vale do Amanhecer de Eusébio – CE foram entrevistados o Presidente Marco Túlio Barbosa e sua esposa Renata Melo de Oliveira. Tal escolha se deu em virtude do primeiro saber a importância das falanges missionárias, do Ritual de Centúria e a história do templo de Eusébio. E a sua esposa por ser responsável por conduzir a escolha das indumentárias, de manter o padrão das vestimentas e de ser a coordenadora de todas as falanges femininas no templo de Eusébio.

José Homero Tertuliano de Brito foi escolhido para ser entrevistado por ser um dos responsáveis por coordenar o Ritual de Centúria e é considerado o que coordena com maior frequência o ritual no templo de Eusébio. Foram entrevistas os costureiros considerados oficiais no templo de Eusébio-CE. São eles: Elizabeth Santiago Lima, Manoel Alves dos Anjos, Maria Evanir da Costa e Vilany Parente Aguiar. Entrevistá-los foi importante para saber como ocorre a feitura das vestes, as habilidades profissionais, dificuldades vivenciadas e a importância desta produção na geração de renda. Os costureiros do Vale do Amanhecer relataram durante as entrevistas a função espiritual e material que envolve o ofício.

Carmem Lúcia Chaves Zelaya Albuquerque, uma das filhas de Tia Neiva, reside em Brasília e mora próximo ao templo mãe. Achei fundamental entrevistá-la, pois é considerada a primeira costureira do Vale do Amanhecer, tendo, portanto a missão deixada por sua mãe Neiva de manter o padrão das indumentárias.

Vilela<sup>3</sup>, também residente em Brasília (próximo ao templo), atua como o ilustrador oficial deixado por Tia Neiva para pictopsicografar as entidades espirituais, já que o

---

<sup>3</sup> Na entrevista com Vilela, ao perguntar seu nome, informou que Vilela era o único nome que utilizaria, pois era o mesmo que tinha reconhecimento internacional.

mesmo possui a capacidade de desenhar a fotografia das entidades espirituais, em razão de suas condições mediúnicas especiais, sendo o único entrevistado que não pertence ao VDA.

Jairo Zelaya Leite, pesquisador e neto de Tia Neiva, contribuiu para esclarecer a relação entre as indumentárias do VDA com as antigas civilizações. Ione Turial de Almeida recebeu a missão de coordenar a falange de Tupinambás, sendo considerada a primeira Tupinambá. Ione Turial de Almeida fez sua indumentária sem a clarividência de Tia Neiva, sendo a única missionária a utilizar-se da própria intuição.

### **Recursos utilizados**

O estudo fez uso do registro fotográfico, do caderno de campo e o registro de áudio. A fotografia colaborou na inventariação fotográfica dos vestuários das ninfas, cuja variedade de indumentárias e de acessórios serve, em sua maioria, para determinar papéis distintos no decorrer do processo ritual.

É de fundamental importância o uso das imagens em pesquisas que buscam compreender as representações sociais. A presença de imagens possibilita uma atribuição correta do seu significado. “Na imagem, contudo, os signos estão presentes simultaneamente. Suas relações sintagmáticas são espaciais e não temporais” (PENN, 2000, p. 322). A maioria das imagens no VDA se exprime por meio de símbolos ou de mitologemas, que, para Silveira (1992) demonstra que tais significações são muitas vezes desconhecidas. Então, faz-se necessário o registro por meio de fotografias.

O uso da fotografia foi um importante mecanismo para entender a lógica social e simbólica destas representações no complexo Vale do Amanhecer. Diz Moscovici (2003, p.72) que se trata de “um complexo de imagens que reproduzem visivelmente um complexo de ideias”. No contexto cultural do Vale a pesquisa de campo envolveu uma rede de significados envolvendo palavras e imagens que se interligaram para dar sentido específico a representação social deste campo religioso.

O caderno de caderno foi utilizado para anotar as observações sobre os rituais, sobre o trabalho das mulheres, bem como as histórias contadas e preces. Trata-se de um instrumento indispensável para o etnógrafo, servindo como um depositário de notas, impressões, observações, esboços e desabafos. E é justamente por esse atributo que o caderno de campo representa e simboliza a prática do antropólogo. Em nossa pesquisa o caderno de

campo registrou todos os primeiros passos de uma aprendiz, que tudo anotou, não deixando passar nada.

### **Análise de Dados**

A análise de dados ocorreu por meio de três categorias analíticas. São elas:

- a) Simbologia da doutrina
- b) As relações de hierarquia e gênero
- c) Vestuário como elemento ritualístico

### **Limitações da pesquisa**

A possibilidade de interferência pessoal foi uma das principais limitações da pesquisa, uma vez que teria que trabalhar para que minha opinião não interferisse na pesquisa. Em razão das pessoas já me conhecerem não esmiuçavam com detalhes suas informações, a não ser que eu perguntasse, e outras vezes, mesmo perguntando, havia um incômodo em responder “o que eu já deveria saber”. Entretanto, durante toda a pesquisa de campo busquei estratégias metodológicas para que os interlocutores não me vissem como integrante e sim como pesquisadora.

Para realizar o trabalho de campo na sede do VDA em Planaltina, cidade satélite de Brasília, foi necessário a intermediação de pessoas conhecidas para que houvesse a possibilidade de realizar as entrevistas e as observações.

Ao analisar os dois templos onde fiz a pesquisa, percebi, diante dos dados coletados, novos entraves, pois, apesar das semelhanças, havia peculiaridades e singularidades, dificultando a análise dos dados. Outra limitação da pesquisa foi o tempo para a realização da dissertação, que envolveu um período curto para a realização de um trabalho etnográfico que envolveu dois locais diferentes de pesquisa, ou seja, Eusébio – CE, no Nordeste do país e Brasília, que se localiza no Centro-Oeste do Brasil.



Fonte: Pesquisa de campo.

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 Antropologia e Religião

A antropologia é a ciência que estuda o homem, cuja nomenclatura é *anthropos* – homem; *logos* – ciência, ou seja, ciência do homem. Existem diversas variantes formuladas por estudiosos sobre a concepção do homem e sua natureza, permeando desde uma perspectiva clássica, filosófica e humanística, até variantes físicas e culturais. No entanto, o intuito da reflexão que faremos a seguir é buscar a percepção da lógica antropológica capaz de entender a relação entre homem e religião.

Conforme Espina Barrio (2005) as divisões da Antropologia são muitas, havendo entretanto, uma bipartição sobre a reflexão homem enquanto ser natural (antropologia física) e sócio – cultural – simbólico (antropologia cultural). O autor explica que existem várias subdivisões dentro da antropologia cultural, dos quais destacamos a que está sob o rótulo de etnologia geral (estudo dos povos) e a denominada de etnografia (que descreve as formas de vida de determinados grupos sociais).

É importante observar que o trabalho antropológico sobre religião foi iniciado a partir da II Guerra Mundial. Intelectuais como Durkheim, Weber, Freud ou Malinowski, ainda embasam os trabalhos científicos. Assim, explica Geertz (1989, p.66):

A discussão de Durkheim sobre a natureza do sagrado, a metodologia *Verstehenden* de Weber, o paralelo de Freud entre rituais pessoais e coletivos, e a exploração feita por Malinowski sobre a diferença entre religião e senso comum — parecem-me pontos de partida inevitáveis para qualquer teoria antropológica da religião que seja útil.

Campos e Gusmão (2010) fazem uma análise sobre o conceito de religião proferido pelos clássicos das ciências humanas, como Marx e Émile Durkheim. Marx definia a religião como uma forma de falsa consciência para convencer as classes trabalhadoras a não se revoltarem em busca de seus próprios interesses contra a classe proprietária. E, para Émile Durkheim, a religião exerceria uma espécie de função conciliadora entre os interesses da sociedade no bem-estar coletivo, pois, mais importante do que se preocupar com o desaparecimento da religião diante das forças da modernidade seria compreender a capacidade deste fenômeno em se transformar e adaptar-se à nova época.

O conceito de cultura religiosa envolve símbolos, cujo sistema permite a comunicação. Os símbolos sagrados servem para sintetizar o ethos<sup>4</sup> de um povo, sobretudo na crença e na prática religiosa. Tais crenças apoiam-se em sentimentos morais e estéticos, estabelecendo uma congruência básica entre um estilo de vida particular e uma metafísica específica. Numa visão mais ampla Geertz (2008, p. 68) afirma que “a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana não é uma novidade”.

Ainda segundo Geertz (2008, p. 91) a religião é, portanto, “uma operação em dois estágios: no primeiro, uma análise do sistema de significados incorporado nos símbolos que formam a religião propriamente dita e, no segundo, o relacionamento desses sistemas aos processos sócio-estruturais e psicológicos”. O sistema de significados incorporados nos símbolos é uma forma de diferenciar os traços daquele campo religioso das demais religiões. São agrupamentos organizados com motivações induzidas a um determinado tipo de prática religiosa, procurando modelar o ambiente de acordo com as diretrizes que regem a comunidade.

O traço marcante da situação atual do fenômeno religioso seria a liberdade cultural e individual dos sujeitos, no tocante à escolha que cada um faz a respeito da busca pelo significado do sagrado. Charles Taylor (2007) considera que o fenômeno religioso na contemporaneidade é marcado por uma ética da autenticidade. Trata-se de um momento de busca individual da espiritualidade em que o foco recai sobre o indivíduo e em sua experiência. A ideia de espiritualidade afirmada neste contexto é pluralista, porque não envolve apenas perspectivas doutrinárias. Trata-se de um pluralismo que prioriza liberdades individuais, independente dos valores morais.

É importante considerar que a globalização não pode ser desconsiderada diante de todas essas tendências religiosas, capazes de ultrapassar os pensamentos teleológicos, e ocidentalistas. No entanto, as novas versões religiosas contemplam conteúdos mais místicos, talvez com o intuito de abranger realidades culturais diversas. Num contexto multicultural, os símbolos sagrados induzem, em épocas e lugares diferentes, a uma espécie de motivação a chamada religiosidade. Essa extrema generalidade, disseminação e variabilidade em relação

---

<sup>4</sup> Segundo GEERTZ (2008, p. 94) o “ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete”.

aos símbolos e aos sistemas simbólicos, tornam-se pontos decisivos para viabilidade do homem como criatura (GEERTZ, 2008).

Em face disso, o homem encontra no ritual uma fusão simbólica do *ethos* com a visão do mundo, que modela a consciência espiritual de um povo. A partir daí os conceitos religiosos espalham-se para além de seus contextos especificamente metafísicos.

No Brasil, a religião, enquanto categoria analítica esteve mais presente nas chamadas ciências sociais, que, desde seu início, constituiu-se como tema clássico capaz de atravessar toda a sua história. Já, na Antropologia, a religião é uma das temáticas de pesquisa que seguiu ocupando um lugar de destaque. Esta tem sido pensada e pesquisada envolvendo instituições, rituais e performances, por meio de um conjunto de contextos de pesquisa que problematizam o conceito de religião enquanto um mediador universal.

Abordagens sobre religião no Brasil nos últimos anos foram elaboradas e definidas a partir de um contexto social e histórico. Da primeira para a segunda metade do século XX, os cientistas pesquisaram acerca da industrialização, migração, proletarização e urbanização do estado nacional brasileiro. As narrativas tratavam as práticas religiosas como associadas às tradições do mundo rural e, por isso, pareciam diante da urbanização do país. Um fenômeno extemporâneo, fora de lugar na modernidade, servia apenas aos estudos de comunidade e as pesquisas sobre messianismo. O que fez surgir movimentos religiosos contestatórios, milenaristas, que conforme Steil e Toniol (2013). O catolicismo já era incompatível com o processo de modernização, por isso o surgimento de trabalhos sobre tais movimentos. Neste âmbito, merecem destaque dois cientistas na caracterização dessas pesquisas, como Maria Isaura Pereira de Queiroz (1965) e Douglas Teixeira Monteiro (1974). Diante deste processo, a racionalidade brasileira permitiu a perspectiva weberiana no campo de estudos da religião no Brasil. Assim, o pluralismo religioso rompeu com monopólio de uma religião como igreja oficial e, por conseguinte, diversificou o campo religioso como dinâmico e múltiplo.

## 2.2 O Movimento Nova Era

O afrouxamento da visão de mundo cristã desencadeou o movimento esotérico, em que o universo místico e da magia passa a atuar como uma contracultura, que questiona as concepções da tradição bíblica e pleiteia uma nova consciência. Vale ressaltar que a religiosidade em determinados contextos históricos já apresentou uma relação de proximidade com conteúdos místicos, esotéricos e ocultos. Não obstante, do século XVII ao princípio do século XX, o universo místico-esotérico se dissociou da religião, sendo também desvinculado da discussão científico-racional, passando a ser percebido ora como credice e superstição ora como práticas esotéricas (MORIN, 1982 apud TAVARES, 2010). A Nova Era, movimento de cunho libertário de religiosidade pluralista, passa a compor um diálogo com o movimento esotérico. Trata-se de um movimento que conspira um palco de discussões sobre religião e consumo e, no caso brasileiro, com a questão do hibridismo (TAVARES, 2010).

Muitos destes conteúdos, como as práticas divinatórias, magia e conhecimentos esotéricos se refugiaram em seitas ou ordens fechadas, justamente por serem condenados pela religião hegemônica, o cristianismo, e pela ciência ortodoxa. Assim, esses conteúdos não eram acessíveis, pois eram vistos com preconceito, ou seja, estava fora dos padrões de uma sociedade moderna, por exemplo. Ocorre que, a partir da segunda metade dos anos 1960 e, sobretudo, nos anos 1970, houve um revigoramento de uma nova vivência desses conteúdos considerados marginalizados pela ciência moderna. As diversas práticas místico-esotéricas geraram muitas alternativas à sociedade vigente, inspirando a juventude da época a experimentar outros padrões de comportamento. O advento da contracultura correspondeu a uma crítica e a um questionamento da tradição bíblica e do individualismo utilitário (Ibid, 2010).

O movimento contracultural possibilitou uma cultura de imaginação que rejeitava às ortodoxias totalitaristas, produzida por uma nova visão em relação à questão dos fins da vida e uma nova percepção a respeito das possibilidades da experiência humana, que não deveria mais ser limitada pela tradição até então predominante (BELLAH, 1986 apud TAVARES, 2010). Urge no Ocidente dos anos 1960, caracterizada por Bellah (1986) apud Tavares (2010, p.180) como “nova consciência religiosa”.

O papel constitutivo de grande parte da religiosidade brasileira teve forte influência do espiritismo, que obteve considerável receptividade no Brasil. Isso ocorreu desde



os primeiros anos de seu desenvolvimento na França por Alan Kardec, na década de sessenta do século dezenove e cuja influência é ainda crescente na conformação de um código religioso com características brasileiras. Já na segunda metade do século dezenove iniciou-se um grande cruzamento do kardecismo com tradições religiosas afro-brasileiras e também com várias tradições esotéricas. Ainda que tributário de uma visão de mundo paradoxalmente positivista, o espiritismo é também cristão (ou neo-cristão), na medida em que reintroduz, ou revaloriza, noções cristãs, como a de caridade. Ele não só ressemantiza aspectos do cristianismo, como introduz o mundo dos espíritos de uma forma agora muito mais ampla, complementando as doutrinas equivalentes praticadas pelas tradições esotéricas e pelas religiões afro-brasileiras.

Conforme Otávio Velho (1997) em sua obra sobre “Globalização: Antropologia e Religião”, a antropologia se tornou vulnerável e reveladora diante das crises contemporâneas (como a descolonização, por exemplo). Associado a isso há o reaparecimento de noções de hibridismo para uma discussão de cultura. Essas transformações possivelmente estão em relação oculta “sincrética” com outras tradições, inclusive orientais, por via da crença no poder do pensamento, e seu desdobramento no poder da palavra, no Brasil foi possível se desenvolver com o discurso da “Nova Era” e com a literatura dita “esotérica”.

A religião popular no Brasil traduz a experiência de vida de um povo, demonstrando seus interesses e valores. As tradições culturais e religiosas possui uma série de combinações que estão em constante processo histórico de mudança, adaptações e reinvenções. O âmbito religioso foi produzindo práticas sociais e culturais no Brasil. A presença marcante da religião teve um significado forte na formação do povo brasileiro, por meio de festas e pelas representações simbólicas. (MAURO PASSOS, 2013).

O fenômeno sociocultural da contracultura viabilizou, entre outros fatores, a emergência de experiências espirituais que mais tarde seriam englobadas sob o rótulo de Nova Era (Ibid, 2010, p.180). As tradições do ocultismo europeu, juntamente com o transcendentalismo norte-americano, e o discurso oriental, uma das marcas da Nova Era no século XX emerge em um processo de convergência discursiva, possibilitando diversos arranjos performáticos (OLIVEIRA, 2011).

Toda essa busca de aperfeiçoamento de integração do homem com o cosmos seria um desejo de implantar essa Era aquariana, onde o indivíduo entende-se como administrador

das transformações do mundo, no qual o Deus seria como uma força que está na dimensão do tudo e do todo em que é possível fazer a experiência e o encontro com o divino das mais variadas formas, sem ser necessário passar pelas amarras ou moldes das religiões institucionalizadas e tradicionalmente sedimentadas (SILVA, 2008).

Luiz Eduardo Soares estudando o sentido de novas experiências religiosas no Brasil, identificou esta ocorrência como sendo parte de um movimento amplo. Este estudo, realizado nos anos de 1988 e 1989, foi denominado por Soares como “Nova Consciência Religiosa” (SOARES, 1989 apud TAVARES, 2010, p. 180).

A contracultura no Brasil ocorreu em meio a uma realidade antidemocrática, repressora, nos famosos “anos de chumbo”. Além disto, o binômio Estado-indústria impunha um padrão oficial de cultura. Assim, tudo que fosse produzido fora deste eixo era considerado alternativo e à margem dos padrões oficiais.

O movimento de contracultura surgiu primeiramente nos Estados Unidos e se difundiu pela Europa e todo o continente americano. No Brasil se deu num cenário de supressão a vários direitos, entretanto não deixou de escrever uma história contracultural, alternativa e assumidamente marginal, que ocorreu em meio às transformações políticas sofridas no país, como em 1968, quando é assinado pelo então presidente Costa e Silva, o Ato Institucional n. 5. (Ibid, 2010).

O Brasil neste panorama de transformações ocorridas na modernidade oferece um vasto campo religioso, conforme explica Carvalho (1999, p.2):

Do catolicismo e do protestantismo mais tradicionais aos estilos de cultos cristãos calcados na indústria cultural e no simulacro televisivo; das tradições religiosas afro-brasileiras mais ortodoxas, como o candomblé, o xangô, o batuque e o tambor de mina, às variantes mais sincréticas, híbridas ou imaginativas, como a umbanda, jurema, a umbanda esotérica, etc; dos grupos religiosos altamente etnicizantes e fechados, como os de muitas nações indígenas, aos novos movimentos internacionais ou cosmopolitas, tais como os da Nova Era; além de tudo isso, ricas tradições orais e míticas, como os frequentes surtos messiânicos e as práticas chamânicas que se expandem para além de seu contexto indígena original.

Uma dimensão religiosa alternativa desvinculada deste molde tradicional é amplamente perceptível no Brasil, e ainda com toda nitidez em Brasília, cidade e capital Brasileira, onde o panorama das religiões é aberto novos moldes inventivos. Assim,

exemplifica Carvalho (1999) que um morador de Brasília mesmo que não seja um praticante de religião pode frequentar ocasionalmente feiras místicas, palestras em centros esotéricos e de Nova Era, ou seja, experimentar uma gama variada de métodos de meditação, manipulação de forças e energias espirituais.

A religiosidade brasileira ocorreu a partir dos anos trinta com a inter-relação crescente entre a umbanda, o espiritismo kardecista e várias outras tradições esotéricas. Isto pode ser identificado na doutrina kardecista quando oferece uma possibilidade de diálogo com as chamadas tradições esotéricas, ocorre, por exemplo, ao postular os chamados espíritos de luz. Como há também uma espécie de ideologia comum que é a evolução espiritual, que está presente no candomblé, na umbanda e no espiritismo, entre outras.

Uma comunidade esotérica é justamente a junção das diversas redes de conexões com o sobrenatural, como exemplo: um centro de umbanda; um terreiro de candomblé e um centro kardecista. E é neste cenário brasileiro que surge o Vale do Amanhecer (VDA), fundado em Planaltina, cidade satélite de Brasília no ano de 1969. Considerado um universo simbólico autônomo ou integrado, uma religiosidade contemporânea em que se confrontam as pluralidades religiosas dentro de um universo simbólico (CARVALHO, 1999). A religião contemporânea propõe que seus restauradores de dimensão esotérica apostem inequivocamente no exotérico.

### **2.3 Estudos realizados sobre o Vale do Amanhecer**

No Brasil, o Vale do Amanhecer tem sido tema de diversas dissertações e teses de doutorado. Trata-se de um objeto de estudo multidisciplinar, passível de ser estudado por vários campos do conhecimento, conforme apresentaremos a seguir. Entretanto, o tema da indumentária aparece como aspecto secundário nos respectivos trabalhos, distanciando-se da proposta da nossa pesquisa, que considera a relação entre indumentárias, simbolismo e gênero.

Pires Coelho (2006), em sua dissertação intitulada “Caminhos e trilhas no Vale do Amanhecer cearense: as cidades de Canindé e Juazeiro do Norte” procura destacar a transculturação do Vale do Amanhecer em Brasília e os dois polos de romarias católicas do Ceará, formados por Canindé e Juazeiro do Norte. Neste trabalho ela demonstra a interação

religiosa em um cenário multicultural, fazendo-se acompanhar pela emergência de demandas cada vez mais plurais, por meio da convivência com o outro na diversidade.

Oliveira (2008), em seu trabalho de mestrado em Ciências Sociais, intitulado “Dinâmicas culturais e relações de reciprocidade no Vale do Amanhecer: um estudo de caso sobre o templo de Campina Grande - PB” toma como objeto de análise o movimento místico-esotérico existente no Vale do Amanhecer - VDA. Demonstra a forma religiosa eminentemente sincrética e em constante diálogo com outras religiões já estabilizadas. Ressalta que as dinâmicas culturais vivenciadas no Vale do Amanhecer no núcleo Campina Grande têm como objetivo verificar como se dá o processo de criação de um novo *habitus* entre os sujeitos, evidenciando, sobretudo, as maneiras através das quais a realidade constituída nos diferentes campos é ao mesmo tempo reforçada e contestada. Neste contexto, fala sobre os processos de "cura". Demonstra que no templo de Campina Grande existe a formulação de um estilo de vida próprio entre os adeptos, porém, intermediada pela totalidade simbólica que permite que ao mesmo tempo o *habitus* seja uma estrutura estruturante e estruturada desta prática religiosa.

Marques (2009) em sua dissertação sobre os Poderes do Estado no Vale do Amanhecer: percursos religiosos, práticas espirituais e cura, procura explanar como ponto de partida uma interpretação construída com base na *performance* ritualística e na cosmologia da instituição. Explica que a natureza dos rituais está fundamentada em hierarquias estabelecidas entre os médiuns, em distribuições de poderes e de proteções espirituais e em desconstrução e reconstrução de identidade: qualificativos que remetem a conceitos de sistema político. Demonstra como principais efeitos do funcionamento deste mecanismo que é a melhora da condição de seus adeptos, participante da doutrina. Será mostrado, portanto, como o fiel participa de todo este sistema de rituais para obter o alívio de suas dificuldades.

Oliveira (2007), sua dissertação sobre Visualidades em foco: conexões entre a cultura visual e o Vale do Amanhecer, procura discutir as visualidades das práticas cotidiano-ritualísticas da comunidade religiosa Vale do Amanhecer (DF) e seu contexto sociocultural, tendo como principal referencial teórico a Cultura Visual. Potencializa, principalmente, os diversos espaços ritualísticos e as indumentárias utilizadas por seus adeptos, considerando as fontes dos referenciais identitários do grupo. As práticas ritualísticas dramatizadas por seus adeptos, diariamente, reafirmam a identidade e a memória coletivas do grupo.

Chaves (2005), em sua tese intitulada “Dialogias no Vale do Amanhecer: os signos de um imaginário Religioso Antropofágico” defende a ideia de que tanto a cidade de Brasília e toda a dinâmica de misticismo neo-erístico que está atrelada a ela, como exemplo o catolicismo popular, o espiritismo kardecista e a umbanda, assim como os meios de comunicação tradicionais, (tais como o cinema, a televisão, os livros best-sellers, entre outros) dialogam com o Vale e desempenham papel fundamental na sua composição. São esses os diálogos que, sob a perspectiva semiótica da cultura, busca, para se pensar os aspectos que dizem respeito à presença naquela comunidade de informações ligadas a seres de outro planeta e a suas naves espaciais, à civilização egípcia com suas pirâmides e faraós, bem como as culturas indígenas brasileiras, norte-americanas e de povos pré-colombianos, sobretudo os incas, maias e astecas, estejam elas manifestas nas narrativas místicas, nos rituais, na iconografia ou nas indumentárias dos adeptos.

Rodrigues (2011) explica em sua tese de doutorado intitulado “Ninfas e Jaguares: uma interrogação feminista sobre o universo religioso do Vale do Amanhecer”, as relações de gênero presentes nas práticas do cotidiano ritualístico da comunidade religiosa do Vale do Amanhecer. Entende que a abordagem feminista, enquanto crítica à modernidade tem o propósito de focar essas relações, revelando questões costumeiramente marginalizadas e apontando quem oprime e quem sofre opressão em um sistema baseado na desigualdade de gênero. Procura definir os papéis desempenhados por homens e mulheres para demonstrar como o determinante biológico sexo classifica as pessoas como aptas ou não para o desempenho de determinadas funções em algumas práticas ritualísticas.

Reis (2008), em sua tese de doutorado, conta a história de Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008). Neste trabalho empenha-se em direcionar um olhar dedicado à história da líder religiosa da comunidade Vale do Amanhecer: a médium que ficou nacionalmente conhecida como Tia Neiva. Retrata que a trajetória da Tia Neiva estabelece a doutrina do Amanhecer. Tenta demonstrar a imagem de Neiva por meio das representações a que deu vida e das que se viram consignadas por atores outros e permanecem a se constituir em torno de suas apresentações temporal e espiritual.

O vocabulário da doutrina religiosa do Vale do Amanhecer é uma dissertação feita por Labarrere (2006) que tem como objetivo principal estudar o Vale do Amanhecer, partindo do seu vocabulário, e interpretá-la a partir da teoria da criouliização cultural. Neste trabalho,

ela ressalta diversos elementos culturais originários dos mais diversos sistemas culturais, religiosos ou mitológicos presentes na respectiva doutrina.

### **2.3 Vestuário: uma perspectiva antropológica**

O vestuário como interface entre o homem e o meio cultural tem origens múltiplas, não podendo ser reduzido unicamente à sua funcionalidade. “O vestuário é um conjunto formado pelas peças que compõem o traje e por acessórios que servem para fixá-lo ou complementá-lo” (NACIFL, 2007, p.01). Está presente em grande parte das sociedades, sejam estas antigas ou atuais, tornando-se campo de estudo antropológico. Para Roche (2000, p.257), trata-se do “estudo da indumentária, sistema vestimentar formal e normativo de uma sociedade, formado por elementos que compõem a aparência”.

O caráter significativo do vestuário sobrepõe-se aos seus aspectos estético e funcional. Os aspectos simbólicos do vestuário parecem ser o reflexo da elaboração cultural da qual o homem faz parte. Além deste aspecto tem-se o instrumental em que o homem interfere no meio natural para transformá-lo e situá-lo como parte do domínio da cultura material.

No que diz respeito às sociedades, não seria um equívoco afirmar que o homem social é um homem vestido, uma vez que a nudez reconduz o homem ao seu estado natural, contra o qual a cultura se interpõe (NACIFL, 2007). Hoje, os estudos sistemáticos do vestuário refletem interpretações muitas vezes contraditórias sobre o seu significado. Conforme assinala Schwarz (1976, p. 302):

(...) la indumentaria puede entenderse como un sistema simbólico que daría señales sobre los deseos de un individuo de participar en un momento dado en ese mercado, como un objeto de consumo (...) Los deseos de atraer atención hacia lo nuestro y/o de comunicar el grado de disponibilidad personal dentro del mercado sexual, son puntos de importancia para ayudarnos a entender el origen y el empleo de la indumentaria, pero estos, al igual que los anteriores, nos resultan insuficientes por sí solos para conformar una teoría general sobre el tema<sup>5</sup>.

Para outros pesquisadores a ordem de fenômenos que motiva as escolhas do vestuário pertence ao domínio da cultura. Neste caso, o vestuário não poderia ser reduzido somente a um valor de proteção, mas a um valor simbólico em que o efeito visual favoreceria

---

<sup>5</sup> Vestuário pode ser entendido como um sistema simbólico que sinalizaria a vontade de um indivíduo de participar em um determinado tempo no mercado, como um objeto de consumo. (...) O desejo de chamar a atenção e / ou de se comunicar o grau de sua sexualidade são pontos importantes para ajudar a entender a origem e o uso de roupas. Porém mas estas teorias não são insuficientes em si mesmos para formar uma teoria geral sobre o assunto. (tradução da pesquisadora).

a afirmação da condição humana e do grau de reconhecimento social. Ao mesmo tempo, o traje e os acessórios de indumentária são fundamentais para o estudo das formas de vestimentas como “suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social” (MENESES, 1983 p. 112).

Vale ressaltar que a existência humana se fundamenta nos processos biológicos e culturais. A humanidade como instituição contemporânea se qualifica pela divisão do trabalho, inserindo a lógica social vestimentar como fruto da superposição do domínio cultural sobre o biológico. Nacif (2007) explica que a origem do vestuário está na manifestação de um significado, que pode ser de caráter individual ou sociocultural. Enquanto objeto, é uma linguagem não verbal. Vale destacar que “a função–signo tem, pois - provavelmente - um valor antropológico, já que é a própria unidade em que se estabelecem as relações entre o técnico e o significante.” (BARTHES, 1988, p.45).

Stallybrass (2008), em sua obra “O casaco de Marx”, procura dar ênfase às funções significativas das roupas, contextualizando o que a roupa representa numa sociedade, parafraseando o autor a roupa, de forma ampla, pode ser considerada uma moeda e um meio de incorporação, tendo como funções fixar as pessoas em redes de obrigações. Além disso, pode também estar poderosamente associada a um tipo de memória, pois quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente.

Schwarz (1976) também em sua obra “Por uma antropologia da indumentária” procura definir contextualizando as origens da roupa. O autor defende que muitas das teorias sobre a origem dos ornamentos é derivada de estudos entre as sociedades primitivas e tribais. Como proteção ambiental, ele sustenta que o vestuário, incluindo os enfeites e decorações, é a reação humana a determinadas condições ambientais e a necessidade de se proteger.

Como proteção contra forças sobrenaturais, sustenta que a origem e a função principal do vestir era a necessidade do homem para afastar os maus espíritos. Como hipótese, explica que os antropólogos defendiam que a roupa era para chamar a atenção para os órgãos genitais e os papéis eróticos, a fim de aumentar interesse sexual do observador diante do proprietário da peça de vestuário.

Como status e posição social, postula que as origens e talvez a principal função de qualquer forma de roupa decorre da necessidade de distinguir os membros da sociedade por idade, sexo, classe ou casta. Dessa forma, o erótico ficaria em segundo plano.

As possíveis razões que levaram a utilização e a adoção do vestuário pelo homem podem ser justificadas de diferentes formas ao longo de sua história. Os motivos culturais se vinculam às suas opções de escolha. O uso das vestes distingue às várias civilizações não somente em razão do tempo, mas veiculado também as necessidades do meio ao qual se encontra, ou seja, em razão do espaço em que se está inserido.

O vestuário é estudado antropológicamente por diferentes autores, tais como Hirn (1900); Spencer e Guillen (1899) e Frazer (1915) apud Schwarz (1976), que explicam que a origem e a função principal da roupa varia conforme a necessidade do homem para afastar os maus espíritos.

Schwarz (1976) descreve uma comunidade ou tribo conhecida como Tuareg. A Tuareg é conhecida por seu véu azul e está situada nas terras altas da Guatemala, sendo dividida em grupos territoriais e étnicos, cada um com seu vestuário peculiar. As origens e funções da roupa constituem questões de interesse entre os antropólogos, que realizaram estudos sistemáticos sobre o assunto. Por exemplo, a maioria dos etnógrafos, como Bunzel (1952), Parsons (1936), Lewis (1930), Reichel-Dolmatoff (1961) e Vogt (1969), em suas monografias incluíram partes descritivas sobre vestidos enquanto cultura material. Tais pesquisadores dedicaram-se mais tempo ao estudo sistemático da tecnologia e da ecologia cultural, do que mesmo das vestes. E, como resultado disso, a preocupação de estudar sobre vestuário foi removida para as mãos de especialistas em tecnologia, acabando por tornar-se interesse de quem escreve sobre arte e estética.

Conforme salienta Schwarz (1976) as vestes não servem apenas para indicar determinadas categorias como o sexo, a idade, a ocupação e status social, mas também está ligada a um conjunto de sentimentos, que servem para domar e canalizar emoções, por exemplo.

De acordo com Schwarz (1976), o estilo de se vestir pode expressar ou esconder certos princípios e emoções, bem como incentivar os indivíduos a agirem de maneira apropriada, pelo aspecto simbólico ou retórico. A abordagem antropológica diante do vestuário tem como objetivo expor princípios, ao invés de tirar conclusões. Para este efeito existem duas áreas de estudo, que é necessário distinguir analiticamente e que estão intimamente ligados existencialmente. Por um lado, há o modo de vestir de um povo em particular e o da sociedade em geral e por outro. Neste diálogo, há uma estreita associação



entre a Natureza e o Homem, o vestir e a cultura. Toda sua produção, seja uma lança, uma casa, leis, poemas ou um par de sapatos, reflete as decisões dentro de seu ambiente com o qual está indissociavelmente ligado, embora uma parte seja de sua própria criação.

Schwarz (1976) defende que a roupa desenvolve seu papel simbólico na mediação da relação entre a natureza, o homem e o seu ambiente sociocultural. Ele destaca como exemplo o estudo da roupa realizado por Bogatyrev (1937, p.310) que definiu seu conceito e função ao dizer que “um vestido é como um microcosmo, que se reflete em sua estética de intensidade relativa, ideais morais e racionalistas daqueles que a usam”.

Schwarz (1976) analisou o caso dos Guambianos, que habitam uma região de colinas, no sudoeste colombiano, e percebeu que o vestuário do seu povo foi alterado ao longo do tempo, pois cada geração se comprometia a adicionar seus próprios elementos. Em 1962, por exemplo, poderiam ser vistos entre os homens mais velhos, a aderência a shorts brancos, que eram vestes típicas nos séculos XVIII e XIX. Vale ressaltar que não era uma tendência entre a maioria das pessoas a adotar a utilização de uma nova peça de vestuário, uma vez que tenha sido introduzido.

O autor defende, em termos culturais, que o vestuário Guambiano visivelmente o distingue de outros índios daquele território. Tradicionalmente existem diferenças entre as vestes masculinas e femininas, possuindo semelhanças na cor e no design, que acabam por reduzir os contrastes. No estudo deste determinado grupo, Schwarz (1976) enfatiza a dificuldade em identificar o status socioeconômico de um Guambiano, a julgar por suas roupas, pois os seus integrantes usam os trajes mais antigos para o trabalho nos campos e cada um tinha pelo menos um conjunto de roupas para cerimônias especiais. Além disso, mesmo os mais pobres tinham um bom número de colares obtidos por sucessões, doações, comprados ou emprestados. A uniformidade nas vestes Guambiana servia para esconder diferenças individuais com base no prestígio e riqueza.

O autor procura fazer uma análise entre os vários detalhes das roupas Guambianas com seu contexto social. Segundo Schwarz (1976), tratava-se de um povo que procurava associar figuras geométricas às questões de gênero, inserindo círculos nos vestuários femininos e triângulos nas roupas masculinas. O mesmo ainda define que o uso de roupas para vestir e enfeitar parece psicologicamente fundamentada no desejo do homem de ser acompanhado pela mulher social e sexual e seu mistério de procriação e de menstruação

regular.

Com exposto, conclui-se que o vestuário atua como indicador e identificador do ser humano, existindo uma relação de conteúdo com os acontecimentos sociais e com as mais diversas finalidades. Esta intimidade com o ser humano revela o caráter histórico do vestuário, proporcionando as mais distintas significações. Refletindo, portanto, através de seu formato, seja por meio da técnica de corte e dos materiais nele empregados, o simbólico que dar sentido ao ser humano.

## **2.4 Antropologia e Gênero**

A trajetória dos estudos de gênero no campo da Antropologia está pautada nos debates feministas, na reflexão sobre a hierarquia de gênero, relações de poder e da sujeição em que a mulher estaria subalterna e subordinada ao homem. Para Segato (1998) tal categoria é um dilema diante da perspectiva universal da hierarquia frente à possibilidade de existir, em algumas sociedades humanas, uma mera igualdade na diferença.

Verificam-se os avanços na problematização das diferenças e das relações entre homens e mulheres que, embora ainda insuficientes, inquietam o conhecimento antropológico. Mead (1988) afirma que não está interessada na existência ou inexistência de diferenças universais entre os sexos nem, tampouco, nas bases do feminino, mas em comparar como três sociedades primitivas desenvolveram diferentes atitudes sociais com relação ao temperamento baseando-se nas diferenças sexuais:

Estudei essa questão nos plácidos montanheses Arapesh, nos ferozes canibais Mundugumor e nos elegantes caçadores de cabeça de Tchambuli. Cada uma dessas tribos dispunha, como toda sociedade humana, do ponto de diferença de sexo para empregar como tema na trama da vida social, que cada um desses três povos desenvolveu de forma diferente. Comparando o modo como dramatizaram a diferença de sexo, é possível perceber melhor que elementos são construções sociais, originalmente irrelevantes aos fatos biológicos do gênero de sexo (MEAD, 1988, p. 22).

Referindo-se às dificuldades de fazer uma antropologia feminista, Moore (2009, p. 219) escreve que o equacionamento do feminismo com o princípio antropológico de entender o outro a partir de seu próprio ponto de vista torna-se difícil devido a que "pressupõe que há uma perspectiva ou ponto de vista de mulher que, sendo único, pode ser considerado como evidência de que existe uma inequívoca categoria sociológica de mulher". Observa-se que feminismo universaliza o conceito mulher e que a Antropologia particulariza tanto este como qualquer outro conceito.

Conforme Beauvoir (1967, p.295): “[...] homem acha-se ligado à coletividade, enquanto produtor e cidadão, por laços de uma solidariedade orgânica baseada na divisão do trabalho, a mulher é que é suscetível de encarná-lo com mais pureza: as relações profissionais do marido [...]”. Aguiar (1997) também lembra que alguns autores como Morgan até Margareth Mead se aproximam da sexualidade masculina e feminina como elementos fundantes de uma organização social.

Os antropólogos clássicos como Morgan e Lévi-Strauss, descreveram o comportamento dos homens e das mulheres no ritual e na presença do imaginário mítico marca as interpretações que os etnólogos fizeram sobre as diferenças entre homens e mulheres e os papéis sociais definido por eles (AGUIAR, 1997).

Simone de Beauvoir, em 1949, em sua obra “O segundo sexo”, esclareceu que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, expressando a definição do feminismo e desnaturalizando o ser mulher. Desta forma, a autora reformula a identidade de gênero inscrita na cultura.

Linda Nicholson (1999), em sua obra “Interpretando Gênero”, compara o corpo como um tipo de cabide em que vão se jogando diferentes artefatos culturais (que seriam os casacos), relativos à personalidade e ao comportamento. Tal modelo permitia teorizar sobre o relacionamento entre biologia e personalidade aproveitando certas vantagens do determinismo biológico, ao mesmo tempo em que dispensava certas desvantagens. Quando se pensa o corpo como um "cabide" em que são "jogados" certos aspectos de personalidade e comportamento, pode-se pensar no relacionamento entre os dados do "cabide" e aquilo que nele é jogado como algo não necessariamente determinista mas também não acidental. No entanto, distinguir, através dos objetos a personalidade ainda não permite identificar de forma generalizada, podendo muitas vezes contribuir para percepções equivocadas. Pois, reconhece-se que existem diferenças entre mulheres. O contexto anterior é limitado e pode ser problemático.

O conhecimento antropológico sobre a mulher formula-se, então, a partir de uma relação de alteridade e não de identificação como visto acima. Desta forma, faz-se necessário o distanciamento para a contextualização do outro. Conforme Sarti (2004, p. 47) “contextualizar não significa situar o fenômeno estudado no âmbito mais geral da sociedade onde se insere, explicando o particular pelo geral, mas ao contrário, requer um passo cuidadoso e atento em outra direção”. É um movimento que diz respeito à relação com o outro, requer escutar a explicação do outro sobre o mundo social do qual faz parte.

A noção de gênero que transita pela Antropologia revitaliza a tensão básica entre a relatividade e a universalidade das experiências humanas. Margaret Mead (1935) explica que a construção cultural do gênero tem seu ponto de partida na constatação inicial de que "mulher" e "homem" são entidades distintas, preenchidas com conteúdos variáveis, através das sociedades. Este relativismo acaba por projetar o gênero como uma área de estudos transdisciplinar, possibilitando um olhar antropológico sobre o mesmo.

A partir dos anos 70, a questão da universalidade da hierarquia de gênero, seguida por uma tendência de subordinação da mulher nas representações culturais disse respeito à estrutura que rege a ideologia de gênero nas mais diversas sociedades, que, embora apresentando diferenças, tendem a representar o lugar da mulher como um lugar subordinado.

Constata-se uma contradição que os estudos de gênero enfrentam na Antropologia. O relativismo diz que a mulher e homem são categorias preenchidas com conteúdos diferentes em tradições diferentes e até em épocas diferentes de uma mesma história. Apesar das diferenças culturais, existe uma forte tendência à universalidade da hierarquia de gênero, ou seja, da universalidade do gênero como uma estrutura de subordinação. Apesar das diferenças culturais, a mulher tendenciosamente vem ocupando um lugar de subordinação (SEGATO, 1998). Michelle Rosaldo (1974) explica que a hierarquia é oriunda de uma divisão de trabalho, entretanto a desigualdade se torna acentuada porque, em sua grande maioria, o homem ocupa posição de prestígio.

A posição de Lévi-Strauss sobre a relação entre cultura e natureza, associa a mulher à natureza e homem à cultura. Tem-se nessa perspectiva uma pretenciosa desigualdade da mulher, que está associada à natureza/objeto e o homem como parte da cultura/ação transformadora, ou seja, um par de associações que configuraria uma hierarquia.

Desta forma, os trabalhos etnográficos que tentaram contestar a tese da universalidade da hierarquia arruinaram com a premissa do determinismo natural e, com ela, do essencialismo biológico. Assim, assinalar para a relatividade e variabilidade os conteúdos associados com as categorias "mulher" e "homem" através dos tempos e das culturas, provou que elas são produtos histórico-culturais e não fatos da natureza.

Para Engels (1891), em sua obra sobre As origens das famílias, a propriedade privada e o Estado explica que a divisão do trabalho baseada no sexo implicou na desigualdade social, fazendo surgir as classes sociais baseadas na propriedade privada. Este argumento ainda deixou uma brecha, pois a desigualdade social, em razão da propriedade

privada, não era encontrada nos países socialistas e, no entanto, a hierarquia em relação ao gênero também se encontrava presente nestas nações.

Algumas causas desta presente subordinação são marcadas na associação ao capitalismo, patriarcado, produção e reprodução de seres humanos. Para Firestone (1976), uma feminista radical concebe que a subordinação feminina está localizada no processo reprodutivo. Isto porque quando as mulheres estão com bebês recém-nascidos, necessitam estarem próximas à criança num período prolongado. Isto faz com que as mulheres também se tornem dependentes dos homens, pois precisa se dedicar totalmente ao filho, em razão da dependência física deste. Diante deste contexto, o corpo aparece como o centro em que emana para onde convergem a opressão sexual e a desigualdade.

Com o lema “Direitos iguais à cidadania”, a marcha feminista surgiu e se espalhou em toda a Europa e América do Norte fazendo com que, nas décadas de 1920 e 1930, as mulheres conseguissem romper com a desigualdade em relação ao voto, à propriedade e à educação, que era somente direito e dever dos homens.

Adiante, com o movimento feminista na década de 1960 foi possível o surgimento de ideias centrais que marcou a história, como a presença das mulheres em alguns espaços da política. O pensamento feminista questionava a subordinação por razões de natureza biológica ou natural, pois defendia que esta subordinação havia sido desenvolvida pelo homem em seu processo de construção social ou cultural, e, portanto, era possível a transformação deste cenário de desigualdade e subordinação. Nos Estados Unidos e na Inglaterra, no final da década de 1960, apresentava diferenças na percepção das origens e causas da opressão.

Os questionamentos surgiam e a categoria mulher começou a ser desenvolvida pelas ideias feministas radicais que refletiam que as mulheres, para além de questões de classe e raça, são oprimidas pelo fato de serem mulheres. Este era um reconhecimento político das mulheres como coletividade.

Vale ressaltar que, em termos gerais, as feministas radicais mantinham explicações conexas vivenciadas por várias mulheres, um discurso que atravessava o tempo e as culturas. Este movimento de um discurso feminista contestava concepções presentes no pensamento de esquerda que, numa concepção marxista, argumentava racionalmente a política para uma opressão e exploração objetiva das mulheres. Em razão disso, o movimento firmava a validade de uma teoria subjetiva de defesa das mulheres contra a objetiva de esquerda política.

Com esta política desproporcional e com um discurso desigual, inclinaram-se as feministas a definir política como também qualquer relação de poder e de dominação masculina. Com esta redefinição marxista de política nos cenários público e privado, poucas instituições conseguiram escapar do patriarcado, pois a dominação masculina esteve presente através do tempo e das culturas. Faz-se oportuno destacar que um dos interesses das feministas era ampliar o conhecimento científico sobre a situação da mulher que visualizasse uma perspectiva acadêmica, questionando a utilização do patriarcado como categoria de análise. De fato, a perspectiva tinha boa intenção e inicialmente teve impulso, porém não teve forças, pois as discursões, em âmbito universal limitaram-se a enxergar o patriarcado apenas como uma espécie de dominação masculina.

Um importante marco das questões feministas foi desenvolver o conceito de gênero para superar algumas categorias centrais de estudos sobre mulheres. Rubin (1975) defendia que o sistema sexo/gênero era utilizado para transformar a sexualidade biológica produto de interesse da sociedade humana. Num intercâmbio levistraussiano, em que estuda a opressão das mulheres dentro dos sistemas sociais, defende que não existe uma definição de cultura para explicar a causa desta dominação, o que existe é a subordinação das mulheres como produtos das relações sociais por meio dos quais sexo e gênero são organizados e produzidos.

Para Judith Shapiro (1981) os termos sexo e gênero são úteis para análise, pois explica o fato biológico e o cultural correspondentemente. Deixa claro que o gênero se refere às construções sociais, culturais, psicológicas que estão acima do determinismo biológico. Diante do exposto, conclui-se que o conceito de gênero desenvolvido contra o patriarcado, foi produto de análise no movimento feminista, que dentro de uma preocupação política, conseguiu chegar numa perspectiva feminista que trabalhasse o conceito de gênero como fruto de um interesse de defesa dos direitos das mulheres.



Fonte: Márcio Garcez



Fonte: Márcio Garcez

### 3 A DOCTRINA DO VALE DO AMANHECER

#### 3.1 A fundação da doutrina do Vale do Amanhecer

A fundadora da doutrina, Neiva Chaves Zelaya, nasceu na cidade de Propriá, Estado de Sergipe, no dia 30 de Outubro de 1925. Casou-se e teve quatro filhos: Gilberto Chaves Zelaya, Carmem Lúcia Chaves Zelaya, Raul Oscar Zelaya Chaves e Vera Lúcia Chaves Zelaya<sup>6</sup>. Sempre ao lado dos seus filhos mantinha um estilo de vida diferente do que a sociedade e família tradicional esperavam de uma viúva com filhos. Foi uma mulher a frente de seu tempo. Sem medo de desafiar paradigmas sociais, morou em diversas cidades do Centro-Oeste do Brasil até chegar em Goiânia, onde se fixou em virtude dos estudos dos filhos. Foi trabalhar na única empresa de ônibus existente na cidade.



Figura 01: Neiva Chaves Zelaya.

Fonte: <http://aspirantevalelasaro.no.comunidades.net/ao-aspirante-a-doutrina-do-vale-do-amanhecer>.

Sua mediunidade iniciou em Goiânia, em 1958. Conforme o relato de Tia Neiva (SASSI, 1985, p. 42): “meu último pouso antes da Cidade Livre e da abertura da minha clarividência foi Goiânia”. Local onde começou a ter grandes conflitos existenciais, o que fez

---

<sup>6</sup> Conforme Rodrigues Reis (2008, p.140): Todos os seus filhos, ainda vivos, atuam e desempenham papéis de relevo na doutrina. As gerações subsequentes, formadas por netos e bisnetos, em sua maioria, também integram o movimento. Neiva, segundo as fontes, devotava a seus filhos legítimos amor ímpar, sem jamais negligenciá-los, mesmo considerado o assédio continuado proporcionado por seus seguidores, ávidos de sua palavra e companhia.



procurar por diversas ajudas, desde médicos a curandeiros e religiosos. Até então tudo era estranho e novo, conforme o relato da mesma:

A minha vida seguia o curso normal de uma mulher viúva aos trinta e dois anos, quando começaram os primeiros fenômenos de minha clarividência e começaram, também, as indecisões e que havia planejado em toda a minha vida, que se transformava sem que eu percebesse. Sentia apenas como tudo mudava (SASSI, 1985, p.63).

Vale ressaltar que Neiva Chaves Zelaya era uma nordestina, semianalfabeta, que ao ficar viúva com quatro filhos pequenos não se intimidou enfrentar preconceitos existentes na sociedade da década de cinquenta, se tornando uma mulher independente de sua família. Começou sua vida profissional como fotógrafa, mas por recomendações médicas teve que largar a profissão. Dona de uma personalidade forte se tornou a primeira mulher brasileira a portar carteira de habilitação profissional para trabalhar transportando cargas pesadas (SENA, 2012).

Motorista profissional de caminhão, uma raridade até mesmo nos dias atuais, fundou a UESB - União Espiritualista Seta Branca, tendo como mentor principal um índio chamado Pai Seta Branca, que teria vivido diversas encarnações na terra<sup>7</sup>. A UESB mais tarde serviria de base para o nascimento do VDA, com instalações simples foi criada em 1959, no município Serra do Ouro, do Estado de Goiás, formando um pequeno grupo de religiosos, onde Tia Neiva era conhecida como irmã Neiva. Nesta época, se afirmou na sua espiritualidade, pois manteve os primeiros contatos com o “mundo espiritual”, mesmo vivendo precariamente, atendia pessoas com diferentes problemas num templo construído com madeira e palha, sem nada receber pela ajuda que prestava. Grifo nosso (REIS, 2008).

Ao mudar-se para a “Serra do Ouro”, Tia Neiva já tinha o domínio sobre as técnicas de transportes e desdobramentos, desenvolvimentos fundamentais, a princípio, pois Pai Seta Branca havia lhe esclarecido que um grande mestre Tibetano fora convidado a prepará-la nos ensinamentos vitais à importância de sua jornada. Grifo original (ZELAYA, p. 69, 1992).

Tia Neiva, em sua autobiografia, relata que os primeiros passos de sua missão foram dados ao lado de Mãe Neném, uma presença influente e decisória, ajudava a Neiva a assimilar suas visões de clarividência e, juntas resolviam os mais tenebrosos casos (ZELAYA, p. 47 e 67, 1992).

---

<sup>7</sup> Uma de suas encarnações teria sido como Francisco de Assis na Idade Média, onde se dedicou a levar um mensagem de humildade e amor ao próximo. Em outro momento teria vivido como um cacique guerreiro, que teria sido sua última encarnação (REIS, 1959).

O fato é que a mesma não permaneceu naquele local, mudou-se para uma cidade satélite de Brasília, Taguatinga, em 25 de maio de 1965, que ainda não seria sua última parada para uma grandiosa missão que lhe aguardava, para então somente no dia 09 de novembro de 1969 fincar suas raízes em Planaltina, também cidade satélite de Brasília, onde daria início ao Vale que se tem hoje, com toda a expansão e dimensão (REIS, 2008).

Durante sua caminhada na UESB conheceu seu companheiro Mário Sassi, que também ingressaria na doutrina do Amanhecer não só abraçando a vida espiritual, mas também conjugal ao lado de Tia Neiva durante vinte anos (SASSI, 1985).

Como dito anteriormente Pai Seta Branca foi o mentor que participou da UESB, uma imagem simbólica de um índio segurando uma lança branca que seria uma base para presente doutrina do Amanhecer, e hoje é bem representativo no Vale não só como o mentor responsável da doutrina, mas também nas vestes. Uma das vestes femininas tem a figura do índio Seta Branca estampada no vestido das mulheres da falange de Tupinambás.

Os adeptos dessa doutrina, tanto homens como mulheres, são chamados de Jaguares, que seriam espíritos originados de Capela<sup>8</sup>. Jaguar é o termo que faz alusão a uma das histórias sagradas que marcam a trajetória dos que pertencem ao grupo do Vale do Amanhecer. Cotidianamente é utilizado para que um mestre se refira a outro, esteja este presente ou não. Também é empregada a expressão “a tribo Jaguar”. “[...] convém adiantar tratar-se de um termo identificador do próprio grupo. Todos são jaguares, mestres e ninfas”. (IPHAN, p. 93, 2010).

Homens e Mulheres são jaguares, porém especificamente os homens são mestres e as mulheres são ninfas. Este é o tratamento comum entre eles como: salve Deus mestre, salve Deus ninfa. Este “salve Deus” é como se fosse um olá que se diz quando se cumprimentam, significa desejar tudo de bom ao próximo (grifo nosso). Ninfas e Mestres notavelmente possui posição desigual nas funções do Vale, Conforme salienta Noronha de Sena (p. 1410, 2012):

---

<sup>8</sup> Capela, explica Rodrigues Reis (2008, p.24) “[...] é interpretado como um planeta de origem, típica referência antropogônica e cosmogônica. O que se quer acentuar é a recorrente percepção partilhada pelos membros do grupo de uma vívida interação estabelecida entre os seres de outros planetas com os que habitam a terra. [...]. Pela nossa visão do problema, todos os espíritos encarnados vieram de capela e algum dia retornarão para esse mundo”.

Portanto, percebemos que nesta relação, o homem, como que seguindo a regra social de nosso espaço cultural patriarcal, é representado pelo poder intelectual, enquanto que a mulher aparece como subordinada, mesmo diante de toda a representação e liderança exercida pelo histórico de tia Neiva. A mulher é distanciada do fator intelectual, do saber, e aproximada do transcendental fator espiritual.

O Vale do Amanhecer é definido por seus integrantes como sendo uma doutrina espiritualista cristã, universal, tendo como base os ensinamentos de Jesus Cristo, composto por um sistema técnico de rituais (ZELAYA, p.37). Carrega diversas simbologias e particularidades, impressionam curiosos e estudiosos com suas cores, principalmente em razão de suas vestimentas coloridas e brilhantes, explica Daniela de Oliveira (p.12,2007) que: “as indumentárias utilizadas por seus adeptos configuram e caracterizam a história, a estética e a identidade do grupo, a partir de suas práticas ritualísticas que forjam narrativas visuais, mediadoras e agregadoras da comunidade”.

O simbólico no Vale, em razão de seu agudo sincretismo, ganha contornos estéticos impactantes. Cores, formas e construções denunciam o valor atribuído à imagem neste sistema religioso. Um estudo de seus símbolos pode conduzir com relativa segurança à compreensão da doutrina e de seus propósitos e, por acréscimo, denunciar aspectos importantes da identidade do grupo (REIS, 2008, p. 121).

Entre muitas particularidades desta comunidade mística estão às vestimentas carregadas de símbolos e cores, que dividem os missionários em grupos chamados de falanges missionárias. Estas falanges são “Mestres ou Ninfas que, por disporem de um transcendente espiritual comum, formam um grupo, com indumentária que os identifique, trazida por Tia Neiva dos planos espirituais e assume a tarefa de atuar de forma singular na condução de rituais específicos” (IPHAN, p. 263, 2010).

Este grupo de falanges é responsável por diferentes trabalhos específicos dentro da doutrina sem os quais não existiriam, então é através de suas preces que se interligam com o plano espiritual, fazendo também com as preces um elo de comunicação entre as diferentes falanges, assim uma falange atrás da outra, numa harmonia sequencial, vão emitindo suas preces e mantras musicais, alguns trabalhos são formados e realizados somente através preces, outros, mantras, e alguns trabalhos utilizam mantras e preces, com esta comunicação participam as diferentes falanges<sup>9</sup>.

Assim, os mestres apenas participam de duas falanges, ou seja, a existência de falanges, em sua maioria, formam grupos femininos, então a quantidade de Magos e Príncipes

---

<sup>9</sup> Como as Nityamas, Samaritanas, Gregas, Yuricys Sol, Yuricys Lua, Dharman Oxinto, Muruaicys, Jaçanãs, Arianas da Estrela Testemunha, Madalenas, Franciscanas, Narayamas, Rochanas, Cayçaras, Tupinambás, Ciganas Aganaras, Ciganas Taganas, Agulhas Ismêneas, Nyatras, Magos e Príncipes.

não se comparam com a quantidade de ninfas em suas respectivas falanges presentes nos rituais. Faz-se importante esclarecer que estes grupos não se separam, falanges femininas e masculinas trabalham em conjunto, porém com funções específicas em cada trabalho ou ritual, funções estas vinculadas à sua falange.

Os mestres doutrinadores<sup>10</sup> possui um papel de relevância na doutrina, pois as funções de presidente, vice-presidente, comandantes, instrutores de desenvolvimento mediúnico, instrutores de iniciação e centúria só podem ser realizados por doutrinadores, o que comprova a liderança intelectual dos homens conforme já citado acima. Pode-se afirmar que o doutrinador também é uma das razões da missão de Tia Neiva, quando a mesma relata em sua autobiografia: “Jesus! No descortinar desta visão, sinto renascer o espírito da verdade, na missão que me foi confiada: O doutrinador!” (ZELAYA, p.39, 1992).

Existe um dia dedicado pelo VDA ao doutrinador, que é o dia 1º de Maio. Nesta data, ao nascer do sol, é realizada uma celebração máxima da doutrina, que no templo de Brasília é capaz de atrair diversas caravanas de adeptos de templos externos somente para o ritual de Primeiro de Maio (IPHAN, 2010).

Apesar da chegada do doutrinador, em virtude da missão de Tia Neiva, faz-se oportuno evidenciar a presença também do aparâ, que é o médium de incorporação, compreende-se, no entanto, dois tipos de mediunidade no VDA que se interagem e se complementam, como a figura do aparâ e do doutrinador, assim explica Oliveira (p.5, 2013):

O doutrinador é o médium que não incorpora, estando responsável pela abertura e pelo fechamento dos rituais, pela condução dos pacientes, pela mediação entre o médium de incorporação e as entidades espirituais, bem como pela condução ritualística. Percebemos, no decorrer do processo de pesquisa, que a locação do médium doutrinador no espaço social do VDA tem por base o acúmulo de capital cultural, referente, principalmente, ao conhecimento da doutrina, portanto, é uma mediunidade que pressupõe o processo de erudição, o que é viabilizado através da frequência a cursos e palestras oferecidos pelo movimento, o que possibilita, inclusive, o angariamento de novos graus hierárquicos dentro da estrutura religiosa. O aparâ, também denominado de aparelho em algumas situações, em especial as ritualísticas, é o médium de incorporação, responsável por receber as entidades de luz, em especial os caboclos e pretos-velhos. Interessante destacar que os aparâs não podem comandar os rituais religiosos, da mesma forma que, na dinâmica ritualística, que normalmente leva os médiuns a se organizarem em duplas, pode haver dois médiuns doutrinadores, ou um doutrinador com um aparâ, mas nunca dois aparâs, o que nos leva a perceber a posição simbólica hierarquicamente situada em que esses médiuns se encontram, em termos ritualísticos.

---

<sup>10</sup> “O Doutrinador, em síntese, figuraria como aquele que se empenha em assimilar e retransmitir conhecimentos afetos ao mundo espiritual e, acima de tudo, convence-se interlocutor privilegiado, empenhado que está, consoante a interpretação dessas denominações, em recepcionar e esclarecer espíritos desencarnados de sua condição com vistas a projetar-lhes ao caminho da evolução (IPHAN, p.260, 2010).

Neiva era a única que podia desenvolver vários tipos mediúnicos no Vale. A clarividente Neiva despenhava em sua bagagem mediúnica de “todos” os dons mediúnicos, menos a faculdade do olfato às situações além – físicas. Grifo original (ZELAYA, p.50, 1992).

Tia Neiva faleceu no dia 15 de novembro de 1985, aparentemente, em decorrência de tuberculose. Tal doença tinha uma explicação espiritual, pois decorreu de uma “dívida cármica”, que teria ocorrido após o seu treinamento com o monge tibetano<sup>11</sup> (OLIVEIRA, 2013, p. 3). Antes de sua morte, Neiva havia deixado quatro trinos<sup>12</sup> preparada para sua sucessão no comando do Vale a partir deste momento, estes trinos são Mário Sassi (Trino Tumuchy), seu filho, Gilberto Chaves Zelaya (Trino Ajarã), os adeptos Nestor Sabatovicz (Trino Arakém) e Michel Hanna (Trino Sumanã). Às duas filhas de Tia Neiva couberam alguns poucos encargos na doutrina. (OLIVEIRA, 2013).

Muitos adeptos explicam que Mário colaborou em explicar a doutrina, não só com documentos formais, mas também dando entrevistas a pesquisadores ou jornalistas. Mário Sassi faleceu no dia 25 de dezembro de 1995 (IPHAN, p. 88, 2010). Mas, antes mesmo de falecer, Mário Sassi se afastou da doutrina em 1991, em conjunto com outros adeptos, vindo a fundar a Ordem Universal dos Grandes Iniciados, na região do Lago Oeste, em Brasília (REIS, 2008).

De lá até os dias atuais houve muitas transformações na doutrina, principalmente relacionado à sua expansão, uma vez que uma pequena semente que nasceu com a UESB no Brasil, torna-se uma doutrina conhecida não somente para o povo brasileiro, mas também em âmbito internacional, instalada em diferentes países do mundo. E tudo isso, num razoável espaço de tempo superior a 50 anos, ou seja, um fenômeno religioso, eminentemente

---

<sup>11</sup> Conforme o livro *Autobiografia Missionária* explica que este monge tibetano estava encarnado, do Mosteiro de Lhasa se deslocava até a UESB para preparar Tia Neiva nos ensinamentos vitais de sua jornada, seu nome é Umahã (ZELAYA, p. 69, 1992).

<sup>12</sup> “Mestres designados por Tia Neiva para assumirem a condição de dirigentes da Doutrina do Amanhecer e, segundo o entendimento dos jaguares, responsabilizam-se por cumprir e fazer cumprir as leis doutrinárias. O ofício em questão foi criado ao final da década de 1970. Originalmente, três foram os mestres designados pela Clarividente para o exercício da função, a saber: Trino Tumuchy, Mário Sassi (falecido); Trino Arakém, Nestor Sabatovicz (falecido) e, por fim, o Trino Sumanã, Michel Hanna. Na sequência, Tia Neiva designou como Trino Triada Presidente, o mestre Gilberto Zelaya, seu filho, que passou a ser reconhecido como Trino Ajarã. Em 2006, com o falecimento do Trino Arakém, o mestre Raul Zelaya é designado para a vaga e passa à condição de Trino Triada Presidente Ypoarã. Assumem, entre outras responsabilidades, a elaboração da escala de comando dos rituais e a consequente definição das escalas de trabalho, o direito à convocação de reuniões com o grupo mediúnico e detêm poderes de gerir com maior autonomia quaisquer temas doutrinários” (IPHAN, 2010, p.161).

brasileiro, que alcançou com suas características simbólicas, variadas percepções culturais, advinda do interesse e da aproximação de diferentes grupos de pessoas como curiosos, cientistas, estudiosos, religiosos, e principalmente por uma extensa procura por pessoas a quem vem buscar auxílio para sua vida material e/ou espiritual. De matriz brasileira, alcançou uma visão significativa à Antropologia e à Etnografia, visto que sua dinâmica cultural permite surtir ao pesquisador o interesse de interpretar um imaginário religioso (IPHAN, 2010).

Tia Neiva, antes da sua morte, foi homenageada pelo sumo pontífice João Paulo II, de quem recebeu correspondência Papal, enaltecendo-a por seus serviços prestados à humanidade (REIS, 2008, p. 277-278). Vale destacar que Neiva afirmou o respeito a todas as expressões religiosas e doutrinárias (ZELAYA, p. 47, 1992).

Para se compreender os fundamentos básicos do Vale do Amanhecer, Neiva ensinou:

Para se entender os fundamentos básicos da doutrina do amanhecer é só buscar o exercício íntimo da doutrina de Jesus o grande mestre, sintetizada em humildade (de tratamento), tolerância (de compreensão) amor (incondicional). Porém, para se entender alguns termos, símbolos, indumentárias etc. Há necessidade do entendimento mínimo sobre o fator transcendente-cármico, e espiritual (ZELAYA, p. 36, 1992).

Em resumo, a Doutrina do Amanhecer foi criada por Tia Neiva, que através de sua clarividência, mantinha contato com os planos superiores, tendo a figura marcante de Pai Seta Branca, mentor maior da doutrina. Apesar de sua morte, a doutrina persiste com suas características culturais e com a presença de duas práticas mediúnicas: do Apará e do Doutrinador. Antes de sua morte procurou deixar seus herdeiros para que a doutrina pudesse se expandir e perpetuar.

#### 4 O TEMPLO EUSÉBIO – CE

O templo, objeto de estudo deste trabalho, situa-se no Eusébio, região metropolitana de Fortaleza, porém, em razão de sua história doutrinária de criação, o Presidente Marco Túlio Barbosa o remite como templo localizado em Fortaleza, a pedido de Neiva Chaves Zelaya, cuja vontade era fundar o templo em Fortaleza, e não no Eusébio. O Templo Gamúrio em Fortaleza não existia como Gamúrio. Inicialmente, Tia Neiva pediu a um grupo de Mestres de Brasília que viessem fundar o Templo em Fortaleza. Então, três famílias se uniram e vieram até Fortaleza para fundar um Templo.

O templo em Fortaleza, que fisicamente era em Aquiraz na época, foi fundado no dia 1º de maio de 1985, cujo presidente era o Mestre João Batista, Adjunto Umaitã e o vice-presidente era o Zé do Vale, Adjunto Jatuã. O vice-presidente ficou residindo em Fortaleza a pedido de Tia Neiva e do Mestre Batista. Então, vieram as famílias dos mestres Geraldo, João e o Zé do Vale residir em Fortaleza para fundar o Templo. Os três vieram com suas respectivas ninfas (esposas).

O Zé do Vale assumiu a presidência em 1987, momento em que o templo deixou de ser Umaitã para ser Jatuã. Em maio de 1987, o Zé do Vale, em razão de dificuldades financeiras, foi morar em Salvador. Então pediu ao Mestre Gilberto Zelaya, filho da Tia Neiva e responsável pelos templos externos ao templo Mãe (situado em Brasília), conhecido doutrinariamente como Trino Ajarã, para que colocasse como presidente do templo o Mestre Inácio. Então, em fevereiro de 1988, Mestre Inácio assumiu a presidência do Templo em Fortaleza, que estava situado em Eusébio, distrito que havia se emancipado de Aquiraz em 1988. O templo, com a regência do Mestre Inácio, chamava-se Umariã.

Quando o Mestre Inácio assumiu a Presidência, Eusébio se emancipava de Aquiraz. Porém, ele dizia que o Templo era em Fortaleza, porque Tia Neiva tinha pedido que formasse o Templo em Fortaleza.

O Mestre Inácio ficou na presidência até 1999, ou seja, até o dia em que faleceu, na época em que assumiu a presidência do templo. Em 1993 Marco Túlio assumia a vice-presidência. Nesta época eram três vice-presidentes o Marco Túlio, os mestres Luiz Carlos e Brilhante. Com menos de um mês, o mestre Luiz Carlos renunciou, depois de dois anos o mestre Brilhante também renunciou. Quando o mestre Inácio faleceu, o mestre Zilcio, que era

o filho do mestre Inácio, assumiu a presidência do templo, e o Marco Túlio ficou como vice-presidente sozinho.

No ano de 2000, o Marco Túlio assumiu como presidente do templo de Fortaleza, localizado no Eusébio, região metropolitana de Fortaleza. Doutrinariamente o templo deve levar o nome do ministro do mestre do presidente, que neste caso é Gamúrio. Desta forma, o espaço leva o nome de Templo Gamúrio, denominação ligada tanto às razões espirituais quanto em relação à sua razão social.

O primeiro templo de Fortaleza chamava-se Jatuã, depois Umaitã, posteriormente Umariã, do mestre Inácio, depois Parlo do Zilcio, e por último, Gamúrio. Atualmente o Mestre Marco Túlio é presidente de dois templos, um localizado no Eusébio e outro localizado no Rio Grande do Norte.

Marco Túlio explica que existem outros templos construídos depois do Gamúrio, que estão localizados em Fortaleza ou na região metropolitana da capital, como por exemplo, Araturi, Caucaia, Aracapé, Baturité e Cascavel. O templo de Gamúrio é doutrinariamente registrado como templo de Fortaleza, apesar de se localizar em Eusébio, e possui esta denominação há 15 anos. Trata-se do maior templo de Fortaleza por possuir quase todos os trabalhos iniciáticos que a doutrina possui.

A escolha do presidente não é algo automático ou aleatório. O filho da Tia Neiva, Gilberto Chavez Zelaya, escolheu após a morte do mestre Inácio o Marco Túlio para ser o presidente. Conforme o informante, a hierarquia da doutrina é composta de quatro trinos. Então, esses trinos são definidos de acordo com a ordem de chegada deles na doutrina. O primeiro trino foi o trino triada Tumuchi, que era companheiro da tia Neiva, Mestre Mário Sassi, responsável pela parte doutrinária. Logo após a chegada dele veio o trino triada Arakém, que é o mestre Nestor Sabatovicz, responsável pelo executivo da doutrina e pelas leis, e em seguida o trino triada Sumanã, mestre Michel Hanna que é responsável pelo poder de cura. O quarto trino é formado por um dos filhos da Tia Neiva, trino triada Ajarã, mestre Gilberto Zelaya, que Tia Neiva designou para coordenar os templos externos do Amanhecer.

Hoje se tem outro trino triada presidente do templo de Brasília, que é o Mestre Raul Zelaya, filho da Tia Neiva, que foi consagrado pelas irmãs Carmen Lúcia e Vera Lúcia, também filhas de Tia Neiva, após o falecimento de sua mãe.



O crescimento da doutrina ocorreu de acordo com a evolução da doutrina. A quantidade de trabalhos foi crescendo de acordo com a quantidade de mestres. Inicialmente o templo tinha apenas o trabalho de tronos, linha de passe e o trabalho de cura, e, gradativamente, com o desenvolvimento da doutrina, começou a chegar os outros trabalhos.

Em 1985, quando o templo foi fundado, sua estrutura era formada por cajueiro ao ar livre, simbolizando o local onde os mestres fazem a preparação para os trabalhos, que se chama de pira, e os bancos dos pacientes e o trabalho de tronos eram feitos de pau de carnaúba com madeira, de modo muito simples.

Então, entre 1986 e 1987 começou a formar o templo, cujo formato era muito rústico, tendo como cobertura a palha de coqueiro. Em 1995 foi construído o primeiro templo, que tinha o formato retangular, com paredes e telhado.

Toda construção do Templo do Amanhecer foi sendo financiada pelo corpo de mestres do templo. Então, de acordo com a condição econômica dos mestres do templo, tem-se a construção da parte estrutural física do mesmo.

Somente em 20 de janeiro de 2001 formou-se o templo da forma que está estruturado hoje, tendo o formato de uma elipse, o formato padrão do templo de Brasília. Elipse é um dos símbolos que é mais presente e destacado na doutrina do Vale do Amanhecer. A forma elíptica era uma exigência da doutrina, pois captam as energias positivas. Já as formas retangulares captam energias negativas.



Figura 02: Templo de Eusébio - CE

Fonte: Pesquisa de campo.

Com o novo templo foi possível ter mais trabalhos espirituais, como a cura iniciática, o oráculo, a cruz do caminho e, conseqüentemente, na parte externa do templo, o trabalho de turigano, estrela de sublimação e alabá.

Hoje o templo tem 620 (seiscentos e vinte) mestres ativos, porém 1.500 (mil e quinhentos) mestres que passaram pelo templo. Sendo, atualmente, a maior parte formada por mulheres, pois cerca de 65% do mestrado é composto de mulheres, tendo 400 (quatrocentas) ninfas ativas.



Fonte: Pesquisa de campo.



Fonte: Pesquisa de campo.

## 5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

O conteúdo que será apresentado a seguir faz parte dos dados coletados durante as observações na Reunião de Mãe Yara, Consagração de Centúrias e Consagração de 1º de Maio (em Brasília), bem como das entrevistas realizadas.

### 5.1. As falanges e suas indumentárias

Para fazer a Centúria, a ninfa previamente é convidada a participar de uma reunião conhecida como Reunião de Mãe Yara. Conforme a coordenadora das falanges femininas, a reunião de Mãe Yara se identifica desta forma porque as ninfas que não escolheram a falange são como não tivessem mãe, pois cada falange tem uma mentora, considerada a mãe de cada ninfa. Enquanto não fazem parte de uma falange, as integrantes são consideradas filhas de mãe Yara (identificada como mãe de todos os componentes do VDA).

A escolha da indumentária está relacionada à escolha das falanges missionárias. As ninfas que na mitologia grega, deriva de *nimphe*, significa botão de rosa para pai Seta Branca. O mentor espiritual da doutrina VDA escolheu este tratamento ao comparar às ninfas às rosas de seu jardim (KAZAGRANDE, 2011), que, por disporem de um transcendente espiritual comum (provenientes de encarnações passadas), formam um grupo com indumentária específica, trazida por tia Neiva dos planos espirituais.

Tais reuniões ocorrem em dois períodos do ano com datas escolhidas pelo Presidente do templo. A função destas reuniões é fazer com que as mulheres escolham pertencer a uma das dezenove falanges, que serão apresentadas para todas as mulheres presentes. Renata, conhecida como aponara<sup>13</sup>, disse para as mulheres presentes na Reunião de Mãe Yara que “dentre essas dezenove falanges, vocês vão ter escolher uma que você queira”.

Marco Túlio, que é o presidente do templo, participou da reunião na sua abertura, explicando a necessidade de ser missionárias de falanges. Durante o encontro esclareceu que:

“todas as práticas espirituais precisam de um determinado grupo específico de falanges que estejam comprometidas para fazer o trabalho. Por isso é importante que cada ninfa tenha a sua falange do seu transcendental para

---

<sup>13</sup> Esposa do Presidente e responsável por conduzir a Reunião de Mãe Yara, apresentando cada falange missionária às ninfas (mulheres). Aponara também é um nome de uma falange missionária, que não ocorre em razão de uma escolha da ninfa, mas de um convite ou se a mesma for esposa de presidente (conforme ocorre no templo de Gamúrio do Amanhecer).

colaborar com o templo e conseqüentemente ajudar ao paciente a receber aquela energia”.

Tendo, portanto a oportunidade de escolher fazer parte de uma falange. Após esta escolha, a mesma tem que escolher uma costureira oficial da doutrina para fazer a costura da roupa. Esta ninfa só entrará na falange quando vier a participar do Ritual de Centúria e possuir a vestimenta da falange correspondente.



Figura 03: Marco Túlio e Renata na reunião de Mãe Yara.

Fonte: Rejania Abreu.

A ninfa pode ser centuriada, ou seja, participar do Ritual de Centúria, mas somente vai ingressar numa falange se tiver a vestimenta, que pode ser doada por alguém ou comprada. Esta compra é feita à Costureira que tem o domínio e padrão das roupas do Vale.

As ninfas de indumentárias usam obrigatoriamente a fita bicolor. O amarelo representa a sabedoria e o lilás a cura. As fitas contêm o símbolo do aparâ ou do doutrinador. O símbolo do aparâ é um livro aberto e do doutrinador é uma cruz.

No templo, todo o uniforme usado é considerado indumentária. Porém, as indumentárias de falanges femininas trazidas sob orientação de Tia Neiva há um total de dezenove. Que corresponde a um total de falanges apresentadas na Reunião de Mãe Yara<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Porém a pesquisa enfoca somente dezenove indumentárias femininas, que são aquelas vinculadas às falanges missionárias em que existe possibilidade de escolha pelas mulheres da doutrina, visto que a quantidade de indumentárias femininas não corresponde ao número de falanges femininas. Existem também a falange das aponaras, porém estas não se escolhe e não são apresentadas na Reunião de Mãe Yara, só pertence a mesma

As indumentárias das ninfas de falange é um vestuário usado em função de outras épocas ou povos e, por isso, buscam representar, nas visões de Tia Neiva, os povos dos planos espirituais.

Os calçados também se diferenciam. A franciscana e grega deve ser obrigatoriamente de cor branca. Conforme a aponara Renata Melo de Oliveira é padronizado pela primeira de falange<sup>15</sup>, que vem desde o tempo de tia Neiva. A rochana usa principalmente o calçado vermelho, podendo também ser dourado ou prata, dependendo-se da mediunidade, ou seja, se é apará ou doutrinadora. Já as demais falanges podem utilizar calçados pretos, marron, prata ou dourado, se a ninfa for apará ou doutrinadora, respectivamente.

Os símbolos presentes nas indumentárias tem haver com a falange missionária, pois cada falange traz uma história que explica o transcendente, conforme dito anteriormente pelo Presidente do templo. Então, se uma falange viveu um cenário histórico numa determinada época, aquelas figuras representativas da sua história podem ser encontradas no modelo de roupa ou mesmo em símbolos presentes nas vestes. Como, por exemplo, a falange de Nityamas, que foi a primeira a se apresentar na reunião, conta-se a que este grupo de missionárias chamadas de Nityamas numa outra época enfrentou a pobreza, e por isso juntavam pedaços de tecido colorido para fazer suas roupas, sendo a razão pela qual, hoje, a indumentária da Nityama é formada por nescas coloridas, como se fosse vários retalhos costurados com tecidos de diferentes cores para fazer sua roupa, como também história da falange conta que as Nityamas faziam seus rituais festivos ao lado de uma fogueira, razão pelo qual sua indumentária traz uma fogueira chamada de “chama” ou “chama da vida”.

Existem dois tipos de indumentárias e os símbolos que as identificam, ou seja, o sol e a lua, que têm haver com a mediunidade de doutrinadora e apará (médium de incorporação). O sol é o símbolo de identificação da mediunidade e força energética do

---

quem é esposa de presidente ou escolhida por mestre que tem um determinado nível hierárquico, e sua companheira de trabalho que tenha parentesco ou não, poderá ser convidada a ser aponara.

<sup>15</sup> Primeira de Falange é exercida por Ninfas que lideram as Falanges Missionárias. Organizam a parte burocrática e realizam reuniões, escalas de trabalho e trabalhos conjuntos. Quando da criação das Falanges Missionárias (a partir de meados da década de 1970 até o falecimento de Tia Neiva), a Clarividente encarregou-se de proceder à escolha das lideranças, que passaram a ser conhecidas como Primeiras (IPHAN, p. 159, 2010). Isso ocorre em Brasília, porém, nos templos externos quem mantém a liderança são as regentes, e quem lidera as regentes é a aponara.

doutrinador e a lua é o símbolo de identificação da mediunidade e força energética do aparé (ZELAYA, 2009, p. 81).

Cada tipo de missionária que se apresentou traz na sua indumentária peculiaridades distintas em razão, principalmente, das diferentes histórias das falanges missionárias. Assim, foi abordado, seguindo uma ordem de apresentação, o que foi dito na reunião sobre as diferentes vestes.

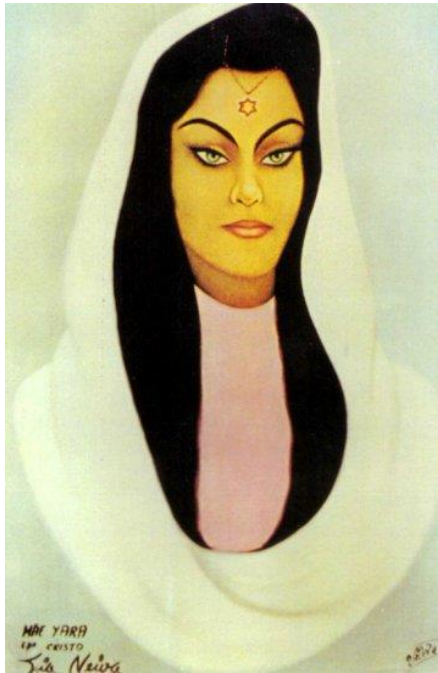


Figura 04: Mãe Yara.

Fonte: <http://www.minhateca.com.br/action/searchfiles>.

A primeira reunião aconteceu dentro do Turigano, que além de ser um espaço físico situado fora do templo, é um local onde se realiza o ritual de Turigano<sup>16</sup>. Já a segunda reunião ocorreu no dormitório feminino, ocorreu neste dia no dormitório porque na reunião anterior os barulhos externos inviabilizou uma reunião mais tranquila, porque uma hora ou outra as pessoas passavam e conversavam, além de também estava acontecendo o trabalho de estrela de sublimação ao lado que também dificultava a concentração das mulheres na

<sup>16</sup> Não existe explicação quanto ao significado da palavra turigano, pois trata-se de uma nomenclatura trazida dos planos espirituais por tia Neiva. Numa carta, escrita em 01. dez.1980, Tia Neiva diz: “o que significa a palavra turigano? não sei dizer; recebo do mundo espiritual e faço, nem sempre explicam tudo” (ÁLVARES, 2007, p.97). Portanto, é uma edificação anexa ao Templo, que comporta, ao centro, uma escultura de alvenaria em forma de cálice, denominada “Chama da Vida”. Em torno desta escultura, existe a Via Sagrada (corredor que dá acesso ao Templo, onde existe a imagem de Jesus exposta dentro de um grande candelabro de concreto), os projetores de Mãe Iara e Iemanjá, duas cruzeiras com mantos, e diversos assentos de alvenaria. Nesta edificação ocorrem os rituais de Turigano, Entrega de Energias (ver Escalada), Julgamento, Aramê, Estrela dos Aspirantes, Troca de Rosas, Julgamento do Pequeno Pajé, Imunização e Reclassificação. (IPHAN, p. 148, 2010).

apresentação. Na primeira reunião foram convidadas nove falanges, mas apresentaram-se oito. Já no dia 08 de março foram apresentadas as restantes, ou seja, onze falanges, com suas respectivas indumentárias. Ao todo dezenove falanges foram apresentadas.

A maioria do grupo era formada por ninfas que ainda não havia escolhido a falange. No entanto, quem já tinha escolhido e já pertencia a uma falange também poderia assistir novamente a reunião e escolher outra falange. Quando isso ocorre, a missionária será entregue pela aponara a uma nova regente<sup>17</sup>, que irá conduzir a feitura de uma nova indumentária, Esta ninfa não mais usará sua antiga indumentária, pois optou por pertencer a uma nova falange, devendo, portanto, fazer uma nova roupa.

A indumentária que a ninfa não irá mais usar pode ser doada a outra missionária que pertença àquela falange, esta ninfa que, por condições econômicas, não tenha condições de adquirir acaba tendo a indumentária doada como uma alternativa para poder realizar os trabalhos. Em virtude de se passar uma indumentária para outra ninfa, deve ser feito a desimantração<sup>18</sup>. No entanto, se a indumentária estiver muito acabada, deverá ser queimada, até porque não terá serventia nenhuma. Como são energias emanadas pela espiritualidade não podem ser vestidas na residência das integrantes. Isso só é permitido caso a casa das ninfas estejam situadas em recintos templáticos<sup>19</sup> do VDA.

---

<sup>17</sup> Regente são as mulheres responsáveis pelas falanges, são as que coordenam os diferentes grupos de missionárias. Então cada regente é responsável por um grupo respectivo. A aponara na reunião explica que “todas as falanges tem a sua regente. A regente é aquela que coordena a falange. Que dar a reunião, pois toda falange tem uma reunião por mês, uma reunião mensal. Onde são discutidas as escalas e faz o planejamento do mês. Para que assim, o trabalho fique dividido e que todo mundo trabalhe e que ninguém trabalhe sozinho. A regente está aqui para coordenar a falange”.

<sup>18</sup> Conforme explica o Marco Túlio em outro momento, em sua entrevista, dia 04. 04. 2015, às 13 horas, a desimantração é uma espécie de ritual em que ocorre uma desimpregnação de energias, ou seja, uma energia que era de uma ninfa não existir naquela roupa após este ritual, e a ninfa que recebe terá somente impregnada suas energias.

<sup>19</sup> Conforme Marco Túlio, em entrevista realizada no dia 04.04.2015, o recinto templático é considerado uma extensão do templo, ficando na parte externa, alcançando somente o terreno que pertence à doutrina.



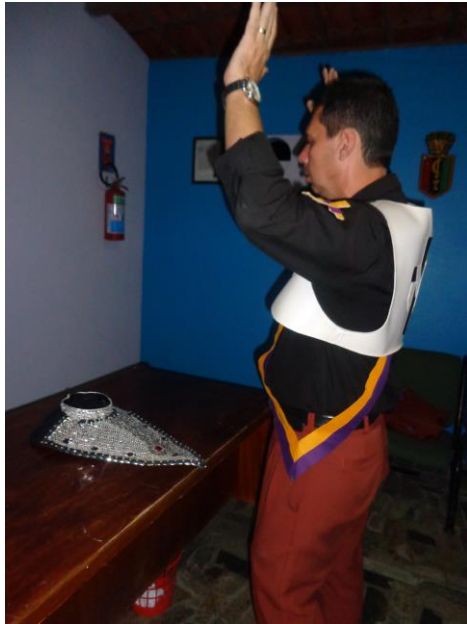


Figura 05: Desimantração de indumentária pelo presidente do templo.

Fonte: Pesquisa de campo.

No VDA, a finalidade da uniformidade das vestes é justamente nivelar todos, evitando o uso de roupas comuns que espelham a personalidade de seus usuários. (SILVA, 2012). Estas devem ser elegantes e limpas, nunca sujas, rasgadas ou amarrotadas. Devem, também, ser adaptadas ao físico do usuário, sem ser folgadas ou muito justas, largas ou curtas. Nada existe por acaso, pois as cores e as formas das indumentárias estão relacionadas diretamente com as energias que serão manipuladas. Por isso tem-se a indicação correta de cada indumentária para cada trabalho que se precise realizar. (Ibid, 2012).

As indumentárias foram projetadas desde o reino de zana, que é um reino do plano espiritual, trazidas por mãe Yara através da Tia Neiva, conforme entrevista realizada com a aponara no dia 05.04.2015. Por isso explica que a doutrina procura seguir o padrão deixado por Tia Neiva. Portanto deve ser fielmente confeccionadas dentro dos modelos que foram transmitidos.

Há uma hierarquia nas escolhas das indumentárias. Trata-se de uma forma de organização doutrinária que acaba facilitando a feitura das peças para a condução dos trabalhos da casa. A coordenação das falanges iniciada pela aponara (que é a esposa do presidente do templo) é responsável pela apresentação de todas as falanges na reunião de mãe Yara. Cada falange possui uma coordenadora que é a regente, que cuidará de conduzir a ninfa que optar por sua falange na feitura destas roupas. A orientação se dá na indicação das costureiras ou locais de venda de materiais que são utilizados nas roupas. A regente é a

coordenadora da falange. Então, após a entrega da ninfa pela aponara, as regentes passam a conduzi-las.

Durante a reunião, a aponara ressaltou que o processo de costura das indumentárias será tratado somente com a entrega das ninfas às regentes, que ocorrerá no dia 05 de abril de 2015. Depois desta entrega, as regentes irão repassar às ninfas informações sobre quem faz este tipo de costura, onde moram estas pessoas e os contatos telefônicos.

As roupas deverão ser confeccionadas até agosto. É preciso este espaço, visto que as roupas não são simples de serem feitas, além de tudo, são caras. Com um espaço de tempo será possível providenciar a indumentária até a consagração de centúria, que será em agosto.

Não existe critério específico para se fazer a escolha da falange. As missionárias podem fazer sua escolha a partir do canto<sup>20</sup>, história e trabalhos específicos<sup>21</sup> que tem afinidade, analisando através de seu transcendental. Por isso, todas as falanges são apresentadas para as integrantes que ainda não escolheram um grupo específico de trabalho. Essa apresentação é destinada também às integrantes que já escolheram, mas têm dúvidas se está na falange correta, havendo a possibilidade de mudança. Na primeira reunião só havia uma pessoa em processo de mudança.

Geralmente cada falange é apresentada por duas pessoas, uma na condição de sol (doutrinadora) e outra na condição de lua (apará, que é o médium de incorporação) (IPHAN, p. 253, 2010). Geralmente tem-se a apresentação da representante, ou seja, a regente de cada falange acompanhada de uma de suas missionárias, ambas vestidas com a indumentária correspondente.

Não há obrigatoriedade na escolha da falange. Cada integrante tem a liberdade de escolher ou não a falange, bem como de participar ou não da reunião. Porém, existe um

---

<sup>20</sup> A aponara explica na reunião que “o canto que a gente fala não é mantra, cantando. É uma parte que cada falange tem, que é a transcendência, o transcendental da falange. E é nesse canto que vocês devem estar bem atentas, devem prestar bem atenção. Por que é esse canto que vai trazer para vocês um pouco do transcendente”.

<sup>21</sup> A aponara explica na reunião que o trabalho específico está relacionado com o que a falange realiza “é o trabalho que somente aquela falange realiza e que sem aquela falange naquele determinado trabalho não acontece o trabalho. Um exemplo: a imantração, que é o primeiro cortejo que tem na abertura dos rituais dentro do templo, faz necessário a falange de Nityama, Mago e Samaritana. Se não tiver uma das três, não tem o trabalho”.

incentivo feito pela aponara e presidente do templo para que as pessoas façam tal escolha, pois somente pertencendo a uma falange os trabalhos espirituais do templo serão realizados.

O foco da reunião é a escolha da falange, porém a indumentária tem considerável importância, pois somente através de seu uso é que os trabalhos da casa serão realizados. A coordenadora das regentes (aponara), também esposa do presidente, e responsável pela condução das respectivas reuniões, demonstra que a escolha da falange deve ser por motivos mais espirituais do que físicos. Não se deve escolher pertencer a uma falange somente pela roupa, pela indumentária, pois deve ser analisado a história da falange, os trabalhos que a ninfa irá participar com aquela indumentária e/ou pelo canto específico que a ninfa tem como uma chave ritualística ou prece específica que pertence àquela falange, ou seja, àquele grupo determinado de pessoas.

Na primeira reunião, as falanges começaram a ser apresentadas pelas de côrte, que são Nityama, Grega e Maya, seguindo a ordem de apresentação: Yuricy, Muruaicys, Jaçanã, Cigana Aganara e Samaritana. No segundo encontro, o início se deu pelas Dharman Oxinto, seguindo posteriormente pela Narayama, Ariana, Cayçara, Rochana, Madalena, Franciscana de Assis, Cigana Tagana, Tupinambá, Agulha Ismênia e Niatra.



Figura 06: Primeira reunião de Mãe Yara, dia 28 de fevereiro de 2015, que aconteceu dentro do espaço denominado Turigano

Fonte: Rejania Abreu.



Figura 07: Segunda reunião de Mãe Yara, dia 08 de março de 2015, que aconteceu no dormitório das ninfas.

Fonte: Rejania Abreu.

Durante a reunião foi informado que as indumentárias só podem ser feitas por pessoas autorizadas que sejam da doutrina. Também foi mencionado que as roupas costumam caro e por isso devem ser feitas com antecedência para que se possa ser feita aos poucos. Por tanto, a reunião ocorre entre os meses de fevereiro a março. Em abril tem a apresentação<sup>22</sup>, neste ano ocorreu em 05 de abril, que é também chamada de entrega da ninfa à sua respectiva falange (um grupo de missionárias representada pela regente), e é a regente que recebe a ninfa, para depois, em agosto, com o ritual de Centúria, formalizar a entrada da ninfa na falange e o uso da indumentária nos trabalhos.

O encaminhamento das ninfas ocorre da seguinte forma: apresentação das indumentárias em fevereiro; entrega ou apresentação às regentes em abril e consagração de Centúria em agosto. O intervalo de tempo que se tem entre a apresentação das indumentárias (fevereiro/março) e a consagração (agosto) ocorre justamente devido ao valor das roupas. É um tempo para que as vestimentas possam ser feitas aos poucos, uma vez que cada

<sup>22</sup> No dia da reunião a Renata comentou sobre esta apresentação: “Tem uma apresentação no templo. É bem interessante. Então eu conto com a presença de vocês aqui no primeiro domingo de abril que é dia 05 de Abril. Até lá, vocês podem está analisando e tem gente que já sabe o que vai ser, e já diz para mim. Então vamos manter isso para a gente. Para a gente só divulgar no dia da apresentação. Assim fica muito legal”.

indumentária custa em média o valor de R\$ 300,00 (trezentos) à R\$ 800,00 (oitocentos) reais. Cada costureira do VDA decide a forma de pagamento, aceitando muitas vezes o pagamento parcelado. As costureiras são cientes que as roupas custam caro e que nem todos podem pagar à vista, por isso, procuram confeccionar até agosto para que as ninfas possam fazer as consagrações vestidas com suas indumentárias correspondentes. Não é uma obrigatoriedade, porém é costume que todas providenciem suas roupas para o ritual para que as energias da centúria possam impregnar nas indumentárias.

No 1º Domingo de Abril de 2015, elas foram apresentadas às falanges, onde ocorre a entrega. A entrega é a apresentação da ninfa à sua regente, somente a ninfa conhece sua regente, porém sua regente não conhece a ninfa ou ninfas que escolheram a falange que a mesma representa. A partir desta entrega ou apresentação é que a Regente cuidará de providenciar a indumentária da ninfa para a consagração de centúria.



Figura 08: Entrega das missionárias no dia 05 de abril à sua respectiva falange.

Fonte: Pesquisa de campo.

Depois da entrega, as ninfas se preparam para formalizar sua entrada na falange, por meio do ritual de Centúria. A origem do nome Centúria remonta ao antigo exército romano, em que o centurião era a patente de um homem responsável por outros cem homens (KAZAGRANDE, 2011). Então, com esta classificação de centuriado ou centuriada, tem-se a confirmação de mais um passo ou um degrau dentro da doutrina. E esta confirmação ocorre com o ritual chamado de Consagração de Centúria. Ao realizá-la, a ninfa estará apta a participar de todos os trabalhos do VDA. Este ritual acontece duas vezes por ano, de acordo

com a escolha das datas pelo Gilberto Zelaya, filho da Tia Neiva e responsável pelos templos externos, que, com sua equipe de trabalho se dirige aos templos externos, para promover as consagrações, dentre elas a centúria.

Em 03.10.98 foi formalizado no Vale do Amanhecer que a partir daquela data a ninfa somente poderá participar de uma falange quando receber sua consagração de centúria, com exceção do ingresso nas falanges de nytiamas, gregas e mayas (SILVA, 2012).

## 5.2 As indumentárias na Consagração de Centúria<sup>23</sup>

O Ritual de Centúria presente no VDA desperta curiosidades pela dimensão cultural ali inserida, sobretudo em virtude das simbologias presentes nas vestes das ninfas, mas também por atrair adeptos de diferentes localidades. Desde 03 de outubro de 1998 foi instituído na doutrina que a partir de então a ninfa somente poderá participar de uma falange quando receber sua consagração de Centúria, com exceção do ingresso nas falanges de Nytiamas, Gregas e Mayas (SILVA, 2012).



Figura 09: Ritual de Consagração de Centúria realizada no dia 21.03.2015

Fonte: Pesquisa de campo.

A origem do nome do ritual remonta ao antigo exército romano, em que o centurião era a patente de um homem responsável por outros cem homens (KAZAGRANDE, 2011). A Consagração de Centúria transforma missionárias em ninfas de falanges para exercer

<sup>23</sup> Esta Consagração de centúria foi a formalização da escolha das falanges pelas ninfas que ocorreram na reunião de Mãe Yara no ano de 2014. Pois a Centúria da Reunião de Mãe Yara que ocorreu nestes meses de fevereiro e Março de 2015 só acontecerá em Agosto do presente ano.

todos os trabalhos espirituais no templo. Trata-se de um mecanismo de formalização do ingresso na falange com a permissão do uso da respectiva indumentária.

O ritual acontece duas vezes por ano, de acordo com a escolha das datas feitas por Gilberto Zelaya, filho da Tia Neiva e responsável pelos templos externos à matriz de Brasília, que, com sua equipe de trabalho se dirige aos demais templos para promover as consagrações.

José Homero Tertuliano de Brito, responsável pelo ritual de Centúria<sup>24</sup>, explica que o Centúria é o terceiro passo iniciático do mestre dentro da doutrina. O primeiro passo é a Iniciação, quando se libera o mestre para algumas atividades no templo. O segundo passo é a Elevação de Espadas em que são liberadas mais algumas atividades doutrinárias e, por último, considerado o terceiro passo, a Consagração de Centúria, em que os indivíduos já estarão liberados para fazer qualquer tipo de trabalho espiritual na doutrina.

No ritual do Centúria, os participantes recebem a emissão e um canto da falange, definidos como preces de origens transcendentais, consideradas como abertura para os canais espirituais. A ninfa, através de sua caminhada e que chega à centúria, já pode escolher uma falange e a partir da escolha tem-se a indumentária e o canto correspondente.

As falanges de corte usam as indumentárias independentemente de Centúria, que são: Nityama, Grega, Maia, Mago e Príncipe. Os que estão vinculados a tais falanges são liberados já a partir dos doze anos de idade. Ao ingressar na doutrina estes já podem entrar em uma dessas falanges, sendo autorizados a usar suas respectivas indumentárias. Já as demais falanges só podem iniciar seus trabalhos após o ritual de Centúria, quando as indumentárias começam a acumular as energias daquele ritual e dos demais trabalhos. As vestes apresentam-se, durante o ritual, como um transformador ou um receptor de energia. Então, essas energias que são manipuladas nos trabalhos são paulatinamente acumuladas nas indumentárias.

O ritual de Centúria é sempre realizado pela Coordenação de um mestre Devas. Na pesquisa de campo, realizada no dia 21.05.2015, quem estava coordenando era o mestre Homero. Este tem como uma de suas atribuições coordenar os rituais de Elevação de Espadas, Centúria, Classificação, Reclassificação, entrega de nomes de Ministros, Cavaleiros e Guias Missionárias. Os mestres Devas são preparados nos planos espirituais para virem com essa missão, conforme ressalta Homero Tertuliano. Porém, não são todos os Devas que estão

---

<sup>24</sup> Entrevista realizada em 21.03.2015

autorizados a coordenar este ritual de Centúria. Por isso, o mestre Homero está constantemente viajando para realizar o ritual em diferentes cidades ou países, como por exemplo: Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Aracaju, Salvador, Crato, São Luiz, Belém, Imperatriz, Manaus, Roraima, São Paulo e Bolívia. Por semestre, costuma realizar entre sete a dez rituais.

O ritual realiza-se com as luzes apagadas. A corte entra silenciosa conduzindo as diferentes falanges, composta por dezenove<sup>25</sup> falanges femininas e duas masculinas. Homero explica que a penumbra, momento em que quase todas as luzes ficam apagadas, tem relação com a representação de uma das encarnações do mestre jaguar, que ocorreu em Roma na época dos centuriões e as barbáries. Muitos daqueles espíritos que foram sofrerem naquelas guerras são trazidos pelos mentores do Vale do Amanhecer para verificarem a condição de evolução espiritual daqueles que estão se consagrando no ritual. Então, em sinal de respeito aos espíritos que são trazidos, o templo fica na penumbra e o ritual ocorre em silêncio. É neste momento que há um deslocamento dos médiuns adentrando o interior do templo para o espaço do recinto evangélico onde é feito o ritual. Não há o uso de mantras nem cânticos.

Quando se inicia a abertura do Ritual pelos Devas os mantras começam a ser entoados. O Mantra cantado, citado a seguir, é um hino oficial do Vale do Amanhecer, utilizado nas aberturas e fechamentos de trabalhos e ocasiões solenes, conforme apresentamos a seguir:

Sob o céu azul do Amanhecer; Seta Branca de amor apareceu. Com as ordens do Oriente nos faz ver a grandeza que Jesus nos concedeu. Prana luz aqui resplandeceu; o Oriente maior que é de Tapir, conduzindo as almas tristes para Deus, neste Templo de esperança e de povir. Salve Deus, criador, do Universo, és o Senhor! A bandeira rósea de Jesus, nosso símbolo de fé sempre há de ser, tremulando neste Vale ela traduz, as mensagens que do Astral queremos ter. Salve Deus, Criador!

Após a abertura pelos Devas, inicia-se o ritual pelo cruzamento de espadas, momento em que é feito a preparação e a consagração do mestre dentro do ritual. Neste instante, o mestre passa por baixo das espadas até receber uma morsa (um pano branco que representa a proteção do mestre durante o ritual). A partir do momento que saem das espadas, coloca-se a morsa para serem servidos pela falange de Samaritanas. Mas se for doutrinador ou

---

<sup>25</sup> Vale ressaltar que as aponaras não participam do ritual de Consagração de Centúria. Elas não são apresentadas na reunião de Mãe Yara e não foram confeccionadas sob orientação de Tia Neiva, apesar de ser um dos vestuários femininos do Vale do Amanhecer.



doutrinadora, recebe-se uma espada e eleva-se em direção ao Cristo e fala: - Meu senhor é meu Deus. Logo após, todos, independentemente da mediunidade, se servem do sal e perfume. O sal serve para cortar as correntes negativas e o perfume serve para facilitar a mediunização, ou seja, favorece o contato com a espiritualidade. Depois se lavam as mãos, como simbologia que remete ao cristianismo, da época de Pilatos, em que a lavagem das mãos representava uma maneira de purificação, significando um caminhar com mais consciência espiritual. Depois toma o vinho servido pela Samaritana, que simboliza o sangue de Jesus. Após este momento a morsa é retirada pela Samaritana.

Após a retirada da morsa e ao descerem a pira, os consagrados recebem uma salva de palmas, momento em que um casal de mestres os recebe para ser colocado o selo de centuriões na capa da indumentária de cada um. Logo após, recebem os cumprimentos dos Instrutores de Centúria e presidentes, recebendo também uma carta de Tia Neiva sobre a mediunidade do doutrinador e apará. Caso entre os consagrados haja um casal, em sinal de respeito o marido retira a morsa da mulher e entrega para a Samaritana e a mulher retira a morsa do marido e faz o mesmo. Ao terminar o ritual, ascendem-se as luzes. Os mestres que estão participando da Centúria são conduzidos de volta com os mantras e cânticos. A idade para se fazer Centúria ocorre após os dezesseis anos. A partir do momento que se faz a iniciação com tal faixa etária, o integrante já está apto a participar dos outros rituais.

A Centúria é um ritual único. Por isso deve ser feito somente uma vez na vida do médium. Mesmo havendo mudança de mediunidade ou de falange não há necessidade de uma nova consagração. Não é o que ocorre com o da Elevação de Espadas e Iniciação, que devem ser repetidas caso haja mudança de mediunidade. Conforme Homero, um dos entrevistados e responsável pela coordenação do ritual, explica que o ritual de Centúria “é extremamente importante na caminhada, na jornada doutrinaria de cada um dos médiuns, exatamente pela possibilidade de abrir um leque de oportunidades de trabalhos na casa”.

No dia do Ritual foi possível observar que as falanges femininas se destacavam em relação às falanges masculinas. Havia um número superior de mulheres que estavam se consagrando com o uso de roupas que remetiam a época greco-romana. No dia do Ritual, consagraram-se 55 (cinquenta e cinco) mulheres e apenas 20 (vinte) homens.

### **5.3 Consagração de 1º de Maio**

Por ocasião do 1º de Maio em Brasília, tive a oportunidade de assistir a festa que homenageia o Doutrinador, ou seja, o mestre que doutrina espíritos. Primeiramente tem-se a formação de vários cortejos com as falanges femininas, que desfilando adentram ao maior recinto espiritual do VDA, que é a Estrela Candente, para aguardarem o início do ritual. Havia um cortejo formado em sua maioria por mulheres com a participação também de crianças, jovens, homens e mulheres. Trata-se do ritual mais importante do ano, responsável por romper a rotina do espaço religioso e que atrai adeptos de todos os locais do mundo. Para a doutrina e evento é considerado uma consagração, um ritual, um momento de festa, de compartilhamento e interação social. Cada falange, antes de desfilarem no cortejo, se reúne na casa de suas respectivas primeiras de falanges, conforme já explicitado acima, para seguirem até o local onde serão compartilhados sentimentos de fé e de esperança não só para aqueles que participam do ritual, mas para todos os presentes.

A Consagração de 1º de Maio ocorre nas ruas da comunidade onde o Vale está localizado. Os diversos grupos começam a chegar por volta das 03h30 da manhã. O evento, que envolve em média 5.000 (cinco mil) médiuns. Há a formação de vários cortejos de participantes que saem cantando em direção ao maior recinto espiritual do VDA, que é a Estrela Candente. No portal deste recinto todas as falanges se encontram, formando um único grande cortejo, que adentra o espaço formado por um lago artificial, circundado por locais de trabalho espirituais e construído em pedra e alvenaria.

As falanges missionárias começam a cantar no local a partir das 5 horas da manhã. E a abertura ocorre ao nascer do sol, quando o filho de Tia Neiva, mestre Raul Zelaya dá início ao ritual. Neste momento, as ninfas de falanges missionárias deixam suas concentrações para se unirem ao seu povo doutrinário para passarem diante de um mestre que está incorporado com a entidade Pai Seta Branca.

## 5.4 Entrevistas realizadas

### a) Elizabeth Santos Lima

Elizabeth Santos Lima, de 53 anos, completa em julho de 2015 nove anos que ingressou na doutrina no templo de Eusébio - CE. A costureira ingressou em julho de 2005, mas só se tornou costureira do Vale em 2007. Elizabeth sabia que tinha muitas aptidões com os trabalhos manuais, pois o artesanato sempre foi algo que gostava de fazer. Como já havia percebido essa aptidão e na época estava sem trabalhar, resolveu se aproximar de algo que sabia fazer.

Então, iniciou seu trabalho com as indumentárias fazendo primeiro as armas, como “os raios, as estrelas, a lua, o radar que vem na capa”, conforme salienta. Depois passou a confeccionar as capas e por último os pentes. Hoje faz tudo que envolve utensílios das roupas, menos a costura do vestido, pois explica que não é do seu gosto fazer a costura. Conforme explica, “o que me encanta, o que realmente me realiza é a montagem, é preparar a estrutura depois que eu recebo a matéria prima”.



Figura 10: Costureira Elizabeth Santiago Lima.

Fonte: Pesquisa de campo.

Elizabeth explica a dificuldade em encontrar a matéria-prima no Ceará, quando diz que “os materiais geralmente são encontrados em Fortaleza, mas alguns utensílios que não são encontrados aqui, devem se encomendados em Brasília. Como lá é o berço da doutrina, já têm tudo”.

A interlocutora afirma que o que faz é além do material, “é uma missão também espiritual, sendo muito mais espiritual do que mesmo financeira, muito mais”. Complementa afirmando que visualiza o trabalho de costura como um trabalho da casa, que precisa ser cuidado em razão de estar inserido dentro de uma condição energética, “quando estou dentro desta condição energética, eu também tenho que ter esse cuidado com a pessoa que não tem a condição financeira, entendeu?. Eu não posso trazer só para o lado material”.

Elizabeth salienta que cada roupa de falange será fácil ou difícil de acordo com o tipo de pessoa para qual está trabalhando:

Tem vestimentas que são fáceis de fazer, outras que são mais complicadas de serem feitas, mesmo pertencendo a uma mesma falange. Quando a pessoa é complicada, difícil, você se irrita e às vezes, tem que refazer umas três vezes aquela roupa, porém quando a pessoa é tranquila, é rápido demais, num instante se faz aquela indumentária. Como é difícil você trazer para o concreto isso.

Afirma que também sente o contexto histórico das indumentárias ao costurar, pois toda falange tem uma bagagem transcendental e os momentos que foram vividos por aqueles grupos de missionárias são o reflexo nas suas vestimentas. Isso ocorre não só no seu brilho ou na sua cor, mas naqueles símbolos de representações históricas por onde aquelas ninfas caminharam, onde elas estiveram e o que faziam. E então toda esta energia vai chegando e como cada cor tem sua energia, vai trazendo um impacto, explica, exemplificando:

O contexto da falange de Rochanas, em que o vermelho predomina, a cor da sua indumentária traz uma condição de trabalho desobsessivo. O vermelho simboliza o fogo da regeneração, uma transformação, um combate que transforma não um combate que aniquila, é um combate que transforma.

Afirma que a indumentária tem um papel importante no VDA, pois constrói a história daquelas pessoas também dentro da doutrina. A primeira indumentária que é usada quando entra é o chamado branquinho, composto por energias mais simples ligadas ao aprendizado inicial buscado na doutrina. Depois se tem o jaguar, que têm um papel específico nos trabalhos da casa e, por último, as indumentárias de falanges, que permitirá participar em praticamente todos os trabalhos.

### c) **Manoel Alves dos Anjos**

Seu Manoel está há 20 anos na doutrina e contabiliza o mesmo período atuando como costureiro do Vale. Na vida já possui 30 anos de experiência na costura. Ocorre que na doutrina nunca fez indumentária de falanges femininas. Faz somente a indumentária de Jaguar

e branquinho, porque seu tempo não dá para fazer todas as indumentárias que existentes, em virtude da grande demanda. Além do quê a indumentária de falanges das ninfas é muito mais complexa, cheia de bordados e detalhes, ficando somente com os jaguares e os branquinhos, tanto masculinas como femininas. A Costura no Vale é sua fonte de renda e sustento, tendo apenas como complementação a aposentadoria. Menciona que gosta muito do que faz, quando diz: “E é também algo que eu gosto muito de fazer principalmente aqui para o Vale. É uma coisa que fico contente quando chegam os mestres em minha casa para experimentar a roupa, que testa a roupa e a roupa fica maravilhosa”. Quando iniciou na doutrina, segundo ele, época que quem coordenava o templo era o Mestre Inácio, o templo era bem menor.

#### **d) Maria Evanir da Costa**

Desde 2007, quando iniciou na doutrina, Maria Evanir costura as roupas do VDA, fazendo-se, portanto, oito anos de atividade. No Vale lhe foi dito que se tratava de uma missão e que, portanto, não podia fugir disso. Ela afirma ter recebido uma mensagem da espiritualidade e transmitida pela ninfa. Maria Evanir salienta que ama o que faz, ao dizer: “porque eu amo meu trabalho, eu tenho um amor muito grande por cada indumentária que eu faço. Cada Jaguar, cada roupa que eu faço”. Atualmente trabalha fazendo todos os tipos de indumentárias da doutrina. Quando não sabia fazer, pegava uma amostra já pronta, para seguir o modelo. Afirma que para dar conta das indumentárias quando os pedidos são em excesso e ultrapassam suas condições, acaba recusando alguns. Mas nunca recusa para ficar sem trabalho, pois não gosta de ficar sem trabalhar. Maria Evanir também procura conciliar o trabalho material com o espiritual, conforme afirma:

Então eu procuro sempre equilibrar, entendeu? nem muito trabalho aqui nem muito trabalho lá, os dois equilibrando sempre, porque você tem que ter o lado material né? E eu não gosto de ficar sem o meu trabalho espiritual. Então eu procuro equilibrar, muitas vezes eu sou obrigada a dizer que não.

A interlocutora declara que sua principal fonte de renda é a costura do Vale. Entretanto, para complementar a renda, vende cosmético. A mesma não sabe precisar quanto recebe por mês, pois é muito relativo, pois faz costura para receber parcelado. Têm pessoas que demoram até três anos para terminar de pagar, não por conta das parcelas, mas também das condições financeiras do cliente. Assim, por estes problemas, não sabe precisar seu ganho efetivo mensal. Procura fazer no máximo em três vezes, dependendo também do valor.

Em média uma indumentária de falange custa na faixa de R\$ 350,00 à R\$ 1.500,00 reais. Uma indumentária de Grega, por exemplo, custa em média o valor de R\$530,00. Já a de Caiçara está na faixa de R\$ 800,00. Mas, tudo isso é relativo, pois muitos utensílios não são encontrados em Fortaleza, fazendo-se necessário encomendar em Brasília, o que termina por ficar mais caro em virtude do frete. Além disso, há uma diferença de preço nos produtos, pois em Brasília a matéria-prima é mais cara. Então, se o produto tiver aqui em Fortaleza, deve-se comprar aqui, caso contrário se faz necessário encomendar em Brasília por meio de algum armarinho que tenha o produto no templo - mãe, onde nasceu o VDA. Há hoje muitas lojas que confeccionam os materiais necessários para as indumentárias.

Maria Evanir salienta que, quando está costurando sente a presença das entidades ao fazer as indumentárias, dizendo que “às vezes eu sinto a presença delas e intuições das coisas”. Ela afirma que nunca chegou alterar alguma indumentária por questão de não encontrar material, porque segue o padrão. Segundo ela:

Tem uma coisa que eu admiro na Renata é ela cobrar muito o padrão das indumentárias, isso faz com que nossas indumentárias sigam um padrão de organização. Então, quando não tem aqui eu sou obrigada a trazer de Brasília e acrescentar entendeu?, como por exemplo esta escaline<sup>26</sup> que não tem aqui.

Existem alguns utensílios, conhecidos também como armas, que a costureira ainda não se habilitou a fazer. Mas segundo ela, se procurar aprender acredita que consegue, como, por exemplo, o pente. Assim, explica que muitas coisas são trazidas de Brasília por gostar muito do acabamento deles. “O pente eu trago sempre de Brasília porque eu gosto muito do acabamento deles, eu nunca tentei fazer, mas eu acho se eu tentar fazer, eu vou tentar reformar o meu . Mas o negócio que existe uma coisa chamada tempo né?”.

Quando indagada se a mesma possui dificuldades financeiras, Maria Evanir explicou que conta muito com a ajuda da espiritualidade.

Vamos dizer que quando a coisa aperta, ele manda uma forma de me ajudar, entendeu? Eu acredito muito na espiritualidade e tudo é provação, mas vamos dizer que o dinheiro não é tudo, e quando uma princesa coloca uma das filhas dela para eu fazer uma indumentária eu agradeço mais ainda.

---

<sup>26</sup> Um tipo de tecido muito utilizado nas indumentárias no Vale do Amanhecer.

Afirmou que antes de entrar na doutrina já era costureira. Mas pensava em trabalhar com outra coisa que não tivesse relação com costura. Porém após refletir sobre a possibilidade, já que sabia o ofício, resolveu investir. E, hoje, não pensa em desistir de costurar, afirmando que pretende se organizar para ter mais tempo e investir mais efetivamente neste trabalho.

#### **d) Vilany Parente Aguiar**

Vilany afirma que entrou no Vale do Amanhecer entre 1989 e 1990. Nunca gostou de bordar e começou a fazer os vestidos das ninfas em 1996. Foi Zilda, a esposa do mestre Inácio (o presidente na época), que lhe passou as primeiras orientações. Quando era casada e tinha filhos não tinha como se dedicar à costura, assim, somente quando se separou, foi possível dedicar-se de forma profissional. Mas, hoje, em razão de seus problemas de saúde, não tem como se dedicar mais como antes, não tendo, portanto, a costura como fonte de sustento. Entretanto, se considera a mais antiga costureira do templo de Eusébio-CE.

Conforme salienta, sempre quando alguém a procurava para costurar, o cliente se responsabiliza a adquirir o material para a costura, seja em Fortaleza ou em Brasília. Ela costuma cobrar somente pelo seu trabalho. “Nunca houve a necessidade do pagamento parcelado, em razão do meu preço barato. Uma costura de um vestido, por exemplo, é na faixa de R\$ 60,00 (sessenta reais) à 80,00 (oitenta reais), quando alguém não pode pagar, eu sempre faço de graça”.



Figura 11: Em sua residência, a costureira Vilany Parente Aguiar.

Fonte: Pesquisa de campo.

Afirma que costura pouco e o que recebe serve apenas como um complemento da sua renda. Nunca se preocupou em ter um ateliê nem nunca comprou tecidos. A mesma não se importa em ajudar quem está precisando, podendo fazer de graça. É aposentada e considera a costura como uma terapia. “Sempre costurei mais para as mulheres do que para homens”.

**e) Maria Inês de Oliveira Saldanha**

Pertence à doutrina no templo de Eusébio desde 2003 (há 12 anos). Quando entrou na doutrina não sabia costurar. Explanou:

Eu não sabia fazer um ponto, foi na necessidade mesmo, eu fui ser da falange de Samaritanas e minha roupa que havia mandado fazer tinha ficado muito grande, aí eu mandei uma pessoa fazer o conserto e não ficou legal, onde eu aprendi, eu mesmo desmanchei e fui fazendo. E como aqui no Vale havia uma necessidade de indumentárias, já que muitas não sabiam como fazer, eu fui fazendo as indumentárias das ninfas. A primeira indumentária confeccionada da falange de Samaritanas feita aqui em Fortaleza foi eu quem fiz.

No primeiro que ano que passou a fazer parte da doutrina começou a costurar e hoje costura várias indumentárias de falanges, como as das Maias, Samaritanas, Franciscanas e Nityamas.

Afirma que não encontra uma renda com brilho em Fortaleza, então tem que encomendar em Brasília, que acaba saindo um pouco caro, pois tem que pagar o correio. Costuma usar o preço de Brasília como um parâmetro para cobrar pelos seus serviços.

É o seguinte: sempre eu vejo o valor lá em Brasília, porque todo o tecido, tudo que eu faço é vindo de lá. A renda, por exemplo, que utilizamos nas capas, nós temos pouco aqui ou quase não temos para vender. Digamos que em Brasília custa R\$ 1.500,00 (mil e quinhentos reais) o valor de determinada indumentária, como no caso das Aponaras, aí eu cobro 900,00 (novecentos reais).

“Não sobrevivo somente da costura, quando a pessoa não tem condições, faço mais barato ou parcelado, tem vezes que eu entrego a indumentária, e a pessoa ainda fica pagando, cobro algum valor, para que a pessoa valorize aquela indumentária”.

“Eu faço por amor aquela roupa, com tanto carinho, às vezes eu tenho uma sintonia tão grande com a espiritualidade, que eu sinto a presença daquela princesa, que é a mentora responsável pela falange”.



A interlocutora afirma que as energias das falanges a ajudaram a costurar.

Mas é claro com certeza eu não sabia o pregar um botão. Mas sonhava fazendo as indumentárias. Eu sonhei muitas vezes fazendo a roupa da samaritana. No início, quando comecei, claro que não ficou perfeita é uma coisa que você não tem costume e não tem prática, aí eu fui, eu fui sonhando que eu podia melhorar.

A partir das entrevistas foi possível perceber que os costureiros sentem um imenso afeto pelo trabalho que exercem junto à doutrina, pois a feitura de vestes para o VDA também é vista como uma missão espiritual, além de também ser uma fonte de sustento. Segundo as informantes, há certa dificuldade em encontrar todo o material que utilizam nas indumentárias femininas em Fortaleza, capital do Ceará, que está próximo ao Eusébio, principalmente no tocante aos brilhos que realçam as indumentárias, que seguem um padrão autorizado pelo templo.

#### **f) Carmem Lúcia Chaves Zelaya Albuquerque**

Vinculada ao templo de Brasília, Carmem Lúcia tem hoje 70 anos de idade e é filha da fundadora da doutrina. Antes de falecer, Tia Neiva solicitou à filha que cuidasse dos padrões das indumentárias do VDA. As indumentárias resultaram das orientações espirituais de Mãe Yara recebidas por Tia Neiva. O primeiro salão de costura foi fundado em 1970 debaixo de uma árvore, conforme salientou durante a entrevista. Carmem tornou-se a primeira costureira da doutrina, em 1974, com a orientação da mãe. Ela sabia mexer com a máquina, mas não era costureira. Hoje, o salão de costura oficial é a loja de Carmem Lúcia e tudo que é autorizado por ela é resultado das orientações de Tia Neiva.

Durante a palestra no Congresso da Falange de Nityamas, Carmem Lúcia explicou a importância das indumentárias, consideradas réplicas do plano espiritual e a necessidade de não ser modificadas. Conforme salienta, é preciso ter respeito e carinho pelas indumentárias, pois estas vieram do reino de Zana, através de Mãe Yara. Salienta:

Se existe a crença na corrente, naquilo que foi deixado, não deve mudar o padrão. Todos tem que ficar iguais, representando as forças do espaço. Não devemos colocar um material na indumentária que não tem nada haver com a roupa do plano espiritual. Não é um vestido de baile.



Figura 12: Carmem Lúcia palestrando sobre a importância de obedecer os padrões das indumentárias, no Congresso das Nityamas, que aconteceu no dia 03.05.2015.

Fonte: Pesquisa de campo.



Figura 13: Carmem Lúcia no seu salão de costura.

Fonte: Pesquisa de campo.

### g) Vilela

Vilela, 58 anos, atua como ilustrador oficial da doutrina há trinta e oito anos, tarefa passada por Tia Neiva desde 1977. A sua atividade, chamada de Pictopsicografia, canaliza a mediunidade para a pintura transcrevendo o que ver no mundo espiritual para o mundo físico. Neste âmbito, escreve livros passando o conhecimento às pessoas. Conforme salientou em entrevista

É uma doutrina espiritualista desvinculado de dogmas, é uma doutrina futurista. O mundo oriental é a raiz da doutrina, nós temos entidades aqui que já se submeteram em uma infinidade de reencarnações. As pinturas mostram que é um povo do oriente e da Índia. A simbologia serve para estabelecer contatos, através da imagem, são chaves, são formas de contato, esta conexão direta com o extra-físico e com o transcendente.

Sua comunicação com Tia Neiva era quase psíquica. Ele não é adepto e mesmo assim é responsável pelas ilustrações.



Figura 14: Frente da loja do Vilela que se localiza em Brasília, onde são vendidas as imagens ilustrativas da doutrina.

Fonte: Pesquisa de campo.

## h) Jairo Zelaya Leite

Neto de tia Neiva, Jairo Zelaya Leite tem atualmente 38 anos. Conforme explica, existe um mundo espiritual semelhante ao Vale do Amanhecer no mundo físico, denominado Canal Vermelho.

Tia Neiva conseguia chegar através do seu espírito a este local onde percebia diversas falanges. Ao acordar no plano físico descrevia o que via. Mãe Yara, como entidade, servia como instrumento para prestar maiores orientações à Tia Neiva, que ia desenhando os detalhes daquilo que ia absorvendo do mundo espiritual.

O Reino de Zana é o local de onde se originam o estilo das vestes. Por isso, na doutrina, o vestuário remete a três aspectos importantes, que são: as civilizações antigas, o evangelho e as funções. Os grupos de trabalho se definem em razão destas três características mencionadas.

As Nytiamas são ciganas por excelência na Índia. A fogueira é a autêntica fogueira cigana. São as virgens dos templos, que eram oferecidas ou prestavam serviços aos Deuses. Por isso usam o véu, que representa a pureza. Quando se casam mudam de roupa. Na saia tem três cores básicas da magia original, onde três é sagrado, com cores definidas. As meninas santas veneradas na Índia, ligadas ao hinduísmo, tendo o vínculo com os Devas, que eram deuses hindus. No seu canto elas explicam que chegaram até os Devas.

As Samaritanas remontam as Samaritanas que serviram a água para Jesus no poço. Mas também aquela que peitou os soldados Romanos, quando Jesus estava carregando a cruz no seu calvário. A ânfora simboliza a água e o vinho, um símbolo da época de Jesus, do azeite. No templo Vale do Amanhecer, têm as funções de servir.

As Gregas são o mundo grego. Eram a guarda da Helena de Tróia, elas trazem no seu ombro nu, um estilo grego da época. Elas são a Grécia por excelência. Cultuavam o Deus Apolo. No canto das Gregas fala do Deus Apolo unificado em Cristo Jesus. As mulheres tomaram as armas dos homens na doutrina do Vale do Amanhecer, porque os homens cometeram muitos desatinos com armas. Então as lanças servem como um condutor de energia serve para abrir caminho afastando os obsessores. E a corte vai abrindo caminho, espalhando aquela energia positiva que vai abrindo caminho, conduzindo os mestres.

As maias falanges remontam a civilização Maia, no norte do México onde adquiriram muito das tecnologias do Capelinos, seres espirituais que queriam auxiliar com o desenvolvimento evolutivo da terra. Então, no canto da Maia elas falam: conheceram a ciência cósmica, promoveram o culto a virgem do sol, que era um tipo de Deus cultuado. E, hoje representam a virgem do sol, tendo a mesma como mentora. As grandes pirâmides do México foram da civilização Maia. Na veste, o cálice com a seta simboliza a ciência cósmica do que ela falava.

As Yuricys remontam a época do Rei Leônidas, que auxiliavam a Pitoniza, que era Pitya, uma das reencarnações de Tia Neiva. Pitya ficava no Oráculo de Delfos, este oráculo ficava no interior da Grécia. Então, várias falanges missionárias remontam o Oráculo de Delfos. As ninfas sol presidiam o ritual, cuidando pessoalmente da pitonisa, dialogavam com os reis antes da pitonisa

se manifestar no oráculo, que serviam para muitos irem se consultar antes de partirem para as guerras. As luas representam, na doutrina Mãe Koatay 108. A cor preta da roupa traduz a magia de representar o oculto, o espiritual, que não se enxerga. Esta cor está presente em quase todas as vestes do Vale do Amanhecer. A ninfa Yuricy lua traz todo o canto pagão da Lua, tudo que é relacionado ao sagrado feminino. A lua polariza o feminino e o sol masculino. O ministro yuricy é o mantor da falange, então elas tinham funções de comando. Tanto que a primeira representante da Yuricy era chamada de mestre. As Yuricys eram guardiões de oráculos, já que os homens estavam nas guerras.

As Jaçanãs são as responsáveis a proteger o oráculo de Delfos. Nas indumentárias elas possuem um escudo estilo grego, com intercalação de cores. São as guardiãs de Pitya, com seu escudo, que trazem na sua indumentária. No seu canto, elas falam: “Jesus, te peço a perseverança do homem da minha tribo, ou seja, possuem um perfil de militares”.

As Muruaicys faziam a limpeza do templo energética, remontam Yemanjá, que era Ísis, a Deusa mulher, que guarda os segredos do mundo espiritual que está associado à lua. Trazem a força de Yemanjá para o ritual. Elas têm a chave da magia, do ritual mágico, com a cruz de ançanta na sua capa da indumentária, elas abrem os portais. Se a Muruaicy faz a invocação para abrir o ritual, ela tem as chaves dos portais espirituais, tendo o poder de plasmar o espiritual na terra, unir o céu e a terra. A cabala, que é a chama da vida, está na frente da sua veste e representa a junção da terra e o céu, o confronto destas forças forma a chama da vida. O branco do vestido é a ausência de cor, é uma tela a ser pintada, ela não sabe o que vai trazer do céu para terra, aquilo que busca do céu, o fogo sai disso. A junção do corpo com o espírito forma a vida.

Toda dharman oxinto traz uma parte da estrela, sua gola representa parte de uma estrela. Dharman Oxinto é um nome oriental, representa a magia tibetano. Remontam a iniciação egípcia e a iniciação tibetana. É a magia pura egípcia, é considerada a energia mais pura. A indumentária simboliza a luz do sol do Egito, e a luz da lua, de Ísis, a Deusa da lua. A Dharman Oxinto é a senhora da iniciação, representa você morrer e nascer para uma nova vida.

As arianas foram criadas para trazer o leito magnético. Elas surgiram quando surgiu o leito magnético. Na indumentária traz a simbologia do leito. Um receptáculo onde as energias são armazenadas. Os raios coloridos representam os cavaleiros do trabalho de leito magnético.

As servas de Madalenas representam a Madalena que foi a esposa de Jesus, foi a primeira apóstola a ver Jesus em corpo etéreo, a viúva sagrada. Por isso a indumentária ser preta, e usar no trabalho o véu negro. Elas trazem o símbolo do sagrado feminino que é o cálice na indumentária. É a falange que conduz a noiva no Vale. Sua indumentária é preta, rosa e branco. Preta é a viuvez, rosa, pelo amor de Jesus e branco do manto do Cristo. Madalena de Cássia, Cássia era o lugar da Itália onde se refugiou, pois foi perseguida por alguns apóstolos que não admitiam que uma mulher os liderasse.

As Franciscanas remontam Francisco de Assis e Santa Clara em sua passagem na Itália. Trazem na sua indumentária toda a simplicidade como o marrom, a corda que amarra sua indumentária. O canto da primeira franciscana Nilza fala da clausura nos Conventos das Clarissas.

As Narayamas representam a civilização da velha Índia, da sabedoria, da cultura, da religião. A cruz e o triângulo na Indumentária representa o esoterismo indiano, tibetano. É a velha Índia por excelência.

As rochanas são as falanges que simbolizam as mulheres do deserto. São as mulheres que viviam pelo oriente médio, que viviam Saara, Grécia. Isoladas em cavernas, que viviam da sua solidão. O radiação ultravioleta é a luz predominante no deserto, então o raio violeta está presente na indumentária das Rochanas.

As cayçaras são as falanges da Estrela candente, que tem a função de trazer os espíritos para o ritual de estrela candente. Na indumentária tem o roxo, que é a cor da cura e o símbolo da estrela com a elipse, demonstrando esta ligação com a função que elas têm com o trabalho de estrela candente na doutrina.

As Tupinambás são a falange de Pai Seta Branca. É a falange da casa grande. Que exerciam trabalhos sociais de assistência aos desamparados, dando também assistências aos viciados em drogas e pessoas com necessidades espirituais, considerados loucos pela ciência. As missionárias trazem a imagem de Pai Seta Branca para ter uma maior proteção no auxílio destes espíritos.

As falanges ciganas trabalham pela libertação dos espíritos e remontam as tribos ciganas na Andaluzia no sul da Espanha e na Rússia. As ciganas se diferenciam pelos aspectos da mulher cigana. A cigana Tagana é a cigana nova, dançarina, que chama a atenção pela beleza, pela sedução, pela vitalidade e pela alegria. As ciganas Aganaras são as ciganas matronas, mais experientes, casadas, avós, líderes, as que profetizam da tribo. Resumindo a cigana Tagana é a vida, o físico, a paixão, e a Aganara é a sabedoria, a prudência e o espiritual.

As agulhas Ismênicas e Niatras trazem na indumentária todos os simbolismos de todas as civilizações. Elas representam a trajetória do jaguar na terra, em todas as civilizações. Os hieroglíficos na indumentária representam todo este mistério. As Niatras usam preto porque representam a noite no seu transcendental, já as Agulhas Ismênicas representam o dia.

### **i) Ione Turial de Almeida**

Com 88 anos, Dona Ione tem 38 anos na doutrina no Templo de Brasília. Considerada a primeira de falange das Tupinambás, foi à única que a indumentária não veio de Tia Neiva. Esta foi entregue diretamente à Ione. Tia Neiva disse que tinha que ter um pai Seta Branca na roupa e entregou a foto à Ione, que confeccionou a roupa com a foto do mestre em 1982. Tia Neiva não sabia como devia ser a roupa, mas sabia que a indumentária era para ser realmente daquele jeito, pois Pai Seta Branca estava com Ione no momento em que ela retornou para mostrar a indumentária a Tia Neiva. Então, foi à única indumentária que não foi feita diretamente por Tia Neiva. Ela dizia que a intuição foi dada para Ione. Atualmente, Ione recebe encomendas do mundo inteiro, pois é a única autorizada a costurar estas roupas.

Qualquer costureira do VDA para confeccionar a indumentária da falange de Tupinambás, precisa da autorização de Ione para poder costurar.



Figura 15: Ione Tural de Almeida em sua residência em Brasília, e a sua indumentária de falange de Tupinambás.

Fonte: Pesquisa de campo.



Fonte: pesquisa de campo.



Fonte: pesquisa de campo.



## 6 Discussão dos Dados

A pesquisa buscou analisar o vestuário das falanges das ninfas, a partir de categorias de análise como: a) as simbologias da doutrina; b) as relações de hierarquia e gênero; c) 5.3 o vestuário como elemento ritualístico.

### 6.1 As simbologias da doutrina

Carvalho da Rocha (1995), no seu trabalho intitulado “Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos”, expôs o campo conceitual da antropologia das formas sensíveis, cuja intenção era de contribuir para a consolidação da linguagem visual no corpo dos estudos etnográficos. Sob este ângulo, afirmou que a imaginação criativa orienta e modela a percepção dos dados sensíveis que configuram o mundo social. Explica que a consciência reflexiva nos relatos etnográficos permite transformar os dados sensíveis, obtidos no trabalho de campo, em imagens-objetos de conhecimento para a antropologia. Deste exposto, o texto antropológico não pode abdicar das formas simbólicas de conhecimento humano, propósito da presença de uma interioridade reflexiva que constitui toda a construção do conhecimento humano.

Nesse ponto, os estudos sobre religião, magia e mitologia, no âmbito da tradição antropológica, têm contribuído para que o homem ocidental, branco, cristão e civilizado se curve diante da possibilidade do entendimento humano perceber o mundo através da poética e da estética de imagens (ROCHA, 1995, 113).

Para Fátima Tavares e Francesca Bassi (2013), em seu trabalho para além da eficácia simbólica, que inclui seu estudo sobre religião, explica a influência dos símbolos coletivos na psicologia do indivíduo, tratando, portanto, da denominada “eficácia simbólica”, a solução de estados patológicos, seguindo, portanto um caminho que iria do mito coletivo ao mental e ao fisiológico.

Vale ressaltar que o simbolismo no VDA é extremamente marcante, seja nas vestes, nos rituais da doutrina e até mesmo em sua estrutura física. Sobre a compreensão do aspecto simbólico, concordamos com Amaral quando explica que:

[...] é a possibilidade de transformar, estilizar, desarranjar ou rearranjar elementos de tradições já existentes e fazer desses elementos metáforas que expressem performativamente uma determinada visão, em destaque em um determinado momento, segundo determinados objetivos. Não mais circunscritos à sua comunidade de origem ou a seus grupos ‘naturais’, esses elementos religiosos, espirituais e místicos – rituais e mágicos – são redescobertos com uma alta diversidade de significados e usados para uma

variedade de propósitos.” (AMARAL, 1999, p. 47) apud AMURABI OLIVEIRA (2011, p.13).

José Jorge de Carvalho (1999) afirma que o Vale do Amanhecer configura possivelmente o universo religioso mais complexo que já se teve notícia, o que parece plausível tendo em vista o alto grau de elaboração cultural no qual se dá as práticas e crenças deste movimento. Seu próprio percurso histórico e de cosmovisão demonstram quão híbrido e simbólico configura sua realidade.

Conforme já mencionado pelo neto de Neiva, o aspecto simbólico é fruto das mais distintas civilizações, que marcam a trajetória de Tia Neiva e das mulheres do VDA em seus transcendentais, sob o seu enfoque espiritual, trazendo, portanto, em todas suas passagens no plano físico, esse simbolismo.

Batista (2003) apud Oliveira (2011) explica que os adeptos do Vale do Amanhecer recriam de um modo próprio a sociedade, sua história, desde a Antiguidade até os discos voadores. Em razão deste imaginário, os adeptos criam um eixo temporal que lhes permite atravessar as mais variadas épocas da humanidade.

Oliveira (2007), em seu trabalho, “Visualidades em foco: conexões entre a cultura visual e o Vale do Amanhecer” destaca toda a importância e o papel atribuído à indumentária dentro da doutrina, no sentido do pertencimento social e do status que a roupa referencia. Ela confirma o papel cultural que cumprem os vestuários, já que roupa tem uma importância designada às representações que ela possa caracterizar um determinado grupo. Trata-se de um vestuário que também se configura moda, capaz de traduzir, na medida em que cobre os corpos dos sujeitos sociais, os comportamentos e os acontecimentos sociais, históricos e culturais, servindo, tanto como expressão e impressão individuais, quanto coletivas. Isto pode ser facilmente visto nas falanges missionárias, que expressam através dos diferentes grupos, vínculos sociais pelo pertencimento à falange, bem como por possuírem a mesma roupa, com suas simbologias. Barreira (2006) apud Oliveira (2007, p. 89) argumenta:

A moda é também a marca de um povo. Ela é o resultado de uma necessidade física, orgânica, produto econômico e financeiro, produto de técnico, gesto de artista, busca da qualidade de ponta, material sempre em mutação, elemento de dinamização no contexto sócio-cultural. Como elemento físico, ela é também marca de historicidade.

Não resta dúvida de que o vestuário no Vale do Amanhecer diz respeito à história e à identidade de um grupo. Os símbolos, no espaço sagrado do Amanhecer, em razão de seu agudo sincretismo, ganha contornos de um colorido impactante que denuncia o valor atribuído à imagem nesse sistema (REIS, 2008).

No Vale do Amanhecer sua líder religiosa, Neiva, implantou características culturais derivadas de diferentes religiões, interagindo na doutrina o imaginário afro-brasileiro, o próprio espiritismo kardecista e também o catolicismo popular. “Desse modo, foi capaz de ampliar a cosmovisão espírita muito além do que Alan Kardec, fundador da doutrina, ou mesmo Francisco Xavier, seu máximo expoente no Brasil, poderiam jamais ter imaginado” (Ibid, 1999, p.8), tendo como entidade principal um Caboclo (espírito ligado às matas) conhecido como Pai Seta Branca.

Pai Seta Branca é uma figura conhecida na doutrina VDA como cristã, pois teria sido o mesmo espírito de São Francisco de Assis. Assim, Carvalho resume o contexto doutrinário do VDA, explicando (1999, p.8):

Um dos conceitos básicos do sistema do Vale do Amanhecer é o de Sétimo Raio, termo empregado nos esquemas cosmológicos da Teosofia. Tia Neiva é o sétimo raio do caboclo Seta Branca; Seta Branca, por sua vez, é o sétimo raio de São Francisco, que é o sétimo raio de Cristo; e Cristo é o sétimo raio de Deus. Dessa forma, Seta Branca não deixa de ser uma atualização, para a realidade do culto no Brasil, de Jesus Cristo. Assim o Vale do Amanhecer, que se apresenta com uma pluralidade de signos e de rituais formando o universo religioso possivelmente mais complexo de que já tive notícia, tenta colocar-se, no fundo, dentro desse ethos espiritualista classicamente brasileiro; pode ser visto, como uma das tantas recombinações desse ethos tradicional a partir das visões de uma única líder.

No Vale do Amanhecer ocorrem práticas simbólicas em diversos aspectos, dentre elas o que se destaca é a diversidade de cores em seu vestuário. As vestimentas que mais se destacam são as utilizadas pelas falanges femininas, havendo um número de falanges de entidades muito superior ao cultuado em qualquer casa de umbanda ou de espiritismo kardecista, pois representam civilizações antigas, falanges com características originadas das civilizações astecas, maias, incas, egípcias, indianas, tibetanas, chinesas, cristã. Assim Carvalho (1999, p. 08) esclarece que “as mulheres que pertencem à falange helênica vestem-se como gregas; as que pertencem à falange oriental vestem-se como indianas; outras se vestem como egípcias, outras ainda como fadas medievais, princesas, etc.” E não só as vestimentas, mas os rituais que são realizados através do uso destas vestimentas.

Conforme Peirano rituais são (2003, p.09):

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas sequências têm conteúdo e arranjo

caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição).

Nos rituais do Vale se praticam vários tipos de cura, interligados por uma retórica de tipo espírita. A maioria dos seguidores é de classes mais populares, ainda que o lugar atraia também pessoas pertencentes a camadas sociais materialmente mais favorecidas.

Conforme Vilela (p.33, 2012) responsável por pictopsicografar as diversas entidades do VDA, defende o espiritualismo no Vale do Amanhecer ao explicar o que entende sobre religiosidade de um Nova Era:

Até pouco tempo atrás, o espiritualismo era confundido com magia negra e quem o praticasse, era condenado e queimado numa fogueira em praça pública. Nos dias atuais ainda existem desconhecimentos, preconceitos e resistências, mas aos poucos, a Doutrina Espiritualista Cristã Verdadeira, vai se estabelecendo e provando que ela será um dos pilares da nova era, ao delinear metas condizentes com a grandeza do espírito. Isto ocorrerá, porque a doutrina espiritualista não aliena e nem cega, ao contrário, ela fortalece e estimula o indivíduo a caminhar sempre em busca de sua evolução espiritual, oferecendo respostas que as outras tendências religiosas, estranhamente, desconhecem ou, mantêm ocultas sob sete chaves.

É possível compreender que o objetivo principal da Nova Era foi estimular o ser humano a buscar uma nova consciência voltada à crença da força do espírito. A Nova Era acredita que cada ser humano tem uma tarefa a cumprir, que pode conduzi-lo ao encontro do verdadeiro conhecimento, o sagrado. Este conhecimento verdadeiro proporciona a imersão na consciência cósmica. Na experiência mística profunda de encontro com a energia criativa do cosmos, as barreiras religiosas tradicionais desaparecem. Permanece a busca da verdade maior. A fé gerada pela consciência aproxima as pessoas. Assim, a crença nos dogmas das religiões organizadas afastariam as pessoas, criando uma certa hostilidade. A ética da Nova Era é, portanto, consequência de uma experiência mística que ocorre no interior da consciência (MEDEIROS, 2007).

Assim, fica fácil compreender como ocorre esta imersão dos fundamentos da Nova Era no universo doutrinário do Vale do Amanhecer, pois basta observar seu complexo doutrinário híbrido espiritual, formado por uma pluralidade de dogmas espirituais que servem apenas uma doutrina. A visão do cosmo e da astrologia é perceptível com a interação dos símbolos que estão presentes em todos os rituais de um complexo doutrinário que fundamentam a Nova Era.

## 6.2 As relações de hierarquia e gênero

No Vale do Amanhecer as vestes possuem um importante papel quanto à hierarquia na doutrina. Placas colocadas nas vestes dizem sua classificação do missionário dentro do Amanhecer. Visualmente, por mais que desconheça a pessoa, sua função pode está na placa que acopla em sua veste e até mesmo na cor de um tecido, existindo os que instruem e os que coordenam a realização dos trabalhos. O vestuário da aponara, por exemplo, difere das demais indumentárias de falanges, justamente pelo papel que exerce no templo, que é a de coordenação das falanges missionárias.

Diante dos dados coletados, foi possível identificar que a doutrina estudada estabelece e delimita papéis masculinos e femininos. Entretanto, a grande variedade de indumentárias femininas nos faz compreender que quem dá sustentação às atividades espirituais no VDA são as mulheres, visto que são dezenove indumentárias femininas e apenas duas masculinas. É notável perceber como as vestimentas diferenciam homens e mulheres no templo, inclusive nas suas funções. As posições de comando e instruções são destinadas somente aos homens, pois a mulher ao pertencer a uma falange específica terá condição de usar uma determinada veste que possibilitará realizar trabalhos específicos. Conforme salienta Jairo Zelaya Leite, o homem é a terra, a mulher é o espiritual, a ternura, representa a lua, por isso não exerce o comando.

Em âmbito sociológico e antropológico, os estudos desenvolvidos que interrogam o universo das religiões a partir de uma perspectiva feminista apontam, historicamente, que os homens dominam a produção do que é “sagrado” nas diversas sociedades. Tanto os discursos como as práticas religiosas têm a marca dessa dominação. “Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas” (NUNES, 2005, p.363).

O que usualmente ocorre é o investimento da população feminina nas práticas religiosas. E isto ocorre porque as religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos. O fundamento destas questões, muitas vezes, encontra-se no empírico, no sobrenatural, e, portanto, no imutável e indiscutível, por tratar-se de um dogma. (NUNES, 2005). Destaca-se que a maioria das tradições religiosas afro-brasileiras, em razão de sua concepção mista e plural, procuram respeitar igualdade entre os gêneros, porém ainda assim, existem algumas que mesmo tendo sua composição na variedade dos símbolos, no sincretismo religioso, a mulher ainda se encontra na posição de

acatamento as decisões do homem. Nicholson (1999), afirma que para enfraquecer o domínio dessa tendência, exige uma noção sobre seu contexto de dominação histórica.

Foi possível observar também que a maioria dos rituais no templo de Gamúrio é composta por falanges femininas, que têm a incumbência de realizar rituais específicos daquela falange. Trata-se de um legado deixado por Tia Neiva que buscou padronizar os rituais. As vestes trazem consigo uma responsabilidade espiritual, vinculando a mulher a realizar cotidianamente determinados rituais no VDA.

O vestuário uniformiza os grupos femininos, distinguindo-os não só em razão das vestes, mas também para agrupá-los nos diferentes trabalhos específicos daquelas falanges. As vestes, portanto, servem como um divisor de trabalhos. No que tange às questões estéticas, é perceptível que somente as ninfas usam o pente, as luvas e a lança como complemento de suas vestes (compostas por vestidos, blusas e saias). Já os homens não fazem uso destes adornos, pois quando estão com suas respectivas indumentárias costumam usar calça, blusa e capa. As mulheres, em alguns rituais, usam lanças e nos trabalhos específicos de falange tem-se a obrigatoriedade o uso de pente, luvas e capa.

É de se notar que na época que foi fundada a doutrina, a sociedade brasileira, herdeira do patriarcalismo colonial, era bastante rígida no que diz respeito ao papel da mulher. Neiva, motorista de caminhão, que queria apenas dar melhores condições de vida aos seus filhos, descortinou a realidade espiritual e criou as representações do masculino e feminino imerso em sua realidade. Bateson, contemporâneo de Malinowski, descreve a construção simbólica da feminilidade e da masculinidade entre o povo Iatmul de Nova Guiné, na qual homens vestem-se de mulheres e mulheres vestem-se de homens, para mostrar que as diferenças entre homens e mulheres são a base de toda a estrutura social e do ethos da cultura Iatmul (AGUIAR, 1997).

Tem-se então uma forte presença feminina nos diferentes rituais com o uso das mais distintas indumentárias. Vale destacar que a doutrina também foi fundada por uma mulher, algo que a difere de outras religiões tradicionais. No contexto doutrinário do VDA, a mulher é distanciada do fator intelectual, do saber, e aproximada do transcendental, ou seja, das questões espirituais. Isto evidencia, a partir de estudos mediados pela categoria de gênero, os processos normativos de construção do saber, neste processo socialmente construído a partir da relação de poder (SENA, 2012).

Em entrevista com o neto de Tia Neiva, Jairo Zelaya Leite, em sua residência em Brasília, no dia 04.05.2015, ele explica justificando esta diferença, quando diz: “O homem é a terra, a mulher é o espiritual, a ternura, representa a lua, por isso não exerce o comando”.

No VDA, os homens, diferentemente das mulheres possuem um papel de relevância na doutrina, pois somente eles podem exercer funções de presidente, vice-presidente, comandantes, instrutores de desenvolvimento mediúnico, instrutores de iniciação e centúria. O que comprova a liderança intelectual dos homens conforme já citado acima.

Cabe ressaltar que esta diferença no contexto doutrinário em razão das funções, também está relacionado as vestes, pois as mulheres possuem uma variedade de indumentária bem superior que a dos homens, possuindo um total de dezenove indumentárias, enquanto os homens possuem apenas duas. Coloca-se, portanto, a mulher em posição de grande atuação espiritual, mas obedecendo ao comando dos homens nos mais diferentes rituais.

### **6.3 O vestuário como elemento ritualístico**

Com as entrevistas realizadas, foi possível perceber que os adeptos do templo de Eusébio veem os vestuários como mecanismo ritualístico e de proteção espiritual de significativa importância, seja por aqueles que coordenam o templo, pelo responsável do Ritual de Centúria, ou mesmo pelas próprias pessoas que costumam.

Esta funcionalidade não deve ser considerada algo atual nem muito menos algo distante da realidade, visto que atualmente a doutrina Vale do Amanhecer, desde seu nascimento em 1969, vivencia o seu trabalho espiritual de caridade com o uso das suas vestes especiais de proteção espiritual, com diferentes nomenclaturas. Assim, aquele que pretende se tornar um adepto à doutrina terá que adquirir roupas de trabalho espiritual.

Segundo Mauss apud Peirano (2003, p.25) “o ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica; constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos; frequentemente expresso por múltiplos meios. Esta ação ritual é performativa”.

Batista (2004, p.3) explica “que os trajes e atributos usados pelos adeptos são ostensivos e permitem situar os médiuns uns em relação aos outros no que diz respeito aos estatutos, nível de participação e função nos rituais”.

Van Gennep apud Peirano (2003) ficou conhecido pelo estudo dos chamados “ritos de passagem”, título de seu principal livro, publicado em 1909. Os ritos de passagem eram definidos como os momentos relativos à mudança e à transição (de pessoas e grupos

sociais) para novas etapas de vida e de status, exibindo um estágio liminar de transição; e, finalmente, um período de incorporação a uma nova condição ou reagregação à antiga. Estes não dependiam da crença em poderes sobrenaturais, simplesmente marcavam uma mudança na vida de um indivíduo ou grupo.

Dawsey (2005) explica que a derivação grega, *perao*, “passar por”, também chama a atenção de Victor Turner pelo modo como evoca a ideia de ritos de passagem. Ele explica que as imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas de forma aguda, como as emoções associadas aos eventos do passado são revividas. O passado articula-se ao presente, tornando possível a descoberta e construção de significado. Homero conta que durante o ritual de Centúria muitos daqueles espíritos que foram prejudicados naquelas guerras são trazidos pelos mentores do Vale do Amanhecer para ver a condição de evolução espiritual daquele povo que está se consagrando no ritual, que naquela época eram considerados sanguinários e cruéis. Então, em sinal de respeito aos espíritos que são trazidos, o templo fica na penumbra e o ritual ocorre em silêncio até a hora que se dá o início dele.

Daswey (2005, p.166) traduz o que diz dois artigos de Turner, dentre eles um que diz: “se a vida cotidiana pode ser considerada como uma espécie de teatro, o drama social pode ser visto como um meta-teatro...”. Assim, Batista (2004, p.4) compara as cerimônias no VDA a um universo teatral, quando diz:

Numa perspectiva fílmica, é possível considerar que as cerimônias do Vale do Amanhecer assemelham-se profundamente, em seus ritmos e movimentos, ao universo teatral ou cinematográfico, na medida em que os adeptos, como atores prestes a atuar, maquiam-se, vestem-se, aprendem de cor seus papéis, concentrando-se e preparando-se solenemente aos rituais. Neste contexto de encenação teatral -através dos rituais- e da construção da identidade de cada um percebida pelo caráter espetacular das indumentárias associadas às práticas rituais.

Não só o ritual de Centúria, mas qualquer prática ritualística no VDA faz-se necessário o uso das indumentárias para a realização de rituais.

Vários antropólogos têm enfatizado seu papel transformativo do ritual: manipulando símbolos em um contexto extracotidiano, carregado de emoção, o ritual induz seus participantes a perceberem de forma nova o universo circundante e sua posição particular nesse universo (GEERTZ, 1973; TURNER, 1967; TAMBIAH, 1979; KAPFERER, 1979) apud Rabelo (1994, p. 48).

Os rituais no VDA são encenação de metáforas através do discurso, do canto e/ou da fala, que constrói uma forte analogia entre o domínio encenado e o domínio da experiência



cotidiana dos participantes. Kapferer (1979a) apud Rabelo (1993) argumenta que analisar ritual é examinar como significados, símbolos e metáforas são manipulados em um contexto de ação. A utilização de determinados meios durante a *performance* facilita a construção do cenário dentro do VDA. No ritual de Centúria isto é bastante evidente, principalmente por contribuir para uma mudança na perspectiva subjetiva daquelas mulheres que terão a oportunidade de realizar um conjunto de trabalhos, após participarem deste ritual. Conforme Homero, o ritual de Centúria “é extremamente importante na caminhada, na jornada doutrinária de cada um dos médiuns, exatamente pela possibilidade de abrir um leque de oportunidades de trabalhos na casa”.

Essa ideia ganha força através da performance e da forma específica pela qual esta constrói determinados cenários, movendo os indivíduos no espaço ritual e segundo distintos papéis. Conforme Domingues (2004) todo ritual está relacionado ao desejo humano de aceder a um mundo espiritual, ganhar forças e aumentar a capacidade de sentir, ganhando outras características que modificam a condição humana, numa passagem de alguma coisa para outra. Da mesma forma que implica uma lógica da participação, uma lógica tribal, que ressoa no espírito de coletivo, de comunidade, como perceptível no VDA.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto cultural do Vale, a pesquisa de campo envolveu uma rede de significados envolvendo palavras e imagens que se interligaram para dar sentido específico à representação social deste campo religioso. O caráter qualitativo da pesquisa permitiu compreender a realidade simbólica e social do Vale do Amanhecer. Neste trabalho, foi possível observar, descrever, registrar e interpretar os dados colhidos durante a pesquisa de campo.

A etnografia foi iniciada durante a reunião de Mãe Yara, momento em que foi possível observar o processo de escolha das falanges e suas respectivas vestes pelas mulheres do VDA. Neste âmbito, houve o acompanhamento do trabalho de confecção das roupas, o que foi possível identificar a importância espiritual das vestes para os costureiros e a feitura das indumentárias de falanges femininas como fonte de renda. Além disso, o acompanhamento etnográfico permitiu identificar as características e a importância dos vestuários das ninfas nas atividades religiosas, iniciando na Reunião de Mãe Yara, depois na confecção das vestes e por último na Consagração de Centúria, considerado um ritual de passagem que representa o ingresso da maioria das mulheres nas falanges, possibilitando-as posteriormente realizar as atividades religiosas no templo de Eusébio-CE. Houve também o acompanhamento no Congresso das Nityamas, realizado em Brasília, momento em que a própria filha de Tia Neiva, Carmem Lúcia, relatou sobre a importância de seguir as regras que são padrões no vestuário do Vale do Amanhecer.

Além disso, a etnografia abarcou um dos rituais mais importantes da doutrina, denominado 1º de Maio, em que houve a observação e o registro de imagens do respectivo evento que atrai adeptos do Brasil e do exterior. Com o intuito de responder os objetivos, questões de pesquisa e hipóteses, dividiu as considerações finais em três partes.

### CONCLUSÃO 01

As indumentárias de falanges são socialmente representativas na doutrina, sendo um meio de identificação das atividades religiosas, facilitando o trabalho em grupo nos diferentes rituais. A reunião de Mãe Yara, que é o ponto de partida de apresentação dos significados das vestimentas, bem como das funções das falanges e suas respectivas indumentárias, constitui uma forma de aproximação entre as mulheres da doutrina.

A escolha da falange é feita pela ninfa, mas deve ser vivenciada de acordo com alguma afinidade que aquela falange possa lhe representar. A escolha inicia neste momento, pois a afinidade se dá através da busca de sua verdadeira origem, que seria uma explicação espiritual para esta decisão. Esta origem não está no presente, ou por consanguinidade, mas sim em uma antiga civilização, em que conviveram juntas como missionárias. Existem outros motivos para que elas possam optar pertencer a uma falange missionária em razão das características comuns, que as conectam aos rituais de trabalho na doutrina do Amanhecer, isto foi possível concluir não só em razão da reunião de Mãe Yara, mas também através da explicação do neto de Tia Neiva, Jairo Zelaya Leite, que fez uma análise comparativa dos símbolos das indumentárias a um contexto histórico e as funções das vestimentas.

A Reunião de Mãe Yara, onde se inicia esta lógica, observam-se as normas e os padrões das vestes. O evento foi realizado em dois dias e serviu para orientar às mulheres que ainda não escolheram a respectiva falange, bem como os usos e normas vinculadas às indumentárias. Este discurso é feito de forma hierárquica, partindo da matriz do Vale do Amanhecer, que está em Brasília. Uma vez que, Carmem Lúcia é que herdou a responsabilidade em conduzir esta padronização conforme a orientação de sua mãe, Tia Neiva.

Desta forma, consideramos que, para manter maior organização no cumprimento desta padronização, Carmem Lúcia repassa esta responsabilidade as primeiras de falanges missionárias. Estas, através de seus manuais de falanges, orientam neste padrão as coordenadoras de templos externos, que são as esposas dos presidentes, e elas, repassam esta tarefa de verificar o padrão das indumentárias às regentes de falanges missionárias, como ocorre no Vale do Amanhecer do templo de Eusébio- Ceará. As mulheres, apesar de não exercerem papéis de Coordenação nos trabalhos e rituais da doutrina, podem exercer um papel de coordenadoras e orientadoras dentro das falanges missionárias. Estas serão a minoria, pois este papel de coordenação é limitado conforme o escalonamento acima exposto, uma vez que as demais funções de orientação e coordenação são destinadas aos homens. Desta forma, foi possível confirmar a primeira hipótese, de que as indumentárias representam um meio de identificação, socialização e agrupamento em falanges. Entretanto, a participação das mulheres acontecerá sempre de forma subordinada as leis e aos mestres que lhes regem.

## CONCLUSÃO 02

Ao descrever como ocorrem as escolhas, a confecção e os usos das indumentárias das falanges femininas, foi possível compreender o trabalho de feitura do vestuário, o significado espiritual das vestes para os costureiros e a importância enquanto fonte de renda. Foi possível concluir que para obedecer o padrão, a indumentária tem que ser confeccionada pelos costureiros oficiais do templo de Eusébio - CE.

Após a escolha da respectiva falange, tem-se outra fase denominada “entrega de falanges”. Através deste evento é que se dará início ao processo de confecção da indumentária, com a orientação das regentes que facilitam o caminho da feitura das vestes. Esse processo ocorre antes do ritual de Centúria para que as mesmas possam estar com suas indumentárias completas.

Com as entrevistas realizadas com os costureiros, foi possível concluir que o processo de feitura das vestes, requer bastante dedicação, pois o valor cobrado está aquém do tipo de trabalho realizado, uma vez que se trata de um processo artesanal que requer habilidade manual. Além da dificuldade de encontrar o material no estado do Ceará. Portanto, foi possível concluir que os costureiros veem seu ofício primeiro como uma missão espiritual e depois como fonte de renda. O caráter espiritual é bem mais motivador para a confecção das roupas. Além disso, veem as vestes como um importante meio de contato com as energias da espiritualidade, servindo como mecanismo de proteção e também de atração das energias espirituais. Como meio de estabilidade financeira, a confecção das vestes da doutrina “deixa a desejar”, mesmo havendo o ingresso de novos integrantes a cada seis meses, pois nem sempre os adeptos escolhem ingressar numa falange missionária.

Como já exposto, o trabalho de confecção manual requer bastante habilidade. Isto porque as vestes são produzidas com todos os bordados que representam os elementos simbólicos da doutrina. O trabalho é complexo e dinâmico, pois as peças não são facilmente encontradas na região. Além do que, os preços precisam ser adaptados ao valor dos materiais utilizados. Quando não são achados no Ceará necessitam ser encomendados em Brasília, dificultando ainda mais o lucro que envolve a venda destas vestes.

Em tal contexto visualizou-se que hipótese de que haveria uma maior aceitabilidade das mulheres em cumprir as obrigações doutrinárias em razão do uso das vestes foi negada. Uma vez que, o valor espiritual é o que norteia a razão do uso das vestes, e não o

contrário, pois todo o processo de escolha e confecção está pautado principalmente em uma missão espiritual.

### CONCLUSÃO 03

Identificar as características e funções dos vestuários das ninfas nas atividades religiosas da doutrina foi uma forma de visualizar os diferentes grupos do VDA, a partir do momento que cada falange possui sua história, sua regente, sua prece específica e concretamente suas vestes que trazem uniformidade a cada grupo formado. O Ritual de Centúria, portanto, é a formalização da entrada das missionárias na falange, pois se trata de uma consagração que possibilita a continuidade das ninfas nos trabalhos missionários, promovendo-as à condição de exercer todas as atividades do templo.

O Ritual do dia 21.03.2015 só confirma a quantidade de ninfas que ingressam e que dão sustentáculo ao Vale do Amanhecer de Eusébio-CE, em que pese ser maior o número de mulheres consagradas do que mestres. As vestimentas de falanges das mulheres contribuem para uma maior participação feminina nos diferentes rituais, entre eles a Centúria. Para vestir a indumentária de Mago e Príncipe não há a necessidade do ritual de Centúria. O mesmo ocorre com as falanges femininas Gregas, Maias e Nityamas, que são consideradas falanges de corte. Nas demais falanges há tal necessidade, sendo, portanto um dos motivos para o Ritual de Centúria ter mais mulheres do que homens. Foi possível observar também que a maioria dos rituais no templo de Gamúrio é composta por falanges femininas, que têm a incumbência de realizar rituais específicos. Trata-se de um legado deixado por Tia Neiva que buscou padronizar os rituais.

Desta forma foi possível concluir que o processo de escolha, confecção e entrega do vestuário feminino não pode ser considerada uma forma de assegurar a permanência das mulheres na doutrina. Identificou-se, diante do estudo, que o que mais motiva a participação das ninfas nos rituais é a vinculação destas às falanges missionárias, bem como a vontade em querer participar dos trabalhos religiosos específicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

ALVARÉS, Bálsamo. **Leis e chaves ritualísticas**. Obras sociais da Ordem Espiritualista Cristã: 2007.

ANDRADE, Ana Maria Mauad de Sousa. **Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX**. Tese de Doutorado. Niterói. ICHF, Universidade Federal Fluminense, 1990.

BARRIO, Angel-b. Espina. **Manual de antropologia cultural**. Pernambuco: Massangana, 2005.

BARTHES, Roland. **O Sistema da Moda**. Lisboa: Ed. 70, 1981.

BASTOS, Nubia Maria Garcia. **Introdução à metodologia do trabalho acadêmico**. Fortaleza: Nacional, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem comportada**. Trad. De Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

\_\_\_\_\_. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, s.d.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CALVINO, Italo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Chodorow, Nancy. **Family Structure and Feminine Personality**. In Rosaldo, Michelle Z. and Louise Lamphere (orgs.): *Women, Culture and Society*. Stanford: Stanford University Press, 1974.

CORRÊA, Mariza. O mistério dos orixás e das bonecas: raça e gênero na antropologia brasileira. **Etnográfica**, São Paulo, v. 4, n. 2, p.233-265, 2000.

DURKHEIM, Émile. 2002. **L'avenir de la religion**. Disponível em: [http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim\\_emile/sc\\_soc\\_et\\_action/texte\\_4\\_14/avenir\\_religion.pdf](http://classiques.uqac.ca/classiques/Durkheim_emile/sc_soc_et_action/texte_4_14/avenir_religion.pdf). Acesso em 10/07/2015.

\_\_\_\_\_. 1995. **Da Divisão do Trabalho Social**. São Paulo: Martins Fontes.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 46, n. 2, p.445-476, dez. 2003.

HEILBORN, Maria Luiza .1992. **Fazendo Gênero? A Antropologia da Mulher no Brasil** In Oliveira Costa, Albertina de e Cristina Bruschini: *Uma Questão de Gênero* Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos/Fundação Carlos Chagas. p. 93-126.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E NACIONAL. **Vale do Amanhecer: Inventário Nacional de Referências Culturais**. Brasília, DF: Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, 2010.

JODELET, D. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005, 392 p  
KAZAGRANDE. **O Centurião**. Manual escrito em 2011.

KUSCHNIR, Karina. **Antropologia e política**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. 2007, vol.22, n.64, pp. 163-167. ISSN 1806-9053.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história**. In: LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia estrutural dois. 3. ed. Trad. de Chaim Samuel Katz. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 328-366. MÃE YARA é a mentora espiritual da doutrina do. **Minhateca**. Disponível em: <http://www.minhateca.com.br/action/searchfiles>>. Acesso em 30 mar. 2015.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 12, p.69-82, dez. 1999. Ano 5.

MARCUS, G. E., & Fischer, M. M. J. (1986). **Anthropology as cultural critique: An experimental moment in the human sciences**. Chicago: The University of Chicago Press.  
Mead, Margaret. **Sex and Temperament in Three Primitive Societies**. New York: New American Library, 1935.

MENESES, U. T. B. **A cultura material no estudo das sociedades antigas**. In: Revista de História (Nova Série) N.115, julho/dezembro. São Paulo: USP, 1983.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, 291 p.

NACIF, Maria Cristina Volpi. As roupas pelo avesso: cultura material e história social do vestuário The clothes inside out: material culture and social history of fashion. In: COLÓQUIO DE MODA, 9., 2013, Fortaleza. **Ensaio**. Rio de Janeiro: Escola de Belas Artes, 2005. p. 1 - 12.

NUNES, Maria José Rosado. Gênero e religião. **Gênero e Religião**, São Paulo, v. 13, n. 2, p.363-365, maio/ago. 2005. Dossiê.

OLIVEIRA, Amurabi. Os corpos e a estrela candente no vale do amanhecer. **Revista Nures**, ano VIII, n.21, maio-agosto de 2013.

OLIVEIRA, Amurabi. Performance, Corpo e Identidade. **Estudos de Religião**, v. 25, n.41, p. 113 – 131, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, Daniela de. **Visualidades em foco: conexões entre a cultura visual e o vale do amanhecer**. Goiás, UFG, 2007. 115p. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual). Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, 2007.

PASSOS, Mauro. **Espiritualidade e inserção na festa do círio de Nazaré**. IN: XXVII Simpósio Nacional de História, 27, 2013, Natal.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1995. 180 p.

PENN, Gemma. **Análise semiótica de imagens paradas**. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, 516 p.

PEREIRA, Dalmir Rogério. **A criação de figurinos por Gabriel Villela- um estudo de caso**. 2010. 10 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

REIS, Marcelo Rodrigues dos. **Tia Neiva: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925 – 2008)**. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Universidade de Brasília, 2008.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais; nascimento do consumo XVII-XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Rosaldo, Michelle. 1974. **Women, Culture, and Society: A Theoretical Overview**. In Rosaldo, Michelle Z. and Louise Lamphere (orgs.): **Women, Culture and Society**. Stanford: Stanford University Press.

SASSI, Mário. **Minha vida, meus amores**. Planaltina, DF: Obras Sociais da Ordem Espiritualista Crista, 1985.

SCHWARZ, RONALD. **Hacia una antropología de la indumentaria: el caso de los Guambianos**?. Revista Colombiana de Antropología. Vol. XX, Instituto Colombiano de Antropología, Bogotá, 1976.

SENA, Daniel Lucas Noronha de. **Relação de gênero no vale do amanhecer de Belém**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA FACULDADES EST, 1., p. 1397 – 1411, 2012. São Leopoldo. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, 2012.

SILVA, Dinah da. **Manual das Dharman Oxinto**. Manual escrito em 02 de maio de 2012.  
SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 1992, 168 p.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx roupas, memória, dor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora Ltda, 2008. 112 p. Tradução de: Tomaz Tadeu.

STEIL, Carlos Alberto ; Toniol, Rodrigo . **A trajetória das ciências sociais da religião no Brasil e as diferentes perspectivas sobre o religioso**. In: Albuquerque Maranhão, Eduardo Meinberg de. (Org.). (Re) conhecendo o sagrado. Reflexões teórico-metodológicas dos estudos de religiões e religiosidades. 1 ed. São Paulo, 2013, v. , p. 173-196.



TAYLOR, Charles. **A Secular Age**. Harvard University Press, 2007.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: NUNES, Edson de Oliveira – A Aventura Sociológica, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VELHO, Otávio. Globalização: Antropologia e Religião. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p.133-154, 1997. Texto apresentado em sua forma original ao seminário internacional Pluralismo Cultural, Identidade e Globalização organizado pelo senior board do Conselho Internacional de Ciências Sociais da UNESCO (Rio de Janeiro, abril de 1996).

WEBER, Max. **Sociologia da Religião**. In M. Weber Economia e Sociedade Vol. 1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

ZELAYA, Carmem Lúcia. **Neiva: sua vida pelos meus olhos**. Brasília: Coronário, 2014.

ZELAYA, Carmem Lúcia. **Símbolos na doutrina do Vale do Amanhecer sob os olhos da clarividente**. 1.ed.Tia Neiva Publicações: 2009.

ZELAYA, Neiva Chaves (Tia Neiva). **Autobiografia Missionária**. Bálamo Álvares Brasil de Lucena (ed.). Brasília: Vale do Amanhecer, 1992.

## GLOSSÁRIO<sup>27</sup>

**Apará** - Mediunidade de incorporação de espíritos, atribuída a homens (Mestres) e mulheres (Ninfas), regidos pela força da Lua.

**Arcanos** - Classificação especial de Mestres Doutrinadores escolhidos por mérito, primeiramente por Tia Neiva e atualmente pelos Trinos. Estão aptos a comandar qualquer ritual e somente os mesmos podem assumir o comando de povos, tornando-se Adjuntos de Povos.

**Doutrinador** - Tal ofício trata-se da criação suprema da Clarividente. Mediunidade de doutrinação de espíritos atribuída a homens (Mestres) e mulheres (Ninfas), regidos pela força do Sol. Também recebe a denominação de Mestre Sol, Mestre Luz ou Ninfa Sol. Os Doutrinadores homens são médiuns que se encarregam de palestrar, dar aulas de desenvolvimento aos médiuns e exercer o comando dos trabalhos espirituais.

**Primeira (o) de Falange Missionária** - O ofício de Primeira(o) de Falange é exercido por Mestres e Ninfas que lideram as Falanges Missionárias. Organizam a parte burocrática e realizam reuniões, escalas de trabalho e trabalhos conjuntos. Em sua maioria residem em Brasília.

**Armas Doutrinárias** - Se apresentam sob a forma de brasões, medalhas, distintivos e adereços simbólicos, presentes exclusivamente nas indumentárias e uniformes dos Mestres e Ninfas do Vale do Amanhecer.

**Trinos Triada Presidentes** - Mestres designados por Tia Neiva para assumirem a condição de dirigentes da Doutrina do Amanhecer e, segundo o entendimento dos jaguares, responsabilizam-se por cumprir e fazer cumprir as leis doutrinárias. Trino Tumuchy, Mário Sassi (falecido); Trino Arakém, Nestor Sabatovicz (falecido) e, por fim, o Trino Sumanã, Michel Hanna. Na seqüência, Tia Neiva designou como Trino Triada Presidente, o mestre Gilberto Zelaya, seu filho, que passou a ser reconhecido como Trino Ajarã. Em 2006, com o falecimento do Trino Arakém, o mestre Raul Zelaya é designado para a vaga daquele e passa à condição de Trino Triada Presidente Ypoarã.

---

<sup>27</sup> Cf. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E NACIONAL. Vale do Amanhecer: Inventário Nacional de Referências Culturais. Brasília, DF: Superintendência do IPHAN no Distrito Federal, 2010.

**Presidentes dos Templos do Amanhecer** - Mestres designados pelo Coordenador dos Templos do Amanhecer (função, atualmente, do Trino Ajarã), para assumirem a direção dos demais templos que se alinham à Doutrina do Amanhecer. Responsabilizam-se, em regra, pelo desenvolvimento dos médiuns, pelo comando dos rituais, considerada a definição das escalas de trabalho, pelas reuniões com o grupo mediúnico e pela vida administrativa de seus respectivos templos.

**Consagrações** - Rituais onde são concedidas bênçãos pela Espiritualidade Maior. Certificam que o médium está preparado para o novo passo em sua missão. Para se manter a força decrescente e a hierarquia do Mestrado, foram estabelecidas Consagrações coletivas, como as de 1º de Maio - Dia do Doutrinador e de Centúria, por exemplo.

**Cantos** - Evocação ou prece emitida após a emissão, que traz, em seu conteúdo, relatos de vidas passadas, alertas sobre a missão, além de ensinamentos doutrinários. Como exemplos: Canto da Falange. A cada Falange Missionária corresponde um Canto específico.

**Clarividência** - é uma mediunidade que possui consciência simultânea, isto é, consegue viver e se comunicar em planos diferentes, simultaneamente, obedecendo às leis de cada plano e com plena consciência dessa diversidade.

**Emissão** - Trata-se de uma evocação ritualística específica do médium, por meio da qual este descreve o que poderíamos avaliar ser sua identidade (identificação) espiritual.

**Espiritualidade maior** - Segundo a visão da Doutrina, a Espiritualidade Maior é constituída por um grupo de entidades espirituais altamente evoluídas e que se colocaram ao lado de Tia Neiva, assim também em relação ao movimento, como responsáveis pela organização e concretização da Doutrina do Amanhecer. Entre elas, por exemplo, Pai Seta Branca e Mãe Yara.

**Falanges missionárias** - Mestres ou Ninfas que, por disporem de um transcendente espiritual comum, formam um grupo, com indumentária que os identifique, trazida por Tia Neiva dos Planos Espirituais e assume a tarefa de atuar de forma singular na condução de rituais específicos. São essas as falanges missionárias: Nityamas, Samaritanas, Gregas, Mayas, Magos, Príncipes Mayas, Yuricys Sol, Yuricys Lua, Dharman Oxinto, Muruaicys, Jaçanãs, Arianas da Estrela Testemunha, Madalenas, Franciscanas, Narayamas, Rochanas, Cayçaras, Tupinambás, Ciganas Aganaras, Ciganas Taganas, Agulhas Ismênicas e Nyatras.

**Fita** - Primeira arma do uniforme do médium. Compõe-se de uma faixa de tecido com duas cores – roxo, que simboliza a cura, e amarelo, a sabedoria – e de um distintivo com símbolo da mediunidade de quem a porta – a cruz para os Doutrinadores e o triângulo, para os Aparás.

**Heranças transcendentais** - É importante esclarecer: a noção de transcendente no Vale do Amanhecer está indissociavelmente ligada às encarnações passadas que seus adeptos crêem ter vivenciado. As expressões correntes em meio à comunidade heranças transcendentais e bagagem espiritual referem-se uma e outra ao somatório dessas mesmas vivências.

**Hierarquia** - Organização criada por Tia Neiva para distinguir, no Corpo Mediúnico, os médiuns que possuem atribuições de comando, na seguinte ordem de relevância: Trinos Presidentes, Trinos Herdeiros, Trinos Regentes, Adjuntos de Povo, Arcanos e Ramas 2000.

**Hinos mântricos** - Canções trazidas por Tia Neiva do mundo espiritual com as seguintes finalidades: preparar os médiuns para determinados rituais; harmonizar os ambientes; manipular energias através da emissão do ectoplasma por meio do canto.

**Indumentária** - Vestimenta ritualística, composta por cores e armas repletas de simbolismos, de acordo com sua mediunidade ou com sua Falange Missionária.

**Jaguar** - Termo que faz alusão a uma das histórias sagradas que marcam a trajetória dos que pertencem ao grupo do Vale do Amanhecer. Cotidianamente é utilizado para que um mestre se refira a outro, esteja este presente ou não. Também é empregada a expressão a tribo Jaguar. É possível entender o conceito como um estímulo à self-categorização, ou seja, o processo de ver a si próprio como membro de um grupo social, bastante peculiar às comunidades religiosas.

**Koatay 108** - Como é conhecida Tia Neiva nos mundos espirituais, devido à consagração do mesmo nome recebida por ela após seu curso com Humarran. Significa “Senhora dos 108 Mantras”. Os Mestres, após a Centúria, são consagrados Adjuntos Koatay 108. Ver Humarran.

**Lei do auxílio** - Convence-se, em linhas gerais, a prática da caridade, o comprometimento com os ritos afetos à Doutrina, com os trabalhos espirituais.

**Mantras** - Ver Hinos Mântricos.

**Humarran** - Monge budista que vivia em Lhasa, no Tibet, quando do início da manifestação da clarividência de Tia Neiva e morto por volta de 1980. Tia Neiva deslocava-se, em espírito, até a sua presença, que com ela travava diálogos e lhe ministrou um curso que durou cinco anos (1959-1964), formando-a para sua missão. Curso esse que lhe deu o título de Koatay 108.

**Incorporação** - Fenômeno mediúnico do médium Apará, que proporciona a manifestação do espírito em seu próprio corpo, tornando possível a comunicação e a interação daqueles com os seres encarnados. Na Doutrina do Amanhecer, não ocorre de maneira inconsciente, e, sim, de maneira semi-consciente, tendo o médium controle sobre suas atitudes.

**Médium** - Ser humano provido de mediunidade, que serve de intermediário entre os encarnados e desencarnados.

**Mediunidade** - Faculdade presente em todos os seres humanos, em maior ou menor grau, que possibilita o contato com os espíritos desencarnados. Existem inúmeros tipos, tais como: incorporação, vidência, audiência, olfato, psicografia, cura, psicopictografia, premonição, materialização, dentre muitas outras.

**Mestre** - Título do médium após a Elevação de Espadas, forma abreviada de “Mestre Instrutor Universal”. Forma de tratamento adotada para designar os homens praticantes da Doutrina do Amanhecer.

**Ninfa** - Na mitologia grega, as Ninfas eram deusas que traziam seus encantos aos seres humanos. Na Corrente do Amanhecer, a mulher é o pólo “negativo” - ou seja, etérico, não-material - porque ela está ligada diretamente aos Planos Espirituais. Enquanto o homem é a força positiva, a força da Terra, a mulher é o outro pólo, mais sutil e sensível. Não existe movimentação de uma força com um só pólo e, por isso, a presença da mulher - que é denominada Ninfa - se faz necessária em todos os momentos e em todos os locais de trabalho.

**Pai Seta Branca** é o espírito tido pelos adeptos como o “Dirigente da Falange do Amanhecer”. Mentor mais representativo e a quem se destinam o maior número de referências ritualísticas e as deferências devocionais mais contumazes no meio doutrinário do Amanhecer.

**Plano espiritual** - Dimensão extra-física onde vivem os espíritos desencarnados. De acordo com a Doutrina do Amanhecer, compõe-se de sete planos, sendo três inferiores, um

intermediário (paralelo à dimensão física) e três superiores. Estes planos são classificados de acordo com a evolução espiritual dos espíritos que o habitam, sendo o primeiro o mais animalizado e sombrio (comparado à idéia de inferno) e o sétimo mais elevado e sutil (comparado ao céu). Nestes planos existem verdadeiras organizações, como cidades, edificações, jardins, parques, hospitais, postos de socorro (casas transitórias), todas comparáveis às do mundo físico.

**Ritual** - Celebração que ocorre com a finalidade de promover manipulação de energias e/ou interação com os espíritos, para beneficiar espiritualmente ao paciente ou ao médium. Na Doutrina do Amanhecer são inúmeros rituais, cada um com uma finalidade específica. Dentre eles têm-se o ritual de centúria.

**Simiromba** - Representação divina do espírito de Pai Seta Branca, conhecido como uma “Raiz de Deus - Pai-Todo-Poderoso”. Poderosa energia que formou seu oráculo, de onde emite forças para os rituais, assim como para toda a humanidade.

**Templo mãe** - Construção de pedra em formato elíptico, contando 2.400 metros de área, onde se desenvolve a maior parte dos trabalhos espirituais executados pelos adeptos do Vale do Amanhecer. Recebe essa denominação por ter sido a sede de toda a Doutrina, onde viveu e trabalhou Tia Neiva.

**Templos externos** - Também denominados Templos do Amanhecer. Considerado o crescimento visível sentido pelo Vale do Amanhecer, atualmente, a doutrina, além de sua sede localizada em Planaltina, Distrito Federal, conhecida como o Templo-Mãe, contabiliza mais de seiscentas unidades outras, referidas pelos adeptos como os Templos Externos, alguns destes, inclusive, situados no exterior.

**Trabalhos espirituais** - Os adeptos da Ordem do Vale do Amanhecer, em terminologia própria – diga-se, ainda, identitária - por eles largamente empregada, referem-se aos rituais dos quais participam como trabalhos espirituais.

**Trino tumuchy, mestre mário sassi** - Habitualmente, na fala coloquial dos religiosos, Sassi era tratado como Mestre Mário. É possível assegurar que em Mário Sassi pulsou uma veia religiosa e que Neiva não se resumiu presa a um mundo subjetivo, simbólico, não-conceitual. Em síntese, interpenetraram-se culturalmente, resguardando cada um a sua marca.

**Terceiro milênio.** Período de grande progresso espiritual para a humanidade, conforme profetizaram Tia Neiva e demais espíritos iluminados. Era de conscientização, de luz e de amor, quando o ser humano se aproximará de Deus.

**Tia Neiva** - Neiva Chaves Zelaya, a Clarividente que criou o Vale do Amanhecer e trouxe ao mundo.

**Vilela** - Joaquim Vilela, artista plástico que tem por missão retratar entidades e os mundos espirituais na Doutrina do Amanhecer. Importa considerar que Tia Neiva deixou designado apenas um artista para retratar psicopictograficamente as entidades do Vale do Amanhecer. Portanto, esse médium é Vilela, que, até hoje, desempenha o ofício de reproduzir as imagens dos espíritos que atuam junto à doutrina do Vale do Amanhecer.

**Yara ou Mãe Yara** - Assim conhecida no Vale do Amanhecer, é, para a comunidade, uma entidade espiritual altamente evoluída, além do que, juntamente com Pai Seta Branca, de quem é alma gêmea, figura como uma das entidades espirituais responsáveis pela Doutrina do Amanhecer, especialmente por zelar pelos doutrinadores e ainda, segundo relatam os veteranos, acompanhou Tia Neiva em toda a sua vida religiosa.

## APÊNDICE 01

DADOS DE OBSERVAÇÕES DA PESQUISA DE CAMPO NO TEMPLO DE EUSÉBIO –  
CE, BRASIL.

**DATA: 28/02/2015**

**EVENTO: REUNIÃO DE MÃE YARA**

### **FALANGE DE NITYAMAS**



Figura 16: Indumentárias da Falange de Nityamas.

Fonte: Rejanía Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** Então, foi na Planície Peloponense em uma cidadezinha, que segundo Tia Neiva, chamava-se Nityama, muito árida e seca, a ponto de os homens partirem para a caça e para as guerras, formando legiões enormes deixando a cidade por conta das moças. Então, os homens saíam para as guerras e quem tomava conta das cidades eram as Nityamas. As Nityamas sofriam saudades de seus entes queridos que partiam para as guerras e muitas vezes não voltavam. Outros voltavam às vezes como prisioneiros.

E esses entravam naquela mesma origem. A Pitonisa que recebeu o nome de Nityama era uma mulher muito formosa e possuía muitos dons mediúnicos e foi Magdala o seu verdadeiro nome. Magdala foi uma das encarnações da Tia Neiva. Essas histórias que a



gente traz também foram trazidas por Tia Neiva. Então, nem sempre explicam tudo. Às vezes existe um questionamento ou outro que nós não podemos responder por que o que contamos está de acordo com o nosso acervo. Magdala, o seu verdadeiro nome, até hoje nos planos espirituais. Ela conhecia ervas, fazia trabalhos, invocava espíritos e foi ali onde começou a desenvolver um grupo de moças e passaram a serem chamadas de Nityamas. A força de Magdala era tão grande que começou a dar condições aos homens de voltar e ela mudou completamente a natureza daquela cidade e da região em que viviam. O fato é que ela foi adquirido evolução e tinha voz direta do céu, como temos hoje aqui no Vale do Amanhecer. Dizia Tia Neiva. Ela foi crescendo e ali surgiu muitas princesas, muitas fidalgas vinham de longe para serem uma filha de Devas. A Magdala é a madrinha dos Devas e a Madruxa é a madrinha das Nityamas. Então, a mentora das Nityamas é a Madruxa. A Magdala teve essa participação na história das Nityamas, mas a mentora da falange - todas as falanges trazem um mentor, uma princesa e é uma entidade a mais que vão ter na caminhada de vocês – é a princesa Madruxa. As Nityamas faziam fogueiras e invocavam espíritos protegendo dos males da guerra os maridos, os noivos e todos os homens daquela tribo. Invocavam a ponto de fazerem mesmo eles voltarem. Contudo, eles demoravam muito, custavam voltarem com suas tropas. Era uma vida muito triste, mas o espírito que elas tinham de guardiãs era tão sincero e sublime que alimentava as suas vidas. Certa época começou uma epidemia, uma moléstia que se alastrou por toda a região causando temor a toda a população. A causa da epidemia não foi descoberta pelos médicos da época, muito menos pelos curandeiros que, naquele tempo se fazia muito presentes. Enquanto a doença se alastrava dizimando famílias, os esforços eram em vão. As vítimas nada podiam fazer, a não ser aguardar a hora da morte. O pânico foi geral e a preocupação crescia a cada instante até que um raio de esperança surgiu trazendo a cura e o conforto aos desesperados. A cura tão esperada estava nas mãos de uma das moças daquele grupo de jovens que com simplicidade usava seus poderes fazendo a cura dos doentes. Logo a população tomou conhecimento que ela fazia tudo isso por caridade sem receber nada em troca. Tudo corria normalmente até que as autoridades médicas ficaram sabendo que havia uma moça curando a citada moléstia. A partir daquele momento ela passou a ser um obstáculo para a medicina local. Os médicos estavam perdendo os seus ganhos e o próprio prestígio como profissionais. Assim sendo, as autoridades competentes tomaram a decisão de expulsá-la da cidade e ela teve que obedecer e deixar aquela localidade, se afastando da família e do grupo que pertencia. Porém, a união do grupo era tão forte que algumas do grupo a seguiram. Elas se instalaram em tendas, muito humildes em cidade vizinha e os moradores da cidade

chamavam-nas de Nityamas pelo fato de terem vindo de uma cidade com esse nome. Grifo nosso.

**A REGENTE CHAMADA DE ROSE COMEÇA A EXPLICAR A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** Nós somos de origem cigana, assim como mais duas falanges que vocês iram ver. A chama do fogo na roupa – tudo que elas faziam era em função da fogueira, as festas, as brincadeiras, tudo. Por isso que a fogueira a gente traz no peito que também é usada como chama da vida. Nós acendemos a chama da vida no Turigano, no trabalho de Aramê e Julgamento. Grifo nosso. A Nityama tem os trabalhos específicos, em que são quase todos do templo. No Aramê e no julgamento tem que ter a ninfa da chama e mais sete ninfas que tem que ser entre Nityamas, Gregas e Mayas. Por que temos que juntá-las para acontecer o trabalho. Como as Nityamas são de origem cigana, elas costumavam fazer suas roupas – juntavam tecidos – compostas de nesgas. Elas juntavam tecidos coloridos para fazer as roupas. Eu sou Nityama Sol, sou a regente Rose. Todas nós temos a chama da vida. A Andressa é Nityama Lua. Tem que ter a roupa de Lua. Nós não usamos pente como a Nityama Madrucha. O que é a Nityama Madrucha? Ela é casada, tem filhos ou vive em união estável. Só Nityama criança, solteira, que nunca casou, que nunca conviveu com ninguém é que usa essa indumentária Nityama. Se você tem um filho, já é Nityama Madrucha. Se a pessoa já foi casada no passado, no papel ou tem um filho ela é Madrucha. Ou, se vive com alguém maritalmente, ela é Madrucha. A Madrucha usa o pente e a tiara. As nesgas da saia também são diferentes. A Nityama Madrucha tem mais nesgas. A Nityama só tem seis. Elas tem bem mais nesgas com cores diferentes. Tem a cabala que acrescenta e o pente, que fica em cima da tiara. No nosso caso é somente a tiara com o véu. Tudo que é de aparâ é prateado e tudo que de doutrinadora é dourado. E se a pessoa for Nityama e casar tem que mudar de indumentária também. Isso só as Nityamas para Nityamas Madruchas. Cada falange tem um canto específico que é o canto usado nos trabalhos.

Faz-se o canto.

### **CANTO DAS NITYAMAS**

Oh Jesus! Eu sou a Nityama do lenho e das paixões. Fiz mil chamadas, subi e cheguei até os deusas, recebi suas bênçãos e roguei de joelhos pelos meus amores. Jesus! Aqui estou para te encontrar! Sou eu quem canta abrindo os caminhos do meu mestre jaguar. Estou a manipular as forças com ternura, até que meu mestre, mago deste amanhecer, que juntos acendemos a chama da vida, iluminando os caminhos dos mestres que descem do reino

central, de suas jornadas, e passam por aqui, vindos carregados de energias. Oh Jesus! Oh meu pai seta branca! Oh simiromba de deus! partirei sempre com – 0 – // em cristo jesus. Salve Deus!

### FALANGE DE GREGAS



Figura 17: Indumentárias das falanges de Gregas. Do lado esquerdo representa a lua, e do direito o sol.

Fonte: Rejanía Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** Nossa mãe clarividente em uma aula para as Gregas nos relatou que as Gregas eram as jovem daquele mundo grego. As cidades estados que foram se agrupando na sintonia do Deus Apolo no oráculo de Delfos, onde, nossa mãe clarividente era Pítia, pitonisa de Apolo. Pítia foi uma das encarnações de Tia Neiva. Ela era uma profetiza do templo de Apolo. Isso vocês também vão ver em outra história daqui a pouco. Por isso quando ouvirem falar Pítia vocês já sabem que foi uma das encarnações da Tia Neiva. Os espartanos eram nessa época os maiores guerreiros do mundo. Com grandes especializações, inovaram as artes de luta e guerra e eram respeitadíssimos. Como poucos guerreiros os espartanos conseguiam vencer batalhas com o número bem superior de inimigos. Os gregos espartanos ganharam tanta fama que alguns reis alugavam guerreiros para algumas batalhas. Porém, depois de passaram a acreditar em Pítia, ou seja, nos

poderes daquele oráculo, esses guerreiros só partiam após serem ionizados pela pitonisa. E como venciam as batalhas, cada vez mais crescia a fama e a crença ao Deus Apolo. Pítia pedia àquelas jovens para recolherem as armas dos feridos ou dos mortos para serem consagradas no oráculo. Pois acreditava que os soldados que estivessem sem a arma, e esta arma não fosse consagrada seu espírito não evoluía, ficando perdido e em pleno sofrimento. Foram grandes missões executadas pelas jovens Gregas nos socorros daqueles guerreiros feridos. Bem como no recolher de suas armas. Essas jovens, durante estas consagrações ficavam nos portões de honra e guarda enquanto outras faziam aquelas filas levando para o oráculo aquelas armas dos guerreiros. Diz-nos nossa mãe clarividente que esta é a origem das gregas, que vem dessa época junto a Pítia e também a origem da falange missionaria dessa falange de Grega. Essa indumentária também tem origem na época de Pítia. Hoje podemos entender por que nossa mãe clarividente sempre quando ouvia uma Grega fazer a emissão e o seu canto ela chorava e ficava muito emocionada. Pois essa herança foi realmente marcante na bagagem espiritual de nossa mãe em Cristo Jesus.

**A REGENTE CHAMADA DE RAFAELE COMEÇA A EXPLICAR A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** A indumentária está relacionada com a mediunidade. A pessoa que for Lua e escolher ser Grega, ela vai usar essa indumentária na cor verde. Que nela, é composta por vinte e uma estrelas. Na saia, tem quatorze estrelas. Há quatro estrelas formando um cinto, são grandes, e três na parte do peito, junto com a lua. A Capa dela sempre vai ser verde, e quando ela se torna uma centuriã ela vai usar uma telinha na capa. Ela não sendo centuriã, ela usa somente o véu verde junto com a renda branca. A luva também vai ser branca. A ninfa Sol, que usa vestido branco, o véu da capa também é branco, e a renda vai ser amarela. Da mesma maneira vai ser a luva, amarela. Carregamos sempre a nossa lança para todos os lugares no templo, porque faz parte da indumentária. Se eu for ao banheiro, eu encosto a minha lança e faço as minhas necessidades. Se eu for almoçar, eu encosto a lança para que assim eu possa fazer a minha refeição. A indumentária de sol possui um sol em que as pontas do sol vão se graduando de cima para baixo, ou seja, a parte pequena começa de cima e os raios maiores vão para baixo. A fita dela fica debaixo dos três raios, que é justamente para manipular a força dos três raios. O verde fica representando a mediunidade de lua e o branco fica representando a mediunidade de sol. Os nossos trabalhos são os trabalhos de côrte, tanto internos quanto externos. No trabalho de Estrela de Sublimação sempre tem que ter uma Grega. Dentro do Turigano, sempre trazemos a nossa herança, precisa sempre ter uma Grega porque é assim que escutamos o nosso transcendental. O nosso

canto da falange retrata tudo que a gente viveu. A nossa mentora é a Princesa Kali. A gente também tem uma segunda mentora, mas a mentora principal é a Princesa Kali. A nossa segunda mentora é a sacerdotisa Policena. Elas se apresentam para a Princesa Kali nos grandes mares oferecendo uma ajuda e proteção à falange. Mas a nossa mentora mesmo é a princesa Kali. E como ela perguntou, existe a benção dos mentores de falange. Quatro vezes por ano. Nos meses de janeiro, abril, julho e outubro é dividido seis benções por vez.

Faz-se o canto.

### **CANTO DAS GREGAS**

Ó, Deus Apolo, unificado em cristo Jesus! Aqui me tens, firme ao cavaleiro vermelho, que ainda repousa sob as nuvens luminosas de Atenas, porém já unificado em Deus pai todo poderoso. Trago a força da guia missionária abariana verde, a grande Kali, que viu os poderes de Policena sobra as ondas grandes dos mares. Tudo, tudo nos pertence na guarda deste trabalho! Simiromba de Deus, o nosso pai, vem trazer a boa sorte aos nossos irmãos. Parto com - o - em cristo jesus. Salve Deus!

### **FALANGE DE MAYAS**



Figura 18: Indumentária da falange das Mayas.

Fonte: Rejanía Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** A virgem do sol, que é a madrinha das Mayas, é uma das sacerdotisas responsável pela Estrela Sublimação. Um trabalho de grande poder de desobsessão. Foi uma das virgens que conseguiu se livrar dos atos de violências daquela civilização Maya. Ela protegia as virgens sacrificadas e curava as crianças com a água do poço. É protetora da falange e foi uma sacerdotisa da civilização

Maya. Foi a Virgem do Sol que apresentou-se a Tia Neiva para pedir a oportunidade de voltar e conquistar a evolução. Aprendendo o amor crístico e de ter o que é seu de direito. Através do amor trazer uma nova chance a civilização. As crianças e as virgens eram sacrificadas, jogadas no poço para que o Deus da água mandasse mais água e ajudasse na colheita. Essas crianças e as virgens, já violentadas voltavam de dentro do poço e tinha suas vidas. Naquela época as jovens moças vendiam flores, rosas, doces que era um meio de sobrevivência da civilização. Apesar de ter sido uma civilização muito rica em joias, ouro, pedras preciosas, em conhecimentos eletrônicos e numéricos e fenômenos que a civilização participava a olho nu. As naves vindas de Capela ate o fogo realizava fenômenos pela força da mente. Tudo tinham, tudo sabiam, mas somente o amor, essa grandeza não possuía. Viviam sobre suas próprias leis cometendo erros sem punições. Mas a Virgem do Sol, com sua grandeza, firmou o seu pedido com a mãe clarividente, mais uma voto de confiança foi dado e não se pode falhar. A conquista desta missão é o amor, é o Senhor Jesus Cristo, é Deus.

**A REGENTE CHAMADA DE HELENA COMEÇA A EXPLICAR A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** A nossa indumentária é basicamente a mais simples. A diferença da Sol e a Lua é só a questão das cores, dourada e prateada que inverte, no pente e nas armas. Este cálice simboliza o vinho, aqui é a seta simbolizando apará, a lua. O trabalho básico da Maya é côrte. O que eu quero dizer a vocês é que escolha com muito amor, pois tudo está no transcendental. Não está na roupa, não está no trabalho. Está no transcendental. O amarelo e o roxo do véu seguem a fita. A mentora da falange é a princesa Maya. E a nossa madrinha é a Virgem do Sol. O importante dos trabalhos de falange é que cada trabalho precisa de missionárias. Sem essas missionarias os trabalhos não acontecem. Vou fazer o canto para você e depois eu entrego a história.

**FAZ-SE O CANTO.**

**CANTO DAS MAYAS**

Ó, jesus, esta é a hora da individualidade! Venho trazer-te este momento de luz que tenho em meu coração, restos de uma vida que me fez voltar por não saber amar! Conheci a ciência cósmica, promovi a virgem do sol, sou também a alegria da lua! procuro, jesus, encontrar o brilho da jovem guerreira: a virgem do sol. Ó, jesus, tudo queremos fazer nesta jornada para uma nova era! estamos, ó, jesus, com - o -// em teu santo nome, jesus querido. Salve deus!

### FALANGE DE YURICIS



Figura 19: Indumentárias das falanges de Yuricys. Do lado esquerdo representa a lua, e do direito o sol.

Fonte: Rejania Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** A origem das Yuricys vem das terras gregas junto a Pitya, no Oráculo de Delfos. Pitya, umas das encarnações de Tia Neiva era uma profetisa que se inspirava no Deus Apolo e orientava reis, príncipes e nações. Como vocês vêem. A origem das Gregas eram também nas terras gregas|junto a Pitya. Então, a Pitya não vai ser só daquela falange. Na história da Nityama tinha mãe Magdala, que também foi uma das encarnações da Tia Neiva. Sobre a Pitya, suas palavras eram como leis, acatadas por todos e assim tornou-se quase um lenda viva. Somente os espartanos não aceitavam ir ao Deus Apolo. Mas Pitya, embora Divina, também era humana. Com o tempo e devido ao excesso de profecias que lhe exigiam um jejum de vários dias, Pitya após cada Oráculo desfalecia, e sua recuperação requeria vários dias de repouso. Daí a razão dela escolher jovens, cujo os maridos estavam na guerra para auxilia-la na sua missão. Essas jovens eram as Yuricys. Percorriam as planícies gregas macedônicas socorrendo, sob sua inspiração, os soldados feridos em combate. Uma delas, a primeira yuricy, indígena do espaço, enviada de outros planos era mestre da ordem das Yuricys. Como elas não incorporavam e nem profetizavam Pitya presentindo a morte física determinou que elas moldassem as Muruaicys e as Jaçanãs. Pois a história das Jaçanãs, das Muruaicys e das Yuricys é a mesma. Foi nessa época, junto a Pitya, no Oráculo de Delfos. Eram forças fugidas das tribos mercenárias, que

teriam a missão de fazer as profecias do templo através de Pitya. São indumentárias diferentes a da sol e da lua. Bem específicas. Os trabalhos em alguns momentos são distintos para a ninfa sol e ninfa lua. A Grega era duas indumentárias diferentes, mas os trabalhos e o canto tudo é o mesmo. Não existe distinção entre a lua e a sol. Do mesmo jeito é com a Maya, com a Nityama, mas, aqui não, existe uma distinção na indumentária, no canto e em trabalhos. Agora, é lógico que tem trabalho que fazem juntas, como: Abatá, Imunização, Leito Magnético. Para a Yuricy Sol tem o trabalho de Oráculo, Cruz do Caminho, Estrela de Sublimação, Aramê, Casamento, Turigano, a Benção do Ministro e Batizado e, representando a falange tem o Leito Magnético e Imunização. A Yuricy Lua, no Julgamento ela representa Koatay 108, no Turigano é representante de Pitya, ela trás a transcendência dela aqui no Turigano, no Leito Magnético representa a falange. Neste caso são as duas representantes.

**A REGENTE CHAMADA DE HERMÍNIA COMEÇA A EXPLICAR A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** Não é por que sou Sol e ela é Lua que essas cores são diferentes. É porque depois da centúria, quando a gente recebe nossa Guia Missionária, a gente acrescenta outra capa. No primeiro momento a nossa capa é assim, onde a ninfa Sol tem a renda da capa amarela com dourada e a Lua tem a renda branca com prata. A capa, os galões são os mesmos, mas quando inicia, inicia com a cor da mediunidade. A Sol com dourado e a Lua com prateado. Na capa da Lua tem a representação das duas energias da falange, a lua e o sol. E, a sol somente a cruz, porque o doutrinador só usa a cruz e a lua veio com a missão de representar Koatay 108. Então ela traz na condição dessa representação as duas energias da mediunidade de doutrinadora e apará. Caracterizando as duas energias da falange. A elipse representa um portal de desintegração de energia e a gola da Yuricy representa um povo (-0-x-0-) Representação de um povo.

Faz-se o canto.

### **CANTO DA YURICY SOL**

Salve deus! cavaleiro da lança reino central! cavaleiro da lança vermelha! cavaleiro da lança lilás! cavaleiro da lança rósea! meus respeitos com ternura para entrarmos em sintonia. Jesus, está é a hora precisa de nossas vidas, venho neste bendito momento, formar nosso canto universal para melhor servir nesta era. Quisera oh jesus que as pérolas dos anjos e dos santos espíritos se harmonizassem no meu aton, que as sete estrelas do oriente, na estrela sublimação, emitam seus raios no canto da yuricy, no triste reino de delfos, minha mãe clarivedente, responda aqui neste mantra, os poderes de akhenaton, de arakén, dos ramsés, e



de amon-rá, seus eflúvios a brilhar, na sintonia desta força absoluta, que vem de deus pai todo poderoso. Salve deus!

### **CANTO DA YURICY LUA**

Salve deus! Oh jesus! Este é o meu canto, o canto da yuricy na força bendita do luar. Lua! Divna força decrescente que imantra a terra, eflúvios luminosos no raiar de uma nova era. Jesus! Vivo na esperança da noite e do dia! Peço que desloquem as forças do céu em meu favor. Quero sentir o homem de minha tribo, o mestre jaguar! Sou também ninfa jaguar. Venho Jesus, na minha individualidade, pedir os mantras luminosos para a última concentração neste ano do fechamento de uma era milenar. jesus! levaremos rosas de amor, enfeitaremos esta jornada, no desejo de um mundo melhor, estarei sempre com - 0 - // em ti jesus querido. Salve deus!

### **FALANGE DE MURUAICYS**



Figura 20: Indumentárias das falanges de Muruaicys.

Fonte: Pesquisa de campo.

**HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** Elas vieram do tempo de Apolo junto a Pitya. As Yuricys ajudavam os feridos e as famílias desgarradas, mas não incorporavam. Pitya precisava de alguém que incorporasse para continuar as profecias no templo, então ela moldou as Muruaicys e as Jaçanãs, que teriam a função de dar continuidade ao trabalho de Pitya junto às incorporações. Essa é a diferenças das Muruaicys. Os trabalhos da Muryaicy só no Turigano é necessário nove ninfas toda semana, então é necessário está

sempre convidando Muruaicys de outros templos. São nove representantes no Turigano, mas obrigatoriamente são oito, se faltar uma, não ocorre o trabalho. A Muruaicy é responsável pela abertura dos portões, então todos os trabalhos que tem os portões como o Oraculo, Cruz do Caminho, Estrela, como o casamento e o batizado que acontece na Cruz do Caminho é necessário Muruaicys, fora o Leito Magnético que elas fazem a emissão e o canto, onde elas ficam em posição de destaque com o representando do Cavaleiro da Lança Reino Central junto à Jaçanã. Então, tem todos esses trabalhos. A abertura dos portões é feita através de uma chave que é uma abertura de um portal, não é simplesmente abrir a porta. Ela faz a emissão e faz uma chave para abrir aquele portão e assim comece a acontecer os trabalhos, tanto dentro do oraculo, como na cruz do caminho, na estrela sublimação. Então, as Muruaicys trabalham no Oraculo, Cruz do Caminho, Leito Magnético, Estrela de Sublimação, Turigano, Batizado, Casamento, Imunização. As Muruaicys tem como função específica abrir e fechar os portões das Cabalas, Rituais e Sandays, mantendo-se de honra e guarda nesses locais e levar as forças das Muruaicys do espaço às cortes das noivas nos casamentos. No casamento, fora o fato de precisar de Muruaicys no portão da Cruz do caminho é obrigatório Muruaicys na corte da noiva. É sempre necessário a sua presença nos portais e sandays sendo portadoras de poderosas forças desobsessivas. A regente não pode vir hoje, que é a Amélia. Mas ela mandou aqui duas representantes. Por isso a Sônia Aline vai mostrar para vocês a indumentária e as diferenças.

**A NINFA CHAMADA DE SÔNIA ALINE COMEÇA A EXPLICAR A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** A diferença da indumentária da Muruaicy Lua para a Sol é basicamente o sol na frente. A cabala é a mesma e atrás, a capa da Lua vem com a Lua e a capa atrás da ninfa Sol vem só com uma chave. O pente da Sol é dourado e da Lua é prateado. Assim como a gola e o cinto. Tanto o galão como a luva vai mudar só a ordem, a posição do bordado. Mas é a mesma coisa, o mesmo bordado, onde só vai mudar a ordem. Basicamente a diferença é somente essa. No caso da Muruaicy, sua renda é branca, o vestido é branco. temos dois cantos. O que a gente chama de primeiro canto ele só é feito no trabalho de Quadrante. Nós não temos aqui. E o que a gente faz no Leito Magnético e no Abatás é o que a gente chama de segundo canto. É por que tem algumas falanges que tem alguns cantos específicos para aquele trabalho. O que a gente normalmente faz é o segundo canto, que, é feito no Abatá.

Faz-se o canto.

## CANTO DA MURUAICY

Meu deus todo poderoso! Aqui eu venho pedir. São forças senhor, e eu te venho falar. Homens de minha tribo, que necessitam de ti no poder da força absoluta, a energia do jaguar. A harmonia entre eles Jesus! O poder universal, os conselhos dos velhos sábios, os albergues nas noites de luar, o anoday e o anodaê, as pérolas dos santos espíritos e dos anjos de Yemanjá, do teu Simiromba. Oh bom deus! Oh simiromba meu pai! Esta é a hora da tribo, é a hora do jaguar, que nome do pai e do espírito. Salve deus!

## FALANGE DE JACANÃS



Figura 21: Indumentárias das falanges de Jaçanãs. Do lado esquerdo representa a lua, e do direito, o sol.

Fonte: Rejania Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** A história das Jaçanãs é a mesma da Muruaicy. A Nívia é a regente. Aqui ela trouxe a indumentária de Lua e a indumentária de Sol. As ninfas Jaçanãs trabalham na Cruz do Caminho, onde colocam as morsas nos doutrinadores e nas ninfas sol. As Jaçanãs Incorporam Mãe Iemanjá no Turigano, estão a serviço do Oráculo de Iemanjá, já no casamento, são duas Jaçanãs para conduzir a noiva. E no Leito Magnético, ficam em posição de destaque juntamente com as Muruaicys ao lado do Cavaleiro da Lança Reino Central, representando a falange.

**A REGENTE CHAMADA DE NÍVIA COMEÇA A EXPLICAR A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** A indumentária que estou vestindo é a de Lua,

como podem ver ela tem muitas estrelas. Esta outra é a da ninfa Sol e a diferença é que não tem as estrelinhas e sim um sol. E, segue os detalhes do pente. O nosso pente tem essas fitinhas. Ele é diferente dos demais pentes. Ele tem sete fitas. As fitas são a representação da nossa Princesa Jaçanã. O cabelo dela é todo preso com fitinhas e assim representadas no nosso pente. As cores das fitas são as cores do Vale do Amanhecer. Lilás, roxo, vermelho e outras são cores utilizadas no Vale. Se a Guia Missionária da ninfa é amarela, o primeiro véu do pente é amarelo. A minha Guia é vermelha então o primeiro véu do pente é vermelho, pois segue a cor da Guia Missionária. A Guia Missionaria vocês só vão receber depois da centúria. Assim também segue a renda da capa. A nossa renda é de acordo com a cor da nossa Guia Missionaria. O bordado da capa, que são as florzinhas, ela segue a ordem da mediunidade. Quem é Lua começa com a cor das florzinhas prata e quem é Sol começa com a cor dourada. A mesmo ocorre para a luva e para o manto. O canto que a ninfa jaçanã emite é o mesmo em todos os trabalhos, tanto a ninfa sol como a ninfa Lua possui o mesmo canto. E os trabalhos como Cruz do Caminho tanto faz ser Lua como Sol, ambos podem realizá-lo. Quando descobrem a cor da guia missionária, que ocorre após a centúria, e muitas já realizam a centúria de indumentária, deve substituir depois a renda de acordo com a cor da Guia Missionária. E, no caso do véu pente, deve-se apenas trocar a ordem, para coloca-lo na frente, como o primeiro véu, quando souber a cor da guia, pois normalmente já vem a cor.

Faz-se o canto

### **CANTO DAS JAÇANÃS**

Oh Jesus! É a minha hora Jesus! O canto da jaçanã, que mil vezes te peço a perseverança do homem de minha tribo. Que me deste na força absoluta que vem de deus pai todo poderoso, o poder do fogo e da água. Esperam Jesus, de mim, esta simplicidade. Oh simiromba meu pai! Que forças resplandcentes nos dominem e nos conduzam aos grandes fenômenos que o mundo nos espera. Oh força abençoada de deus! Que em nome do pai, do filho e do espírito. Salve deus!

## FALANGE DE CIGANAS AGANARAS



Figura 22: Indumentária da falange de Ciganas Aganaras.

Fonte: Rejania Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** As Ciganas Aganaras representa o espírito nômade, o jaguar, conforme declara nossa mãe clarividente, na lei dos prisioneiros. Recordam as ciganas a tribo Katshimoshy na velha Rússia. Ou seja, essa é uma das batalhas da origem das ciganas. Ali encarnou esta tribo trazendo o misticismo e seu plexo com a força bruxa que propiciava a leitura da Buenadicha, ou seja, a previsão do futuro nas mãos e nas cartas. Tinham também a capacidade de lidar com as plantas e as raízes para curar. Estas eram vendidas e muitas das vezes as pessoas compravam para fugir de suas pragas que ficaram famosas pelos seus efeitos. Os homens da tribo tocavam violão, violino, banjo e pandeiro e, também faziam joias de ouro e prata e, tachos de cobre para comerciar. Vendiam cavalos e galinhas, sendo que muitas vezes o cavalo era pintado conforme a vontade daquele que o encomendava e o resultado quase sempre era drástico. Pois ao lavarem o animal a tinta saía. As festas eram lindas. As mulheres dançavam, os homens tocavam e não faltavam as fogueiras para aquecer e afastar as feras, entre outras, os lobos. Até hoje o espírito cigano encarnado não suporta ouvir o uivo de um cão, pois se lembra dos lobos famintos que comeram muitos deles. Deslocaram-se da Rússia para a Espanha. Na viagem, muitos morreram de fome, de sede, de frio ou foi comido pelos lobos. Somente sobreviveram os que possuíam o talismã Katshimoshy. De acordo com os escritos de nossa mãe clarividente, as velhas Ciganas hoje são as primeiras de falange aos quais ela enumera inclusive os seus nomes ciganos. Esse sentimento de fraternidade e de amor de um povo ainda perdurou no exemplo de nossa mãe clarividente Natasha, uma das encarnações da tia neiva. Que não fazia

distinção entre nós. Todos éramos iguais para ela, todos eram os seus filhos e os filhos destes, seus netos. Graças a Deus podemos dizer que amamos o nosso povo porque tenho presenciado grandes provas disso. Não somos melhores nem piores, somos diferente. Palavras de nossa mãe Tia Neiva. Aqui nós não temos uma sol, mas a regente pode falar o que diferencia na indumentária.

**A REGENTE CHAMADA DE LEIDE COMEÇA A EXPLICAR A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** Como sou médium de incorporação, a indumentária traz o símbolo da estrela e da lua, já a ninfa sol traz um sol na indumentária, que possuem sete raios e o pente é amarelo dourado, a capa da lua é prateada e a da sol é dourada, da mesma forma é a gola. A capa tem o mesmo bordado tanto para a ninfa sol quanto para a ninfa lua. A gola é fixada ao vestido com veucro. Essa gola simboliza a nossa cabala. Os trabalhos específicos é o Aramê e Julgamento. Se não tiver uma Cigana Aganara não tem o trabalho de Julgamento nem do Aramê. Tanto faz ser Sol quanto Lua. O importante é que seja Cigana. A diferença de mediunidade só existe na Estrela de Sublimação que precisa de cinco Lua e quatro Sol quando escalam como as Ismêneas.

Faz-se o Canto.

#### **CANTO DAS CIGANAS AGANARAS**

Salve Deus! Meus reais contemporâneos, Sabemos que a Lei física que nos chama a razão é a mesma que nos conduz a Deus. Quis a vontade de Deus nos colocar diante deste Tribunal que o abnegado espírito de Aragana, em sua simplicidade, alcançou a mais grandiosa Graça em Deus Pai Todo Poderoso. Hoje, temos esta rica oportunidade de reencontramos a dor acrisolada no ódio desses que se dizem nossos inimigos, desses que não souberam sair e continuam sendo nossas vítimas do passado. Andamos, sofremos, sofremos por não sabermos amar, hoje voltamos e compreendemos que somente o amor nos traz libertação! Agora, temos a herança do Cavaleiro Verde com suas redes magnéticas e o amor de nossas Guias Missionárias. Temos a certeza da libertação desses que acrisolamos e que há milênios vivem no ódio, na vingança e na destruição. Temos certeza que hoje eles voltarão para Deus! Salve Deus!

### FALANGE DE SAMARITANAS

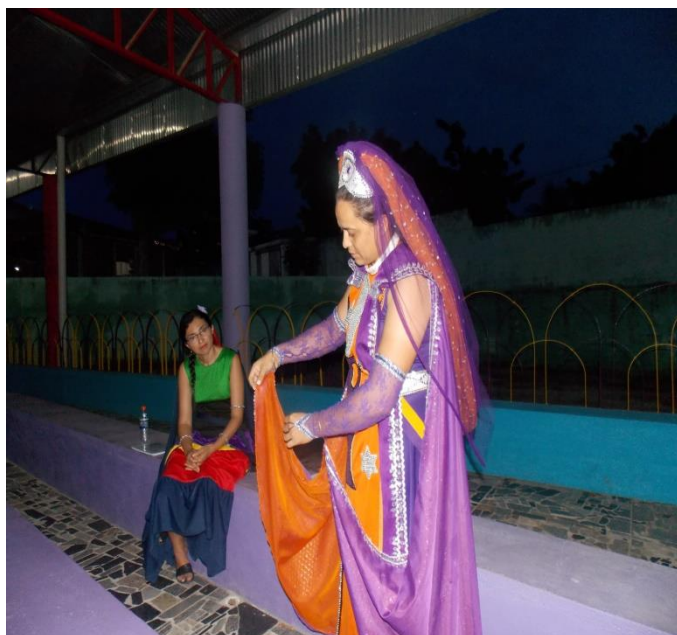


Figura 23: Indumentárias da falange de Samaritanas.

Fonte: Rejania Abreu.

No caso da Falange de Samaritanas, a regente é quem apresentou a história.

#### **A HISTÓRIA CONTADA PELA REGENTE SAMARITANA REGIVANE:**

A nossa história é muito longa, mas ela se resume no evangelho de João, capítulo IV, versículo 4 à 18. A história inicia quando Jesus passa pela cidade de Samaria, em que tinha o poço de Jacó, em que era a terra herdada e prometida a José. Uma terra que não era fértil, mas que tinha esse poço, que é sua grande herança. As Samaritanas têm esses pequenos episódios, nesse período de quaresma, onde se fala muito da crucificação e ressurreição de Jesus, tem um pequeno episódio em que Jesus estava passando com a cruz e tinha um homem que oferecia água e um soldado romano não deixava e o empurrava. E, é que vem uma mulher que consegue passar por todos aqueles soldados e serve água a Jesus. Essa mulher é a representação da cidade de Samaria, que é a Samaritana. A nossa história se resume basicamente nesses evangelhos. As Samaritanas participam de todos os trabalhos, são responsáveis desde a organização do templo, adequação para abertura da corrente mestra. Que é a preparação física ao trocar o sal e o perfume. Somente nós podemos trocar e somente nós podemos consagrar o sal e perfume que os mestres usam para entrar em contato com a espiritualidade. Assim como a do vinho que é tomado nos trabalhos. Cada vinho que é tomado nos trabalhos passa por um ritual. E nós que o consagramos. Aquele vinho simboliza

o sangue de Jesus. Então, desde a troca do sal e perfume a Samaritana é necessária para o templo na Imantração, Imunização, Trabalhos de Consagração, Batizado, Casamento, Iniciações, Centúria, Reclassificações, Reclassificações especiais, Consagração de Adjuntos e Arcanos. Cada consagração é necessária no mínimo uma Samaritana. Todos os rituais são sempre necessário, no mínimo, duas. E os demais trabalhos que também necessitam de Samaritana como por exemplo Imantração, Imunização, Oraculo, Cruz do Caminho e Leito Magnético. Todos estes trabalhos que vocês iram passar posteriormente depois da centúria são necessário, no mínimo, duas Samaritanas. Os nossos trabalhos específicos eles acontecem mais nas quartas feira, sábados e domingos. Estrela de Sublimação tem que ter Samaritana, trabalho de Turigano tem que ter Samaritana, todos os rituais tem que ter Samaritana. Tem que ter Samaritana na corte, têm que ter samaritana para preparar sal, perfume, toalhas, e além de servir água. Os básicos iniciáticos não são trabalhos específicos de Samaritana. Mas todos os trabalhos que requer especificação de falanges tem que ter Samaritana. No trabalho de imunização tem que ter no mínimo três, mas o ideal são quatro. No trabalho de Turigano são cinco. Estrela de sublimação requer no mínimo duas. Leito Magnético no mínimo três. Oráculo, no mínimo três. Cruz do caminho, no mínimo duas. Eu sou ninfa Lua.

#### **A REGENTE CHAMADA DE REGIVANE COMEÇA A EXPLICAR A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:**

A Samaritana, independente de Sol ou Lua tem as cores básicas iguais, o que muda são as suas armas e as suas forças individuais. Nós temos ao nosso plexo o nosso símbolo maior que foi aquela ânfora que a mulher de Samaria serviu água a Jesus. Então esse é o nosso símbolo maior, a nossa força. Segundo Tia Neiva é aqui que nós Samaritanas depositamos os nossos bônus. A Lua ela tem especificação da lua e as sete estrelas e independente de ser lua ou sol, tem no plexo a ânfora. A Lua tem todos os seus bordados prateados. Nós temos uma capa nas nossas cores tradicionais internas laranja e externas lilás. Ao centro nos temos uma capa que ela vem prata pra lua e preto com dourado para a sol. O que mais muda entre a sol e a lua é realmente a cor de seu bordado. Lua é sempre prateado com a lua e as estrelas e, e a ninfa sol sempre dourado com os raios do sol. No período de consagração nós utilizamos uma bata que a gente chama de Bata de Gala. É uma bata de lamê. Lamê é esse tecido que usamos pra fazer o nosso cinto, a gola de nosso pescoço e o pente. Só que ele vem todo dourado, seja Lua ou Sol, só que com os seus bordados e armas específicas. Essa bata nós usamos em nossos grandes rituais. Não usamos nos nossos trabalhos cotidianos, aqueles que acontece nas quartas, sábados e domingos. Usamos em nossos trabalhos



específicos que tem data marcada nos calendários mediúnicos e chamamos de consagrações, sejam eles quais forem: batizado, casamento, centúria, iniciação e elevação. Primeiro a gente tem um vestido todo lilás, costurado na cintura. A gente coloca nossa fita. Ela fica por baixo da bata, isso aqui laranja que vocês veem que tem o nosso símbolo. Isso é uma bata.

Faz-se o canto

### **CANTO DA SAMARITANA**

Oh Jesus! Este é o canto da samaritana, que a dois mil anos suspira por ti. Jesus! Aqui me tens em missão especial eu e minhas irmãs, com o mesmo espírito daquela samaritana que um dia serviu a ti grande mestre, na passagem do teu calvário. Hoje estou aqui, na minha individualidade, levando às legiões o que mais me for possível e o que tanto precisamos receber. É a luta para uma nova era. Venho de mundos afins em busca de te servir. Jesus! Que as forças se desloquem em meu favor. Servindo teus mestres, servirei também a ti. Oh meu jesus! Eles vêm do reino central, confiantes nas palavras que naquela tarde longínqua nos dissestes: “quem beber da água que eu lhe der, não mais terá sede eternamente” dissestes Jesus, e tudo se clareou naquele instante. Hoje estou aqui, com – 0 – em ti jesus querido. Salve deus!

## APÊNDICE 02

### DADOS DE OBSERVAÇÕES DA PESQUISA DE CAMPO NO TEMPLO DE EUSÉBIO – CE, BRASIL.

**DATA: 08.03.2015.**

**EVENTO: REUNIÃO DE MÃE YARA.**

#### FALANGE DHARMAN OXINTO



Figura 24: Indumentárias da falange Dharman Oxinto. Do lado esquerdo representa a sol, e do direito a lua.

Fonte: Rejania Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** A história da missionaria Dharman Oxinto tem início no antigo Egito dos Ramsés, passa pelo verde Peloponeso, pelas planícies macedônicas, pelo império romano, pelo deserto da palestina, pelas nobrezas húngaras, por convento da Aquitânia, pela ensolarada Andaluzia, pelas sinhás e sinhazinhas do Brasil colônia, quando conviveram com os queridos pretos velhos que traziam suas raízes indianas e africanas, sempre foram marcadas pela coragem e pela energia de suas ações. Em Delfos, Pytia organizou as primeiras falanges, que foram as Yuricy, Muruaicys e Jaçanãs e providenciou que na cruz do caminho começassem as iniciações Dharman Oxinto, que significa a caminho de Deus, entregue as sacerdotisas de Horus, receberam o nome de

missionárias Dharman Oxinto, por isso na Cruz do Caminho que são manipuladas energias dos Ramsés e do povo das águas, a Dharman-Oxinto tem lugar de honra e guarda a mãe Iemanjá, esse já é um dos trabalhos específicos dessa falange, toda cruz do caminho, para que ela possa acontecer precisa ter duas Dharman Oxinto, existe uma ninfa lua que incorpora mãe iemanjá dentro da cruz do caminho, mas quem deve estar ao lado dessa ninfa, são as Dharman Oxinto, então se naquele dia não tiver Dharman-Oxinto, não tem cruz do caminho. Assim como, se não tiver Yuricy, Jaçanã, Muruaicy, Nityama não tem Cruz do Caminho. Então, esses é que são os trabalhos específicos, aquele que só a falange pode executar. E através dos tempos, esse grupo de missionárias Dharman Oxinto permaneceu unido por várias encarnações, vindo sempre com muita energia, dedicando-se sempre a lei do auxílio. Eram rainhas e princesas na Europa central, ciganas maravilhosas da Andaluzia. Escreveram uma história amor e coragem por onde passaram, teve uma encarnação que vieram como freiras na idade média numa região próxima a Paris, atendiam em seu convento as vítimas dos senhores feudais que vivam no luxo e na ambição, explorando os humildes, aqueles reis poderosos revoltados com o socorro que elas prestavam as suas vítimas, decidiram exterminá-las, alertadas pelos mentores, as freiras fugiram e se refugiaram nas torres de castelos no meio da grande floresta, ali continuaram sua obra de assistência física e espiritual, sobrevivendo com mantimentos e roupas que aqueles pobres e humildes aldeões surrupiavam dos nobres em seus castelos onde serviam, eram chamadas de fadas da floresta. Na Andaluzia, no sul da Espanha, formaram em outra encarnação um grupo de cigana, com muito poderes, conquistando nobres e reis com sua magia e sua beleza, nessa época a princesa Aline, liderava as Dharman Oxinto nos planos espirituais. Por suas origens, são de grande responsabilidade nos diversos trabalhos e rituais, na atual transição, da nova era do vale do amanhecer. Então, os trabalhos da Dharman Oxinto são: a autorização, nas quartas-feiras, sábado e domingo a partir das 16:00 hs até o encerramento dos tronos. Iniciação no castelo do Apará, lá trabalham duas a três Dharman Oxinto Sol, na elevação de espadas tem uma Dharman Oxinto, no oráculo, a Dharman Oxinto serve o vinho, tudo que for relacionado a vinho, a água, o sal e o perfume, como vocês sabem é da responsabilidade das samaritanas, mas no oráculo e na estrela sublimação quem serve o vinho é a Dharman Oxinto. A samaritana no oráculo, ela serve o copinho, coloca na bandeja, mas é Dharman Oxinto que leva para o paciente. Já na estrela sublimação é a Yuricy com a Dharman Oxinto, a Yuricy enche o copinho e a Dharman Oxinto serve. Na cruz do caminho, como disse a vocês a ninfa fica de honra e guarda para a mãe iemanjá, no leito magnético a Dharman-Oxinto leva a ninfa que fará a emissão até ao Aledá, no Turigano é necessário duas ninfas Dharman Oxinto sol para cada oráculo, que é o

da mãe Iara com as Muruaicys e mãe Iemajá com as jaçanãs e no batizado ela entrega a palhinhas aos padrinhos e no casamento é obrigatório ter Dharman Oxinto na côrte do noivo.

**A RENATA EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA, POIS A REGENTE NÃO PODE COMPARECER A REUNIÃO:** Ela trás a renda da cor da guia missionaria, sabe-se que até a centúria, a ninfa não tem a guia missionária, irá receber somente seis meses após a centúria, nesse caso a Dharman Oxinto e a jaçanã, após receberem a cor da sua Guia Missionária, substituem a renda, que é da mesma cor da pedra. Sendo mediunidade de doutrinadora vem com o brilho dourado e se for apará, que é a lua, com o brilho prateado, o bordado é o mesmo, sendo o galão da veste indica a mediunidade, tem-se um vestido preto, com uma gola, que é dourada ou prateada, bordada toda com lantejoulas, e uma capa, que vem com a renda da cor da guia missionária. O pente sempre vai ser prateado para apará e dourado para doutrinadora, agora esses pentes eles são padrões de acordo com cada falange, as cores do véu sempre vão ser as mesmas, não tem explicação para cada cor, mas os pentes são padrão, cada falange tem seu modelo de pente.

Faz-se o canto.

#### **CANTO DA DHARMAN OXINTO**

Salve deus! Ó, Jesus, venho mais uma vez, nesta bendita hora, ofertar o meu canto e elevar minhas vibrações na missão em que perante simiromba, meu pai, me coloquei! sou uma missionária dharman oxinto, e aqui estou para emitir, com todo o meu amor, a vida iniciática deste amanhecer. Ó, Jesus! Em tua infinita misericórdia, permita que as forças se encontrem e se entrelacem com a luz da razão que existe em cada vida, fazendo crescer, em nossas consciências, a responsabilidade da grandiosa partida desta para uma nova era. Quisera, ó, Jesus, que estas forças benditas pudessem resplandecer em mim, para que eu, emitindo todo o meu amor, possa, onde estiver em minha jornada nesta era, ser o reflexo do bem e da luz! Salve deus!

## FALANGE DE NARAYAMA



Figura 25: Indumentária da falange Narayama.

Fonte: Rejanía Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** Aqui no plano físico são regidas pela força de koatay 108, ela traz até o símbolo, koatay 108, conduzem uma força universal, a do apará e do doutrinador, quando Tia Neiva trouxe essa falange ela colocou koatay 108. Não possui trabalhos específicos no plano físico, podendo atuar em todos os trabalhos. Nos planos espirituais a falange de Narayama tem uma missão especial trazida por Tia Neiva, de serem apresentadas como mulheres de benção, nem por isso são uma falange diferente, procuram se irmanar com todas as falanges e com amor para que possamos chegar naquilo que koatay 108 sempre desejou. São poucas, porém unidas, não procuram se dividir e sim multiplicar essa rica e feliz oportunidade que koatay 108 deixou para complemento de sua missão. A falange da Narayama trabalha nas representações, no trabalho de imunização, no leito magnético e no turigano. Quando tiver cinco ninfas, também poderá fazer o Abatá de falange, que é feito a partir de cinco missionárias. E em todos os outros trabalhos como ninfa lua, na junção, indução, por exemplo, trazendo a força da falange. Em relação ao canto, a falange da Narayama, assim como a agulha Ismênia e da Niatra, elas fazem o canto da individualidade, elas não vão ter aquele canto específico, porém quando elas estão fazendo o canto com a indumentária da falange, elas estão fazendo o canto da falange, ai vocês vão ver que é o mesmo canto, são falanges que vieram muito próximo do desencarne da Tia Neiva, então assim, não houve aquele tempo de ter sido trazido o canto específico, são assim, uma das últimas falanges que chegaram que foram a Agulha Ismênia, Narayama e a Niatra. A ordem

de falanges é de acordo com a chegada das falanges, porque assim na doutrina do amanhecer, as falanges não começaram todas, elas vieram de acordo com a necessidade, tanto que a primeira da ordem são as Nityamas, nas primeiras consagrações dos mestres que até então, usavam só branquinho, não tinha iniciação, não tinha centúria, então para as primeiras consagrações foram trazidas as Nityamas, os Magos e as Samaritanas, então com a evolução dos trabalhos foram chegando as falanges. No templo do Gamúrio também foi assim, trouxemos as falanges de acordo com a necessidade do templo. Há um certo tempo atrás quando nós não tinha o Turigano, Estrela de Sublimação, não fazia sentido termos falanges que não iam ter trabalho específico e deixar de ter algum outro que precisava para continuação do templo. Com a chegada do Turigano, para que tenha a junção de todas as forças é necessário que tenha todas as falanges. Então a Narayama, ela tem o canto da individualidade.

**A CARLA EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA, POIS NÃO HAVIA REGENTE NAQUELA FALANGE:** A ninfa lua e ninfa sol usam o mesmo brasão, o mesmo brasão prata não vai mudar, o que muda é o pente, o cinto e vai ter um sol, mas esse brasão continua igual. Isso que a gente lê para vocês foi o que ficou de história de cada falange deixada por Tia Neiva. A cor do vestido não tem explicação, o forro da capa é um rosa Pink.

Fez-se o canto.

#### **CANTO DA NARAYAMA**

Salve deus, meu mestre reino central! Estamos a vossa mercê! Ó, Jesus, caminhamos na direção da estrela testemunha, que nos rege neste universo. Caminhamos na força absoluta de deus pai todo poderoso. sou escrava do cavaleiro verde especial! Confiante nos poderes divinos, emito o meu primeiro passo para que o poder de nossas heranças transcendentais nos cheguem para a continuação desta jornada. E com a licença de vossa mercê, partirei sempre com - o -// em cristo Jesus. Salve deus!

### FALANGE ARIANA DA ESTRELA TESTEMUNHA



Figura 26: Indumentárias da falange Ariana.

Fonte: Rejanía Abreu.

**HISTÓRIA DA FALANGE CONTADA PELA RENATA:** As Arianas invocam a estrela testemunha, estrela do espaço, testemunha que se encontra neste ciclo do jaguar. Então, todas as conquistas e realizações desta doutrina foram registradas pela estrela testemunha, da qual faz parte, entre outros povos, a falange de Ariana. Nos mundos espirituais, As arianas são como um dos membros da estrela testemunha, tiveram sua participação nas principais realizações desta doutrina, trazida por Tia Neiva, entre as quais a corrente mestra, o mestrado, as falanges missionárias, os trabalhos iniciáticos, os Sandays e os rituais. Hoje no plano físico, as arianas através do seu canto da individualidade invocam o poder dos faraós e do rico vales do reis em busca de suas heranças e de suas origens que partem dos grandes oráculos de Ramsés, Akhenaton e Amon - Rá, onde elas tem um grande compromisso. Clama pelos cavaleiros do reino central, lança vermelha, lança rósea, lança lilás e cavaleiros de Oxossi, pedindo sempre a sintonia com a divina estrela do céu, traduz também o compromisso das arianas com os trabalhos iniciáticos. As arianas viveram na cruz do caminho e um dos seus trabalhos era ir a busca dos perdidos, na época das grandes conquistas, porque tinham o poder de se comunicar por telepatia, naquela época já se fazia presente o poder da conquista universal, o poder cabalístico. As arianas saíam pregando o evangelho vivo de nosso senhor Jesus Cristo, fazendo os doentes adormecerem amenizando e curando a

sua dor. Seu trabalho era com os vivos, pelos fenômenos que faziam principalmente na cura da mente humana e devolviam a fé aos homens. Aturam na Persia, na Grecia, onde eram muito perseguidas, onde enfrentaram muitas dificuldades. A Ariana ostenta em sua indumentária, na altura do plexo, um brasão com sete raios coloridos, o brasão representa a mesa evangélica e os raios, a força do jaguar. Então, o trabalho da Ariana, assim como o da Narayama são todos os trabalhos, não existe aquele trabalho específico que diz se não tiver a Ariana, não acontece o trabalho, porém, ela através do seu canto, invoca os cavaleiros. Representa no Turigano e no Leito Magnético.

**A LITUÂNIA, REGENTE DAS ARIANAS, EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** Não existe muita diferença das ninfas lua e sol, a não ser o dourado e o prateado, para quem é sol usa-se o dourado, e a lua o prateado, e a sequência dos galões, mas o pente é igual, tudo é igual.

Fez-se o canto.

#### **CANTO DA ARIANA**

Salve deus! Meu mestre, 1º cavaleiro da lança reino central, raio adjuração. Eu ninfa lua, missionária ariana, em nome de simiromba nosso pai, trago o canto da ariana da estrela testemunha para melhor servir a vossa mercê. Salve deus! Oh Jesus! Este é o canto da minha individualidade. Quero emitir neste mantra todo amor. Que os anjos e santos emitam suas pérolas em benefício deste trabalho. Jesus! Que o poder dos faraós, dos Ramsés, de Akhenaton, e de Amon-rá e do rico vale dos reis venham na força absoluta que vem de deus pai todo poderoso para a assistência deste trabalho, que meu pai simiromba confiou. Cavaleiro da lança reino central, cavaleiro da lança vermelha, cavaleiro da lança lilás, cavaleiro da lança rósea, cavaleiro de oxosse, vamos entrar em sintonia com a divina estrela do céu, em deus pai todo poderoso. Salve deus, meu mestre, 1º cavaleiro da lança reino central, peço licença a vossa mercê para me retirar. Salve deus!



### FALANGE DE CAYCARA



Figura 27: Indumentárias da falange Cayçara. Do lado esquerdo representa a sol, e do direito a lua.

Fonte: Rejania Abreu.

**HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** Havia numa mata selvagem um povo, comandado pela princesa Cayçara, povo este que vivia sendo perseguido por outras tribos que queriam exterminá-los. Um dia a Cayçara teve uma visão, uma grande quantidade de guerreiros iriam atacá-los e seriam destruídos, mandou seu povo para esconderijos na mata e se permitiu ficar, sendo aprisionada pelos inimigos, a certeza que destruindo-a não mais se reuniria contra seu povo, fez com que os guerreiros não procurassem pelos outros que haviam se escondido. Contentando-se em torturar a Cayçara até que a mataram em uma roda de fogo. A tribo de Cayçara sem sua liderança se separou e se perdeu, hoje nos planos espirituais a princesa Cayçara os está reunindo, harmonizando-os no sacerdócio da doutrina do amanhecer, constituindo-se numa falange de caçadoras que trabalham junto aos Cavaleiros da Falange de Ypuena. Constituindo numa falange de caçadoras, vão ao vale das sombras penetram em cavernas e com suas redes magnéticas resgatam espíritos com ajuda de outras missionárias, como descreveu Katay 108, as Muruaicys vão à frente, abrindo os portões magnéticos dos vales das sombras e das cavernas. Como a gente viu, é por isso que a Muruaicy hoje ela é responsável pelos portões, nos planos espirituais elas vão abrindo os portões magnéticos dos vales das sombras e das cavernas onde se encontram espíritos que por sua força e ferocidade, se apresentam deformados pelo ódio, pela vibração negativa, assumindo tristes formas animal e até mesmo monstruoso, esses espíritos tem de ser levados para serem doutrinados na Estrela Candente. A Cayçara representa a Estrela Candente, pelo trabalho nos plano espiritual de levar esses espíritos até a Estrela Candente. As Muruaicys

jogam seu charme emitindo lindos mantras e vão enlaçando grandes espíritos, e estes hipnotizados vão deixando os negros abismos e se aproximando dos portões, junto aos portões estão as madalenas, que vocês vão já ver, que fazem uma espécie de poço de lama etérica escura e pegajosa, nas quais elas mergulham ficando irreconhecíveis, ficando com aspecto semelhantes à aqueles espíritos sem luz, quando os espíritos sofredores a vêem tentam agarrá-las, supondo ser da mesma concentração que eles, é o momento que as Cayçaras lançam suas redes magnéticas, aprisionando-os e com a proteção dos cavaleiros de Ypuena, os levam para serem atendidos sob a força do cavaleiro da lança vermelha na Estrela Candente, onde recebem o choque da força magnética animal emitida pelos mestres escalados, que fazem uma doutrina, sendo elevados aos planos espirituais de acordo com seu merecimento. Então, esse é o trabalho da Cayçara no plano espiritual. No templo a Cayçara trabalha representando nos trabalhos de turigano, leito magnético e na imunização. É importante ter a representação da Cayçara sempre estar na estrela candente. Apesar de que não ira deixar de ter uma estrela candente se não tiver uma ninfa da falange de Cayçara, mas sua energia é importante em razão desta representação.

#### **A MARIANA, REGENTE DAS CAYÇARAS, EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:**

Na indumentária mudamos apenas a representatividade do sol e da lua, a ninfa sol ela tem um sol e os detalhes que são dourados e da lua são prateados.

## FALANGE DE ROCHANAS



Figura 28: Indumentária da falange das Rochanas.

Fonte: Rejania Abreu.

**HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** As Rochanas, falange missionária que tem suas origens na Grécia Antiga, quando um rei se apaixonou por uma linda súdita e a sua rainha iniciou uma feroz perseguição a ela, querendo destruí-la de qualquer maneira. Com um grupo de mulheres que estavam também sendo perseguida, a moça se refugiou em uma ilha pedregosa do mar Egeu, e ali se organizaram, escondendo-se nas grutas e vivendo da caça e pesca, vestidas simplesmente com túnicas brancas e enfeitadas com conchas, sempre preocupadas em se esconder de seus perseguidores, mas levando uma vida simples, livre e saudável. O trabalho específico da Rochana é a estrela sublimação, que obrigatoriamente precisam de duas missionárias Rochanas, que ficam de honra e guarda durante a emissão e canto dos representantes do cavaleiro da lança vermelha. Então, é obrigatória a presença de duas Rochanas dentro da estrela para que a mesma aconteça. E os demais trabalhos atuam como representante, cuja presença não é obrigatória, mas é importante que tenha a sua representante no leito magnético, no turigano e na imunização.

**A LOURENE, REGENTE DAS CAYÇARAS, EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** A nossa indumentária é um vermelho chamativo, mas é uma indumentária simples. O nosso pente não tem tanto detalhe como os outros pentes de outras falanges missionárias, como o brilho que os pentes de outras indumentárias têm, é muito simples, o véu são apenas duas cores: o roxo e o vermelho, as nossas armas de ninfa sol fica do lado esquerdo, já os raios da ninfa lua ficam do lado direito, porém na parte superior, de

um lado fica uma estrela, do outro fica uma lua. O roxo é igual, e a ninfa sol é dourada, e a lua é prata. O resto é igual, o radar dos devas na capa e a sandália também faz parte, ela tem de ser vermelha. Obrigatoriamente em todos os trabalhos que o representante da lança vermelha emitir, devemos ficar de hora e guarda.

Fez-se o canto

### **CANTO DAS ROCHANAS**

Oh Jesus! Esta é a hora feliz da minha vida, que ora sinto despertar em mim todo este amor! Guia-me Jesus! Sou uma Rochana e venho de terras distantes em busca de te encontrar! Oh Jesus! Dai-me forças para que eu possa emitir o meu canto silencioso da cura desobsessiva dos cegos, dos mudos e incompreendidos. Jesus! É a hora da individualidade e me faz Jesus, sentir a tua grandeza em Deus Pai todo misericordioso, que me deu esta rica oportunidade de reparar meus erros com amor, que um dia errei por não saber amar. Ensina-me Jesus, a distribuir esta maravilha a todos aqueles que de mim necessitarem. Dai-me Jesus, o poder de emanar à luz desta Doutrina, transformando sempre para o bem, até conseguir Jesus, levá-los a caminho de Deus Pai todo poderoso, deixando que as pérolas dos Anjos e dos Santos Espíritos sejam minha esperança e minha Guia. Salve Deus!

### **FALANGE DE MADALENAS**



Figura 29: Indumentárias da falange de Madalenas. Do lado esquerdo representa a lua, e do direito o sol.

Fonte: Rejania Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** Essa Falange surgiu na Europa, na Idade Média, como freiras que, nos conventos, auxiliavam aquelas fidalgas que buscavam proteção contra a prepotência de seus preceptores, fugindo de casamentos não desejados ou de alianças desastrosas. A outra passagem é Junto as Muruaicys, em que as Madalenas fazem uma espécie de poços de lama etérica, escura e pegajosa, nos quais mergulham, ficando irreconhecíveis, com aspecto semelhante ao daqueles espíritos sem luz. No plano físico a Madalena forma uma côrte responsável pela condução das ninfas dos oráculos de mãe Iemanjá, de mãe Yara e dos mestres que iram emitir no Turigano, então é necessário que tenham três madalenas todo domingo para que aconteça o trabalho de Turigano. O ideal são quatro ninfas madalenas no trabalho de turigano, para que tenha uma representante, apesar de não ser obrigatório como a necessidade das três ninfas. Pelo transcendente, trabalhou como freiras em conventos recebendo aquelas pessoas com problemas em casamento, por isso no ritual de casamento do Vale do Amanhecer, elas estão representando no casamento.

**A VERA, REGENTE DAS MADALENAS, EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** As indumentárias de ninfa sol e ninfa lua são muito parecidas. Tendo como armas as estrelas, os raios e a seta que representa a mediunidade, no caso da doutrinadora a seta está para cima, porque o doutrinador eleva espíritos. O pente é dourado ou prata, de acordo com a mediunidade. Quando a ninfa recebe sua guia missionaria, não existe necessidade de alterar sua indumentária. A Madalena utiliza o véu em alguns trabalhos: no turigano (sempre com véu), e em todos os trabalhos de incorporação do povo das águas, no randy, no leito, no julgamento, na cruz do caminho e na imantação externa.

Fez-se o canto.

#### **CANTO DAS MADALENAS**

Salve deus! Eu sou o caminho da verdade e da vida. Ninguém irá ao pai senão por mim! Tu nos dissestes, Jesus querido, e aqui estamos, em espírito e verdade, em busca deste caminho, que será a nossa salvação! Deste-nos, em teus profetas, esta jornada feliz para a cura e a vida desta tribo para que o nosso amor resplandeça no caminho. Em nome do pai e do espírito. Salve deus!

### FALANGE DE FRANCISCANA



Figura 30: Indumentária da falange Franciscana.

Fonte: Rejanía Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** Eram de tribos de guerreiras, não conheciam a civilização, mas eram unidas e lutavam pela sobrevivência e sempre em proteção aos mais fracos, ou seja, tribos menores. Quando uma tribo lutava contra outra, tinha sempre cuidado em enterrar os derrotados que estivessem vivos ou mortos, então, eram guerreiras que saíam à noite e com as mãos desenterravam e retiravam os vivos a fim de curá-los, faziam sapatos de com as próprias vestes para colocar nos pés feridos dos doentes, fazíamos tuneis que chegavam até os depósitos de mantimentos dos castelos com ajuda dos serviçais dos mesmos e de lá roubavam o que podiam para as tribos necessitadas. Muitas vezes carregavam tanto, que morriam carregando fardos tão pesados, mas quando entrávamos em luta, eram ferozes, exigentes consigo mesmas e obedientes a quem as comandava, sempre unidas sem pedir nada em troca. Conviviam pacificamente com outros povos também guerreiros, em que traziam os doentes também para serem tratados por elas, as chamados de fadinhas da floresta, as Dharman Oxinto, levavam os doentes para as franciscanas cuidarem. Foram enfermeiras das guerras e sempre tentando salvar vidas. Depois dessas encarnações, foram as Clarissas em 1181 em Assis e novamente em 1981 como franciscanas no vale do amanhecer. Como Clarissa, uma de nossas encarnações marcantes, começou no ano de 1181. Clara de Assis conheceu Francisco de Assis na Igreja de São Rufino e deste encontro surgiu uma enorme simpatia de amizade. Elas possuem dois trabalhos específicos: oráculo e turigano. No oráculo,

a franciscana tem como papel conduzir o paciente até a porta do trabalho, para ele fazer sua mentalização em frente ao Pai Seta Branca, uma das reencarnações de São Francisco de Assis. Atuam também conduzindo os mestres no turigano, precisam-se de três franciscanas para o trabalho de turigano. E nos demais trabalhos atuam na representação da falange, que funcionam sem sua participação.

**A RENATA EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA, POIS ESTA FALANGE ESTAVA SEM REGENTE:** A indumentária da Franciscana como não tem um mentor específico, a franciscana é representada por Francisco de Assis. A indumentária dela traz a simplicidade e as cores do Francisco de Assis, o vestido é todo marrom, o cinto é representado pelo cordãozinho de São Francisco, não trás bordado. O pente que a ninfa usa pode ter a pedra verde ou vermelha, de acordo com a mera liberalidade de escolha da ninfa, a arma é a mesma para sol e para lua, mudando a cor da sianinha da capa, que também vai ser dourada ou prateada de acordo com a mediunidade de doutrinadora ou apará, respectivamente. A sandália é obrigatoriamente branca, tanto pra Franciscana quanto para a Grega.

Fez-se o canto.

#### **CANTO DAS FRANCISCANAS**

Jesus! Nesta bendita hora, venho unir-se às minhas irmãs e emitir o meu canto, o canto da missionária vinda do mundo verde. Eu sou, Jesus, a franciscana de Assis, o simiromba de deus pai todo poderoso, que me ensinou a verdadeira cura desobsessiva dos cegos, dos mudos e dos incompreendidos. Sempre Jesus, em teu santo nome, viverei sempre, ao bem dos que necessitam de mim. Em nome do pai, do filho e do espírito. Salve deus!

### FALANGE DE CIGANA TAGANAS



Figura 31: Indumentária da falange Cigana Tagana.

Fonte: Rejania Abreu.

**HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** No oráculo de delfos as Ciganas Taganas em Esparta, dispunham da força desobsessiva e curadora da poderosa Rainha de Sabá. Na época da escravidão negra, quando Nossa Senhora do Apará descia de planos superiores aos galpões dos navios negreiros para trazer o consolo e o amor incondicional, para milhares de homens e mulheres agastados pelo sofrimento, dor e humilhações. A Cigana Tagana acompanhava para proporcionar com amor a cura física e espiritual àqueles seres desamparados e sofridos, mas como missão principal, a Cigana Tagana trazia consigo, com permissão superior, o poder da harmonia. Por isso, o compromisso maior das Ciganas Taganas é levar a harmonia em todo e qualquer lugar, em trabalhos ou rituais. Em outros períodos, faziam contato com os deuses no oráculo de Delfos, pediam proteção para o seu povo, também trabalhavam recolhendo os feridos e doentes levando para a cruz do caminho e aguardando até que ficassem curados, então eram feitos os julgamentos. Tia Neiva dizia que uma Cigana Tagana pode não só harmonizar um trabalho espiritual como também qualquer ponto do universo. Então o trabalho da Cigana Tagana é o julgamento e o aramê. No julgamento e aramê tem como missão trazer essa harmonia, principalmente para aqueles espíritos que estão presos em redes magnéticas esperando o julgamento dos mestres, estes que em outra reencarnação lhe causaram dor. A Cigana Tagana representa a falange fazendo a emissão e canto, são responsáveis pelo sal e perfume e por receber os exês das ninfas ao final



do trabalho de julgamento e aramê. É de responsabilidade da Cigana Tagana e Aganara por conduzir a representante de koatay 108 para o seu lugar.

**A RENATA EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA, POIS A REGENTE EVELINE NÃO PÔDE SE FAZER PRESENTE:** A diferença da ninfa sol para a ninfa lua está em que a lua tem suas armas na cor prateada e a sol na cor dourada, como as correntes, o cinto, a figura do cálice, e a presença do símbolo do sol com seus raios na saia da ninfa doutrinadora e a lua com as estrelas na saia da ninfa apará. O verde é uma cor que se destaca, pois está no pente, nas luvas, na saia da parte de trás e na capa em ambas as ninfas, seja esta lua ou sol.

Fez-se o canto

### **CANTO DA CIGANA TAGANA**

Oh! Jesus. Nesta bendita hora, eu quero falar com deus. Quero sentir todo o meu amor, eu sou uma pequena ninfa, sou uma Tagana. Que desejo servir por todo universo, na luz iniciática do santo evangelho. Venho do mundo verde, em missão especial de uma nova era, na esperança de um mundo melhor e na grandeza de deus pai todo-poderoso, aqui estarei sempre, com -o- //, em ti Jesus querido, salve deus.

### **FALANGE DE TUPINAMBÁ**



Figura 32: Indumentária da falange de Tupinambás.

Fonte: Rejanía Abreu.

**A HISTÓRIA CONTADA PELA NINFA RENATA:** Foi uma falange que foi trazida a pedido de Pai Seta Branca. Então, Tia Neiva falou para ninfa Yone que o pai Seta Branca tinha uma missão para ela, e a missão era implantar e corrigir a falange Tupinambá. Elas vieram com a finalidade de fazer um trabalho social em que atenderiam crianças desamparadas e aos pacientes necessitados de um apoio material ou espiritual, em especial aos dominados pelo vício do álcool e da droga. Por muitos anos a Yone se dedicou a esse trabalho, doando juntamente com as missionárias, amor e carinho, estimulando aos desamparados que tivessem esperanças na vida. A finalidade da falange é a questão social para o templo e para os pacientes. No templo de Eusébio, elas trabalham na organização das barracas, limpeza, mutirão, cantina e bazar.

**A MAYRA, REGENTE DAS TUPINAMBÁS, EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** A diferença da ninfa sol para a ninfa lua está na cor prata e dourada basicamente. Portanto o que muda nas simbologias é que na bata da ninfa sol, na parte superior tem um sol, e na saia da ninfa são encontrados raios de sol e da ninfa lua, na parte superior não tem nada e na saia tem a lua com suas estrelas.

Fez-se o canto

#### **CANTO DAS TUPINAMBÁS**

Oh Jesus! Divino e amado mestre. Nesta bendita hora, venho em teu santo nome, emitir o canto de missionária tupinambá. Trago o destino nesta rica oportunidade que me foi dada junto aos meus irmãos, ensinar o caminho dos que, desesperados, vêm procurar esta grandeza absoluta de deus pai todo poderoso. Dai-nos forças Jesus! Para melhor vos servir na cura desobsessiva dos cegos, dos mudos e dos incompreendidos. Grandeza de deus que o nosso Jesus amado nos confiou, nesta jornada para o terceiro milênio, que as forças nos cheguem para que eu possa encaminhar, ajudando estes que chegam em busca da cura de seus males físicos e espirituais. Em teu santo nome Jesus, estamos aqui, a mercê do teu julgamento. Jesus querido! Venho do mundo verde, e hoje sou a missionária, uma missionária especial em teu santo nome. Em nome do pai, filho e do espírito. Salve deus!

### FALANGE DE AGULHA ISMÊNIA



Figura 33: Indumentárias da falange Agulha Ismênia.

Fonte: Rejania Abreu.

**HISTÓRIA CONTADA PELA NINFA RENATA:** São remanescentes do oráculo de Amon Rá, o Deus do Sol, sua indumentária traz o simbolismo do sol e da lua. Tia Neiva relatou que o seu trabalho aqui na terra atingi diretamente o canal vermelho, que é uma cidade do plano espiritual. Trabalhando ao lado do cavaleiro da lança vermelha, são conhecidas no espaço como as samboaras, as mulheres destemidas, pois as força da falange chega aos lugares de mais difíceis acessos, para libertar os irmãos sofredores e resgatar os charmes das vidas anteriores. Tia Neiva revelou também que o povo que rege a Agulha Ismenia são os mais severos do espaço, e não aceita erro humano, por isso a primeira Agulha Ismenia, teve que ficar sete dias com Tia Neiva, no sétimo da casa grande, para receber a cultura desse povo. Inicialmente o nome dessa falange veio como Agulha vermelha, por que a chegada da Ismenia a terra geraria um grande impacto nos mundo inferiores e no plano físico. Por isso, tiveram que firmar essa força com outro nome, onde apenas em 30 de outubro 1985, efetivou-se como Agulha Ismenia. Ela não tem um trabalho específico, atualmente a Ismenia está todo sábado no trabalho de estrela de sublimação. Ela faz a representação no turigano, leito magnético e Imunização.

**A RENATA EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** A indumentária da Agulha Ismenia traz hieroglíficos egípcios de acordo com seu transcendental. Seu pente traduz um latão de forças, que é todo colorido. A questão mediúnica muda as cores

do pente, cinto e dos símbolos, as figura das luas e das estrelas estão na indumentária da ninfa apará, e a do sol e seus raios da ninfa doutrinadora.

Fez-se o canto.

### **CANTO DAS AGULHAS ISMÊNIAS**

Salve deus! Meu mestre reino central, estamos a vossa mercê. Oh, Jesus, caminhamos na direção da estrela testemunha, que nos rege neste universo. Caminhamos na força absoluta que vem de deus pai todo poderoso! Sou (escrava se for lua; ninfa se for sol) do cavaleiro verde especial. Confiante nos poderes divinos, emito o meu primeiro passo para que os poderes de nossas heranças transcendentais nos cheguem, para a continuação desta jornada. E com licença de vossa mercê, partirei sempre com -0-// em cristo Jesus. Salve deus!

### **FALANGE DE NIATRA**



Figura 34: Indumentárias da falange de Niatras. Do lado esquerdo representa a sol, e do direito a lua.

Fonte: Rejania Abreu.

**HISTÓRIA CONTADA PELA RENATA:** As Niatras foram trazidas por Koatay 108, em abril de 1984, inicialmente compostas por sete ninfas Lua, para participação no 1º de Maio daquele ano. Têm função específica na Estrela Sublimação, quando na condução do Santo Nono, que corresponde as esmênias e seus mestres, para os esquifes. As Niatras não podem participar do trabalho como esmênias. Segundo instrução de Koatay 108, as Niatras seriam somente ninfas do Templo-Mãe. Porém, com a construção da estrela de sublimação em outros templos foi permitida a saída da Niatra para outros templos. Em suas

origens, as Niatras eram um número reduzido de religiosas que, com a ajuda do Cavaleiro da Lança Vermelha, levavam conforto às famílias das jovens que iam para o sacrifício. Trabalham somente com a presença de duas ninfas nos trabalhos ou rituais, exceto turigano, leito magnético, onde apenas uma Niatra faz emissão e canto.

**A MAZÚ, REGENTE DAS NIATRAS, EXPLICA A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA:** Na indumentária o que modifica é dourado para sol e prata pra lua, a figura do sol na veste da doutrinadora e das estrelas na veste da apará, já o pente é único para duas mediunidades.

Fez-se o canto.

### **CANTO DAS NIATRAS**

Salve deus! Meu mestre reino central, estamos a vossa mercê. Oh, Jesus, caminhamos na direção da estrela testemunha, que nos rege neste universo. Caminhamos na força absoluta que vem de deus pai todo poderoso! Sou (escrava se for lua; ninfa se for sol) do cavaleiro verde especial. Confiante nos poderes divinos, emito o meu primeiro passo para que os poderes de nossas heranças transcendentais nos cheguem, para a continuação desta jornada. E com licença de vossa mercê, partirei sempre com -0-// em cristo Jesus. Salve deus!